

# GARTH NIX

A SÈTIMA TORRE III



**AENIR**

 SCHOLASTIC

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



**A SÉTIMA TORRE III**

**AENIR**

**Garth Nix**

## SINOPSE

O mundo de sonhos de Aenir não é um lugar seguro. Um passo em falso pode levar ao perigo, a ciladas ou.. à morte. Tal e Milla precisam encontrar seu caminho através dessa paisagem enganosa. Estão procurando o Códex, um estranho objeto mágico que decidirá o destino de seus mundos. Muitas criaturas se interpõe em seu caminho – desde os Pastores de Tempestades, feitos de nuvens, e do enxame de Vêsboras até uma figura horripilante chamada Rudbrut. Tal e Milla não podem ir embora de Aenir sem o Códex. Mas encontrá-lo é muito mais perigoso do que poderiam imaginar...

## Capítulo 1

A montanha parecia uma gigantesca massa de pedra cinzenta erguendo-se sobre o vale verdejante.

Mas não era uma montanha.

Era uma criatura de pedra. Velha, fria e imensa, gostava de ficar num mesmo lugar por centenas de anos, dormindo e sonhando com a época de seu nascimento, nos rudes tempos do começo do mundo.

Como estava havia muito num mesmo lugar, a maioria dos viajantes achava que aquilo era algo fixo e permanente, parte integrante da região. Diferentemente de todo o resto de Aenir, onde as florestas andavam, as colinas brigavam e os rios mudavam seu curso quando bem entendiam.

Em seus mapas, os Escolhidos do Castelo chamavam aquele brutamontes de pedra de Montanha da Pedra Fria. Todos os anos, eles vinham a Aenir e passavam semanas caçando e escrivando criaturas nativas, que levavam consigo de volta a seu próprio mundo para servi-lhes, como Espíritos-Sombra.

Mas alguns Escolhidos sabiam que a Montanha da Pedra Fria não era uma montanha. Um deles tinha até descoberto como fazê-la se mover.

Certo dia, ele fizera a Montanha da Pedra Fria se espichar, emitir um grande ronco e erguer-se de seu leito de pedras menores que formavam o solo do vale.

Enquanto a criatura arqueava as costas, dois outros Escolhidos — parceiros do primeiro — enfiaram-se por debaixo daquela barriga feita de granito salpicado de dourado, e puseram alguma coisa num dos inúmeros buracos e cavernas que abundavam, como pústulas, nas entranhas da Montanha da Pedra Fria.

Mas, para seu azar, o líder do grupo não conseguiu manter a mágica que fazia a montanha se mover. Ela arriou um pouco antes do esperado e os dois homens morreram esmagados. O objeto que esconderam na tal fenda sobreviveu, oculto na escuridão, sob seiscentos trechos de rocha sólida.

Esse objeto era praticamente indestrutível. Um bloco de cristal que crescera num formato retangular e tinha aproximadamente o tamanho de um homem dos Escolhidos, sendo três vezes mais largo e tendo apenas um palmo de espessura. Mesmo na ausência de luz, sua superfície brilhava como a água refletindo a lua, uma misteriosa luminosidade prateada.

Ocasionalmente, a luz podia ondular, produzindo um efeito de arco-íris e, quando isso acontecia, imagens que pareciam vivas moviam-se sobre sua estranha superfície. Ou então, coisas escritas, tanto no complexo e elegante alfabeto usado pelos Escolhidos, quanto nas runas versais dos Homens-do-Gelo.

Esse objeto estranho e luminoso era o Códex dos Escolhidos que, na verdade, deveria ficar no Castelo, no alto da Montanha da Luz, no Mundo Escuro. Ele não pertencia a Aenir, e jamais deveria ter sido levado para lá.

O Códex tinha inúmeros poderes, mas nenhum que pudesse ajudá-lo a escavar a pedra ou fazer com que a criatura-montanha se movesse. Todo o seu poder estava no conhecimento — reunir e difundir conhecimento.

Ali, nas escuras profundezas de sua prisão rochosa, o Códex só podia usar um de seus vários poderes. Era capaz de ver e ouvir através da mente de animais, usando-os como olhos e ouvidos.

Assim que a montanha que o aprisionava se assentou, ele começou a procurar essas mentes.

No primeiro ano, o Códex encontrou vermes surdos e desprovidos de olhos.

No segundo, encontrou grilos cegos que ficavam escavando as muitas rachaduras e fendas que havia na montanha.

No terceiro, encontrou torrões de musgo semi-inteligentes que, no entanto, não possuíam nenhum sentido que o artefato mágico pudesse compreender.

Anos a fio, o Códex continuou enviando seus filamentos mentais de busca, mas só encontrava criaturas inúteis... ou nada.

Entretanto, o Códex não era de desistir. Continuaría tentando por centenas ou até milhares de anos.

Felizmente, não precisou de tudo isso. Vinte e dois anos depois de ter sido roubado do Castelo e posto debaixo da montanha, ele encontrou um Grugel. O Códex nunca tinha encontrado pessoalmente um desses seres antes, mas soube exatamente o que ele era quando sentiu a mente de um pequeno roedor cascudo. Ele tinha penetrado ali para comer os grilos cegos e, agora, estava voltando. Passou pela caverna onde estava o Códex enquanto subia por um túnel estreitíssimo, usando, para isso, suas patas recurvadas e erguendo a cauda igualmente recurvada como se fosse uma corda de escalada.

O Códex entrou na mente do Grugel e foi com ele para o mundo exterior. Podia penetrar na mente de centenas de inteligências em nível animal, de uma vez só, ou na de uma única criatura de Aenir com inteligência humana, embora isso fosse mais difícil. Não podia, porém, entrar na mente de seres humanos de verdade. Isso tinha sido proibido por aqueles que o conceberam.

Mas o Códex tinha de se ater a seu objetivo inicial, ou seja, poder ver o mundo através de um de seus olhos auxiliares.

A partir do Grugel, penetrou na mente de um par de Lipts que perambulavam por ali e, depois, em todo um enxame de Froxes. E continuou arranjando olhos e ouvidos adicionais utilizando todo tipo de criaturas. Aos poucos, a percepção do Códex ia se estendendo por quase toda a superfície de Aenir.

Sua presença não era, porém, constante. Às vezes, algumas criaturas morriam ou o Códex simplesmente perdia contato, como acontecia quando elas se afastavam muito de algum outro par de olhos e ouvidos seus. O tempo todo, precisava estar mantendo aquelas várias centenas de mentes ligadas à rede de espionagem formada a partir de sua escura prisão.

Estava sempre na esperança de ver ou ouvir alguém perguntar o que ele queria desesperadamente responder: “Onde está o Códex dos Escolhidos?” ou “Como eu poderia encontrar o Códex?”

Se essa pergunta fosse formulada, o Códex poderia usar um dos animais que controlava para guiar a pessoa que tivesse perguntado, ou para se comunicar com ela.

Mas era da natureza do Códex apenas responder a perguntas. Ele não podia agir por sua própria conta.

Assim, continuava lá, na sua prisão, pensativo, observando a vida em Aenir através dos olhos de seus diversos agentes, e ouvindo através de seus vários ouvidos.

Prestava mais atenção nos Escolhidos, que eram o seu povo. No Dia da Ascensão, enviaria milhares de criaturas correndo, pulando, voando e escavando a terra até o Território dos Escolhidos, para esperarem pelas pessoas do Castelo que viriam do Mundo Escuro, como todos os anos.

O Códex sabia que os Escolhidos eram proibidos de vir a Aenir antes do Dia da Ascensão, mas alguns vinham, mesmo assim. Ele observava essas pessoas com uma atenção toda particular. Afinal, fora trazido para Aenir por Escolhidos que fizeram a passagem antes dessa data.

O Códex não sentia realmente emoções humanas — ou, pelo menos, se convencera disso. Mas algo muito semelhante a excitação ou surpresa ondulou em sua superfície numa tarde chuvosa, quando um de seus olhos, um animalzinho achatado, peludo e com nadadeiras, conhecido como Vabe, saiu de um lago recém-formado e rastejou para uma colina.

Através dos olhos do Vabe, o Códex viu uma cena inesperada. Ainda faltavam duas semanas para o Dia da Ascensão, mas já havia dois habitantes do Mundo Escuro naquela colina. Um menino e uma menina.

E, o que era ainda mais estranho: o menino era dos Escolhidos e a menina era daquele Povo dos Navios que, agora, se autodenominava Homens-do-Gelo.

Agindo a mando do Códex, o Vabe foi se aproximando. Não queria fazê-lo, pois havia ali muitos trovões e relâmpagos. Mas o Códex fez com que ele avançasse.

Logo, o Códex pôde ouvir que o menino se chamava Tal, e a menina, Milla.

Ele os viu realizar algum tipo de cerimônia que, evidentemente, consideravam importante. No meio do ritual, porém, quando ofereceram gotas de sangue à tempestade que rugia sobre suas cabeças, o Códex compreendeu o que ia acontecer.

Muitos locais em Aenir eram impregnados de magia e antigas tradições arraigadas à terra. Esta era uma delas. Oferecer sangue sobre a Colina Hrigga significava convocar os Pastores de Tempestades, e eles deveriam desempenhar uma função qualquer por um preço determinado — um preço que era sempre o mesmo: uma vida.

É claro que, lá em cima, nas nuvens negras, estavam dois Pastores de Tempestades. Eles seriam obrigados a responder ao chamado do sangue, mesmo que a oferta tivesse sido feita por alguém que ignorasse a tradição.

Era tarde demais para intervir. Aliás, o que o Códex poderia fazer, dispoendo apenas de um Vabe? Esse animal era pouco maior que o pé do menino, e sequer podia morder. Os Vabes mascam capim. Bem devagarinho.

Os Pastores de Tempestades desceram. Eram figuras gigantescas, com formas humanas, feitas de nuvem negra e de relâmpagos. O Códex ouviu quando pediram a vida que o garoto dos Escolhidos e a Garota-do-Gelo lhes haviam prometido, sem saber o que estavam fazendo. Ele bem que gostaria de entrar na mente do maior dos Pastores de Tempestades, mas sua ligação com o Vabe era muito tênue e o Códex sabia que o animalzinho não teria condições de estabelecer aquela conexão. Simplesmente, perderia o Vabe.

Tudo o que podia fazer era ficar escutando.

O garoto dos Escolhidos e a Garota-do-Gelo recusaram.

Os Pastores de Tempestades ergueram seus punhos feitos de nuvens carregadas, de onde começaram a brotar raios. De início, pequenasagulhas, que foram aumentando cada vez mais.

Em poucos segundos, os Pastores de Tempestades lançariam os relâmpagos e varreriam os meninos da colina.

O Vabe sentiu uma fome aguda. Havia uma hora que não comia nada. O Códex tentou eliminar o instinto do animal para se alimentar, buscando mantê-lo concentrado no garoto dos Escolhidos e na Garota-do-Gelo.

Mas a fome do Vabe só fez aumentar. A conexão foi enfraquecendo. A visão do Códex através do animal se turvou.

De repente, tudo escureceu.



## Capítulo 2

A chuva escorria pela colina e os relâmpagos chicoteavam a seu redor. Duas figurinhas, um garoto dos Escolhidos e uma Garota-do-Gelo, estavam ali, firmes, desafiando as grandes criaturas de nuvem que se agigantavam à sua frente.

— Pedimos uma vida! — trovejaram os dois Pastores de Tempestades, e suas vozes eram tão fortes e estrondosas quanto uma rajada de vento numa tempestade. — Quem vai pagar?

— Não vamos lhes dar nada! — gritou Tal, erguendo o anel de Pedra-do-Sol. Concentrou-se nele e a pedra começou a brilhar, cada vez mais forte. O menino estava se preparando para disparar uma explosão de luz concentrada sobre os Pastores de Tempestades.

A seu lado, Milla ergueu a espada de chifre de Merwin. Ela também tinha uma Pedra-do-Sol, mas não sabia usá-la muito bem. Ainda não, pelo menos.

Tal desejou que a espada pudesse atravessar a estranha carne-de-nuvem dos Pastores de Tempestades, assim como cortara sombras quando eles voltaram para o Castelo.

— Vocês nos chamaram! — disse o maior dos Pastores, com voz estrondosa. — Chamaram pelo sangue lançado sobre a Colina Hrigga. Devemos aceitar o que nos é oferecido e dar-lhes algo em troca.

Tal julgou ter percebido um tom estranho na voz do Pastor de Tempestades. Como se ele não quisesse realmente uma vida, mas estivesse sendo forçado a exigir aquilo. Ele sabia que muitas das criaturas de Aenir viviam sob antigos encantamentos, um tipo de magia que os Escolhidos desconheciam. Talvez esses Pastores de Tempestades estivessem enfeitiçados e, por isso, fossem obrigados a tirar uma vida sempre que algum sangue fosse derramado sobre aquela colina em particular.

— Não tínhamos a intenção de chamá-los — gritou ele, em resposta. Era difícil falar, com o vento soprando no topo da colina e os respingos de chuva que ele trazia — para não mencionar os trovões que saíam dos Pastores de Tempestades e os relâmpagos que estouravam em suas mãos.

— Mas chamaram — rosnou o Pastor de Tempestades. Sua frase soou quase triste.

Enquanto falava, elevou ainda mais a mão — e, então, disparou um punhado de relâmpagos sobre Tal e Milla!

— Cor...! — gritou Milla, mas não conseguiu terminar o que ia dizer porque o raio estourou junto a seus pés. Os meninos ficaram ofuscados e atordoados, e, depois, ensurdecidos com o estrondo do trovão que envolveu toda a colina.

Tal não soube ao certo o que aconteceu em seguida. Ficou engatinhando por ali, os dedos chafurdando na lama. Tentou se levantar e enfrentar seus atacantes, respondendo com jatos de luz de sua Pedra-do-Sol. Mas não estava conseguindo ver nem ouvir nada. Deu um encontrão em Milla e caíram ambos de costas.

Quando Tal tentou se levantar, sentiu que uma pressão irresistível o empurrava de volta para a lama, apertando seu peito e seus ombros com tanta força que ficava difícil respirar. Lutou, mas foi em vão.

— Milla! — gritou ele. Sua própria voz ecoou em sua cabeça, mas não lhe pareceu que a ouvisse com os ouvidos. Tampouco podia usar a Pedra-do-Sol porque não conseguia vê-la. Precisava ver a luz para se concentrar nela e submetê-la a seus desejos. Caso contrário, tudo o

que conseguia era fazê-la brilhar.

Se ao menos ainda tivesse a sombra-guardiã, pensou ele. Ela poderia fazer alguma coisa. Mas, agora, ela estava livre, livre porque ele já era grande o bastante para conquistar seu próprio Espírito-Sombra, para ter uma das criaturas de Aenir a seu serviço, levá-la consigo para o Castelo e...

Grande o bastante para conquistar um Espírito-Sombra...

Poderia tentar conquistar o Pastor de Tempestades que o estava imobilizando. Podia fazer com que essa criatura passasse a servi-lo.

Talvez fosse o único jeito de salvar suas vidas. Mesmo assim, Tal estava hesitante e os pensamentos atravessavam sua mente como os relâmpagos dos Pastores de Tempestades. Um Aenirano só podia ser conquistado como Espírito-Sombra uma única vez. Seria a coisa mais importante que faria na vida. Seu Espírito-Sombra teria influência sobre a posição que ele ia ocupar no Castelo: iria ajudá-lo a alcançar a Ordem Violeta ou cair para a Vermelha.

Sempre tinha pensado que observaria várias criaturas de Aenir antes de fazer sua escolha. Pesaria vantagens e desvantagens de cada uma delas. O melhor a fazer seria conversar com seus pais sobre que criatura escolher. Discutir o assunto com seus amigos.

Tal nem sabia como seria um Espírito-Sombra Pastor de Tempestades. Nunca tinha visto um, nem em Aenir, nem no Castelo. Talvez dessem péssimos Espíritos-Sombra.

Só que, se não conquistasse o Pastor de Tempestades, provavelmente morreria. E, assim, não haveria ninguém para salvar Gref, ou sua mãe, ou Kusi, ou para encontrar seu pai.

O que Rerem teria feito nessa situação?, perguntou-se Tal.

Podia quase ouvir a resposta de seu pai, sentir a força de seus braços quando se despediram.

Cuide de sua mãe e das crianças, Tal. Conto com você.

Tal sentiu um soluço começando a se formar em sua garganta. Tinha falhado redondamente. Sua mãe, Graile, estava em coma. Seu irmão, Gref, estava aprisionado em algum lugar, levado por um Espírito-Sombra que, esperava ele, o Códex seria capaz de identificar. Sua irmã mais nova, Kusi, estava entregue às primas, amigas do Mestre-das-Sombras Sushin, seu inimigo declarado. Seu pai, Rerem, estava desaparecido e a única pista que tinha do que poderia ter acontecido a ele era o nome arranhado na parede de uma prisão ilegal, o fosso dos fundos do Castelo.

A boca de Tal esboçou um movimento de determinação. Não ia mais falhar.

Faria o que tinha de ser feito. Escolher um Espírito-Sombra não tinha a menor importância, embora ele não pudesse se impedir de sentir uma pontada de tristeza ao decidir abrir mão de um sonho precioso, acalentado há tanto tempo.

Conquistaria o Pastor de Tempestades.

Mas, para isso, precisava enxergar.

Começou a piscar os olhos bem depressa, esperando que isso ajudasse. Com certeza, só estava ofuscado temporariamente. E se o Pastor de Tempestades o matasse, antes que ele voltasse a enxergar? Mas, então, se eles queriam apenas uma vida...

Piscar os olhos ajudou mesmo. Lentamente, foi voltando a enxergar. Borrões coloridos foram se formando e se tornando mais nítidos.

O Pastor de Tempestades o estava imobilizando com apenas um dedo de nuvem. O outro precisava de dois de seus três dedos para imobilizar Milla. Os braços e as mãos de Tal estavam soltos. Agora, podia ver sua Pedra-do-Sol, apesar da chuva que não parava e do vento forte que soprava ao redor dos Pastores de Tempestades. Fora da colina, já nem estava mais chovendo.

Há anos, Tal vinha praticando para conquistar criaturas de Aenir. Este era o ponto culminante de todo o treinamento dos filhos dos Escolhidos que, então, conquistavam uma criatura e levavam-na consigo de volta ao Castelo e ao Mundo Escuro, para servir-lhes como Espíritos-Sombra. Tal sabia de cor todas as fórmulas mágicas, e todos os rituais.

Primeiro, precisava Demarcar os Limites. Depois, Recitar as Palavras. Finalmente, teria de Compartilhar a Sombra.

Nunca imaginou que faria essas coisas deitado de costas no chão, com o dedo — bem sólido, aliás — de um Pastor de Tempestades apertando seu peito contra a lama.

— Qual de vocês vai morrer? — perguntaram os Pastores, mais uma vez em uníssono. Assim, de tão perto, suas vozes eram ensurdecedoras.

Tal respondeu, mas não com palavras. Em vez disso, ergueu seu anel de Pedra-do-Sol. A pedra emitiu um estreito fecho de luz laranja que foi direto para o Pastor de Tempestades que estava mais perto. Ele nem pareceu notar mas, de qualquer modo, a luz não deveria fazer-lhe mal algum e, sim, assinalá-lo.

Rapidamente, Tal usou aquele fecho para traçar um círculo envolvendo os dois Pastores, Milla e ele próprio. Quando a luz tocou o solo, a relva e a lama adquiriram uma luminosidade alaranjada.

Como o Pastor estava atrapalhado, o círculo saiu um pouco torto. Com ele, Tal certamente não tiraria uma boa nota se estivesse no Lectorium. Mas era um círculo de luz completo e Tal tinha, então, concluído a primeira etapa da Conquista de um Espírito-Sombra. Tinha feito a Demarcação dos Limites.

— O que está fazendo? — perguntou um dos Pastores de Tempestades. Ele não parecia incomodado. Apenas curioso. — Você só precisa decidir qual dos dois deve morrer.

Desta vez, Tal falou. Mas estava recitando uma fórmula mágica, e não respondendo à pergunta. Ele não sabia o que significavam aquelas palavras, pois tinha decorado tudo, e não era uma língua usada pelos Escolhidos. Por isso, tinha treinado a Recitação das Palavras quase todo dia, durante anos. A Conquista de um Espírito-Sombra era o ato que assinalava o início de sua vida adulta, e o tipo e a força do Espírito-Sombra que conseguisse teriam grande influência sobre sua possibilidade de ascender através das Ordens do Castelo.

Tal tirou da cabeça uma imagem que lhe ocorreu subitamente: enquanto ia passando pelos Corredores Vermelhos, todos tentavam disfarçar o riso com as mãos e sussurravam: “Olhem só o Espírito-Sombra dele. Ele conquistou um Pastor de Tempestades. Dá para acreditar?”

— *Mestrel oi Tel, Asteyr, Mestrel oi Lameth, amsal gebborn yeo nebedi...*

— O que você está fazendo? — berrou Milla. E avançou com tanta violência que o Pastor que a estava segurando teve de usar seu terceiro e último dedo para imobilizá-la outra vez. — Você não pode dizer isso!

— O quê?! — exclamou Tal, chocado com aquele rompante inesperado. Naquele instante, perdeu o fio da fórmula. As palavras tinham de ser pronunciadas com toda exatidão, sem pausas. Tinha sentido o poder que ia se criando através delas, e soube que seria capaz de conquistar o

Pastor de Tempestades. Agora que o poder das palavras tinha se dissipado, a delimitação também se desmanchou.

Milla tinha estragado sua única chance de conquistar o Pastor de Tempestades. Se tivesse conseguido, faria seu novo criado atacar o outro Pastor. Eles não precisariam escolher quem ia morrer.

— Você estragou tudo! — gritou Tal. Tentou se atracar com Milla, mas o dedo de nuvem o segurou com firmeza.

— Estragou o quê? — perguntou Milla, furiosa.

— Como você aprendeu a Língua das Matriarcas?

— Vocês têm que decidir — interrompeu o menor dos Pastores de Tempestades. — Um dos dois deve morrer...

— Cale a boca! — berrou Tal. Surpreendentemente, o Pastor se calou. — O que você quer dizer com isso? Língua das Matriarcas? Eu estava Recitando as Palavras. Estava tentando conquistar o Pastor de Tempestades e salvar sua estúpida vida!

— Era a Língua das Matriarcas, o Dialeto Antigo — insistiu Milla. — A Oração a Asteyr, que só pode ser feita por uma Matriarca Mãe. Qualquer outra pessoa é proibida de dizê-la.

— Como você sabe que era isso que eu estava dizendo? — perguntou Tal.

Os dois Pastores de Tempestades balançaram a cabeça, achando que ele tinha feito uma boa pergunta.

— Já ouvi essa oração — disse Milla, baixando o tom de voz — Cinco vezes. A última foi há meio circuito apenas, quando Olof Nada-Neve matou Ifrim Sem-Nariz enquanto ele dormia. Olof não queria aceitar o julgamento da Matriarca Mãe e ela precisou dizer a oração.

— O que aconteceu? — rosnou o menor dos Pastores. Ele já não tinha mais relâmpagos nas mãos e seus olhos estavam mais brilhantes.

— A Matriarca-Mãe invocou Asteyr, e ela fez Olof ir para o Mar Vivo — disse Milla. — Ele não foi esmagado pelos Selskis, mas foi atingido por uma âncora e ficou se arrastando no Gelo por muitos trechos, até morrer.

Tal estava mudo. Asteyr era uma das palavras da fórmula da conquista, repetida diversas vezes. Mas como era possível que a fórmula de conquista dos Escolhidos fosse igual à Oração a Asteyr, dos Homens-do-Gelo?

— Tudo isso é muito interessante — grunhiu o maior dos Pastores de Tempestades. — Mas vocês ainda têm que decidir. Qual de vocês vai morrer?

### Capítulo 3

Nem bem o Pastor de Tempestades tinha acabado de falar, Milla atacou o que a estava segurando e enfiou sua faca de osso no dedo médio da criatura. A faca afundou completamente na carne-de-nuvem, depois voltou a sair e a nuvem retomou sua forma.

— Não faça isso — disse o Pastor. — Sinto cócegas.

Milla guardou a faca na manga e respirou fundo.

— Sou eu que vou morrer — declarou ela. — Mas só se Tal me prometer que vai levar minha Pedra-do-Sol para os Caçadores, e contar para a Matriarca Mãe do Navio tudo o que eu vi por aqui.

— Espere aí! — disse Tal. Uma coisa o estava intrigando: era curiosa a relutância dos Pastores de Tempestades em ir em frente, para valer, e matar um deles dois. — Não acho que nenhum de nós deva morrer.

— Sangue foi ofertado sobre a Velha Colina Hrigga! — trovejou o maior dos Pastores. — Uma vida deve ser dada, e um dom concedido. A garota ofereceu sua vida e vamos ficar com ela!

— Não, fiquem com a minha — disse Tal prontamente. — Também estou oferecendo. Mas só se Milla ajudar a descobrir o Códex e levá-lo de volta a Ebbitt para que ele possa encontrar Gref.

— Duas vidas... — murmurou o maior dos Pastores. Ele parecia confuso. — Não é assim que se faz. Uma vida, um dom. Esta é a lei da colina.

— E o que acontece se não pedirmos um dom? — indagou Tal. — Quem sabe podemos lhes dar um dom em vez de uma vida?

— Não — respondeu o Pastor de Tempestades, bufando e abanando a cabeça. — Isso nunca aconteceu antes na Velha Colina Hrigga. Tomamos uma vida, concedemos um dom.

— Eu gostaria de receber um dom, Adras — disse o outro Pastor. — Ninguém jamais nos deu nada.

— Não temos escolha, Odris — disse o maior deles. — Estamos ligados à colina e devemos fazer o que ela quer.

— Adras e Odris — disse Milla. — Eu sou Milla do Clã dos Caçadores, e aquele é Tal.

— Dos Escolhidos — acrescentou Tal. A pressão em seu peito estava diminuindo. Vai ver que os Pastores de Tempestades achavam mais difícil esmagar pessoas a quem tivessem sido apresentados.

Agora que sabia como se chamavam, Tal podia ver diferenças entre os dois Pastores de Tempestades. Adras era muitos trechos mais alto e mais largo, e tinha mais relâmpagos correndo por seus braços e mãos fofos. Odris era mais franzino e tinha muito mais centelhas nos olhos. Por suas formas, Tal diria que Adras era macho e Odris, fêmea.

— Alguém deve morrer — repetia Adras. Ele tinha cismado com isso.

— Mas temos que decidir, não é? — perguntou Tal. — Faz parte da natureza do encantamento, não é?

Tal sabia que a maioria das criaturas de Aenir era vinculada a locais particulares, ou a certos

caminhos, ou até obrigada a ficar perambulando dentro de fronteiras bem delimitadas. Nesse espaço, elas ainda tinham de cumprir encantamentos e rituais antiqüíssimos.

Se conseguisse descobrir qual era exatamente o encanto, poderia salvar a si mesmo e a Milla.

Adras não respondeu, mas Tal viu que Odris tinha piscado.

— Deixem-nos levantar, para podermos conversar — disse Tal. — Afinal, vocês podem nos pegar se tentarmos fugir.

Os Pastores de Tempestade se entreolharam. Ergueram, então, as mãos e recuaram, ondulantes. Tal e Milla puseram-se de pé e começaram a se limpar. Era nas costas que tinham mais lama. Depois de um momento de hesitação, um ajudou o outro a tirar pelo menos o grosso da sujeira.

— Agora, vamos esclarecer essa história — disse Tal. — Vocês dois estão presos a esta colina. Se algum sangue for derramado aqui, vocês têm que descer e pedir uma vida, concedendo um dom em troca.

— Sempre foi assim — resmungou Adras.

— Desde o Esquecimento — acrescentou Odris.

— Esquecimento? — perguntou Tal, curioso. — O que é isso?

— Não sabemos — respondeu Odris. — Só sabemos que existe o tempo anterior ao Esquecimento, que não conhecemos, e o tempo depois dele, que conhecemos.

— Em que isso pode nos ajudar? — sussurrou Milla. — Ofusque os dois com sua Pedra-do-Sol, e saímos correndo. Eles disseram que estão presos a este lugar. Quando estivermos fora daqui, estaremos salvos.

— Mas seus raios não estão — sussurrou Tal, por sua vez. — Se corrermos, eles certamente nos torrarão.

— Nada de cochichos! — ordenou Adras. Ele estava ficando impaciente de novo. — Qual dos dois vai morrer?

— Se não estivessem ligados a esta colina, não tirariam uma vida, não é? — perguntou Tal.

Aquela pergunta surpreendeu os Pastores de Tempestades. Trovejou a seu redor, e eles aproximaram a cabeça, um do outro. Evidentemente, achavam que seus sussurros não seriam ouvidos. Mas, mesmo sussurrando, falavam tão alto quanto um humano falando normalmente.

— Liberdade?

— Ele pode nos libertar?

— O que Hrigga vai fazer?

— Posso libertá-los — declarou Tal. — Em parte, pelo menos.

Ele hesitou, antes de continuar. O que ia dizer a seguir selaria o seu futuro e, no entanto, não poderia deixar de ser dito.

— Como? — trovejou Adras. — Como?

— Vocês devem se oferecer, voluntariamente, para serem nossos Espíritos-Sombra — balbuciou Tal.

Estava se sentindo mal, sabendo que tinha aberto mão do futuro tão sonhado: ele, com um dragão, como o Espírito-Sombra da Imperatriz, ou um majestoso gato com uma crina, como o

de Ebbitt. Mas também estava se sentindo culpado. Como podia, mesmo que temporariamente, dar mais valor àquilo do que à liberdade de Gref ou à vida de sua mãe?

E tampouco tinha pensado no que aquilo significaria para Milla.

— O quê?! — esbravejou ela. Olhava para Tal como se, de repente, ele tivesse se transformado num Merwin. — Não posso ter um Espírito-Sombra!

— Foi a única coisa que me ocorreu — explicou Tal, infeliz. — Uma vez, tio Ebbitt me falou de uma criatura de Aenir que se ofereceu voluntariamente como Espírito-Sombra, em vez de ser forçada a fazê-lo. Ela se ligou a alguém dos Escolhidos por livre e espontânea vontade e, com isso, ficou livre dos encantamentos que a prendiam a um lugar. É claro que ele que aceitou isso não tinha autorização para levá-la consigo, até que a criatura tivesse sido reconquistada como um verdadeiro criado, e não como um companheiro... De todo modo, se as criaturas se oferecem, não precisamos demarcar os limites ou Recitar as Palavras. Apenas Compartilhamos a Sombra, o que significa que damos a elas nossas sombras naturais...

— Minha sombra? — disse Milla, e sua voz era tão gélida quanto a terra de onde ela vinha. A mão estava no punho da espada de chifre de Merwin. — Passamos por muitas coisas juntos, Tal dos Escolhidos. Mas não pense que me fez ficar igual a você. Não vou ceder minha sombra. Prefiro morrer.

Tal sacudiu a cabeça, calando toda a raiva que sentia. Não podia acreditar que Milla fosse tão teimosa. Tudo dependia disso. A própria vida deles dois. Toda a sua família.

Além disso, era uma honra que ele estava lhe concedendo, dando-lhe a oportunidade de ter um Espírito-Sombra e ser quase igual aos Escolhidos!

Virou-se novamente para os Pastores de Tempestades, mas Odris se antecipou ao que ele ia dizer.

— Nós dois precisamos nos libertar da colina. Você tem que nos levar a ambos como Espíritos-Sombra.

Milla abanou a cabeça.

Tal olhou para ela. Seus olhos se encontraram, mas nem o garoto dos Escolhidos nem a Garota-do-Gelo piscaram. Era uma verdadeira queda-de-braço. Tal tinha certeza de que pedir aos Pastores de Tempestades para se juntarem a eles como Espíritos-Sombra era o único jeito de evitar que ele próprio e Milla fossem sacrificados.

Eles ainda estavam se encarando quando o chão sob seus pés tremeu de repente, afundando pelo menos um trecho. Os dois caíram outra vez. Milla caiu de costas e bateu com a cabeça numa pedra.

— Hrigga está acordando! — trovejou Adras. — Aceitamos sua oferta!

Ele se adiantou e pôs a mão em torno da sombra de Tal, como se fosse pegá-la. Mas não fechou os dedos. Odris fez o mesmo com a sombra de Milla. Tal achou que Milla fosse protestar ou sair dali, mas a pancada tinha sido forte. Atordoada, ela tentou se sentar, mas sua sombra não se moveu o suficiente para impedir que Odris a pegasse.

Os dois Pastores hesitaram. A terra continuava a tremer sob os pés de Tal e ele viu rachaduras fininhas que iam se formando na lama. Elas foram aumentando e se aproximando umas das outras, até que se abriu uma imensa fenda debaixo de Tal e Milla.

— Luz! — berrou Odris. — Não podemos pegar as sombras sem a sua luz!

Tal desviou a atenção do buraco que crescia rapidamente sob seus pés. Aquilo estava se abrindo como uma boca, pronta para engoli-lo. Olhou para Milla por um instante... e se decidiu.

Cuide de sua mãe e das crianças, Tal. Conto com você.

Ergueu sua Pedra-do-Sol acima da cabeça e invocou a luz que era usada na parte final do ritual de Conquista de um Espírito-Sombra, a luz que passava pelas sete cores, a luz que permitia compartilhar a sombra.

Naquele estranho arco-íris tremeluzente, tanto a sua sombra quanto a de Milla pareciam mais sólidas, mais reais. Os Pastores de Tempestades apoderaram-se delas, introduzindo-as no meio de seus corpos-de-nuvem, onde ficaria o coração, se eles tivessem um.

Tal sentiu um puxão quando sua sombra desapareceu, e uma rajada de ar frio que parecia atravessar sua cabeça. De imediato, ficou mais consciente da quantidade de umidade que havia no ar, e do vento, e do céu. Minúsculas fagulhas saíram de seus dedos e contornaram sua Pedra-do-Sol. Por um breve instante Milla, que estava deitada no chão, também foi cercada de fagulhas que crepitavam.

Foi então que a colina se fendeu inteiramente, em duas partes, revelando um abismo escuro e profundo.

Tal ficou bem na beiradinha, batendo os braços para tentar recuperar o equilíbrio. Milla, ainda meio inconsciente, deslizou pela borda, numa cascata de barro, lama e pedras soltas.

Caíram ambos nas profundezas da terra.



## Capítulo 4

Porque Tal e Milla caíram, os Pastores de Tempestades mergulharam atrás deles. Precipitando-se no fundo do abismo, agarraram seus novos companheiros e escaparam dali rapidamente. Mal tinham passado pelas bordas, o gigantesco buraco se fechou com um estrondo, lançando terra, pedras e lama pelos ares.

— Livres! — trovejou Adras, subindo ao céu, com Tal quase caindo de uma de suas mãos fofas. — Livres!

— Livres! — cantarolou Odris. — Enfim livres dessa colina horrorosa!

— Bem, não exatamente — gritou Tal. — Afinal, vocês são Espíritos-Sombra. Ou vão ser, quando estivermos de volta ao Castelo.

Ele estava em dúvida quanto ao que fazer agora. Se tivesse conquistado Adras da maneira habitual, o Pastor seria seu criado e teria de fazer o que ele mandasse. Mas era um companheiro, livre.

De uma maneira ou de outra, pensou Tal, sempre que se livrava de algum problema, acabava criando outros para si mesmo. As coisas nunca eram simples.

E, falando em problemas, Tal lembrou de olhar para Milla. Odris a estava segurando, mas ela estava toda mole, nitidamente atordoada pela pancada que levava na cabeça.

— E você é o meu garoto dos Escolhidos — respondeu Adras, fazendo Tal franzir a testa. — Para onde estamos indo, Tal?

— Vamos descer, para começar — disse Tal, contendo um arrepio. Eles tinham subido muito, e rapidamente; estava fazendo frio. A Velha Colina Hrigga tinha ficado lá embaixo, cercada pelo lago recém surgido. Tal podia ver aquela floresta, para onde as árvores tinham fugido. Elas tinham se instalado numa região mais elevada, a uma distância considerável em direção ao sul.

O sol já estava bem baixo agora. Ele se punha por trás da linha das colinas, a oeste. As estrelas estavam bem visíveis acima das colinas, brilhando nas constelações de Aenir, muitas das quais lhe eram familiares desde que Tal era bem pequeno. Sua família costumava passar a primeira noite em Aenir, depois do Dia da Ascensão, observando as estrelas. Uma dessas constelações, feita de muitas estrelas, era chamada Caixa de Jóias, e havia também uma formação triangular conhecida como Cabeça do Dragão, embora Tal não achasse que fosse tão parecida assim.

Lembrou de sua família — tão longe, tão fora de seu alcance.

Era fácil continuar olhando estrelas, mas isso não ajudaria em nada a sua missão. Desviou os olhos. Precisava pensar sobre o que fazer agora. Precisava esquecer que tinha perdido a chance de conseguir um Espírito-Sombra, e se concentrar em encontrar o Códex.

O Códex ia ajudá-lo a achar Gref. Gref era o primeiro passo para voltar a unir toda a família.

Um passo de cada vez.

— Adras viveu enfeitado desde o Esquecimento, e eu passei a vida toda assim — disse Odris, flutuando para mais perto e interrompendo os pensamentos de Tal. — É estranho não ter que ficar apenas olhando as terras distantes. Onde vamos pousar?

Tal olhou para baixo. Havia o lago, a floresta e vastos espaços em que só se via relva. Viu

também um anel formado por pedras eretas, mas provavelmente era melhor evitá-lo, pois podia ser a morada de alguma magia poderosa e de criaturas fortíssimas.

Havia ainda algumas colinas baixas, mas Tal não gostou da aparência delas, depois da experiência com a Velha Hrigga. Esse é o problema com Aenir, pensou ele. Nunca se pode saber se uma colina é só uma colina.

— Quem sabe ali? — perguntou, apontando para uma área em que a relva estava queimada. Parecia que tinha havido um incêndio bem recente. Era de se esperar, então, que a terra fosse apenas terra, e que qualquer outra coisa que se escondesse por ali tivesse fugido do fogo.

Os Pastores de Tempestades começaram a descer. Tal notou que Adras foi esfriando à medida que iam baixando, e que ficava olhando na direção de Odris e ajustando a velocidade da descida para se manter emparelhado com ela.

Tal suspirou. Já dava para perceber que Adras — que seria seu Espírito-Sombra quando voltasse para o Castelo — não era exatamente um Pastor de Tempestades dos mais espertos. Era grande e poderoso, mas parecia mais um Turvo quando se tratava de poder mental. Era pior até do que ele temia. Um Espírito-Sombra inteligente era de grande ajuda para alguém ambicioso. Um idiota era exatamente o contrário.

— Milla? Você está bem? — gritou Tal quando Adras o deixou cair faltando uns poucos trechos para chegar ao solo enegrecido. O incêndio era recente porque ainda se podia sentir cheiro de queimado. E o cheiro estava muito forte.

Odris desceu bem mais que Adras e depositou Milla no chão com todo cuidado. A Garota-do-Gelo não se mexeu.

Tal correu até ela. A pancada na cabeça devia ter sido mais forte do que imaginava. Ajoelhou-se a seu lado e desfiou mentalmente todas as curas que era capaz de realizar com sua Pedra-do-sol. Mas se ela tivesse um ferimento realmente sério na cabeça, não haveria nada...

De repente, Tal se viu deitado de costas, o joelho de Milla em seu peito e a faca de osso em sua garganta. Ela chegou bem perto, com um olhar selvagem e a boca emitindo um grunhido animal.

— Traidor! — gritou ela, apertando a ponta da faca em seu pescoço com força o bastante para tirar uma gotinha de sangue. — Você vendeu minha sombra!

— Mas tive que fazer isso... — tentou dizer Tal.

Subitamente, compreendeu que, desta vez, Milla ia mesmo matá-lo. A faca estava machucando, e ela só precisava fazê-la deslizar um pouco mais.

— Eu deveria matar você — disse Milla, entre dentes. — Ladrão de sombras!

Guardou a faca na manga e Tal suspirou, aliviado. Mas interrompeu o suspiro quando, inesperadamente, Milla apertou com os polegares dois nervos em seu pescoço. Foram três apertões, bem rápidos. No terceiro, os olhos de Tal se fecharam e sua cabeça pendeu para trás.

Milla se levantou. Os dois Pastores de Tempestade ficaram olhando para ela.

— Suponho que eu deva defender meu companheiro — disse Adras, olhando para o corpo inconsciente de Tal. — Sinto isso, sabe?

— Então você vai ter de lutar comigo, irmão — disse Odris.

Adras deu de ombros.

— Ele não parece estar ferido.

— Devolva minha sombra! — gritou Milla. Sacou a espada de chifre de Merwin e atacou Odris, mas a espada simplesmente atravessou a carne-de-nuvem. O brilhante chifre de Merwin podia cortar sombras, mas, aqui em Aenir, Odris não era uma sombra.

— Não posso — disse Odris, num tom queixoso. — Estamos ligadas uma à outra agora, até o fim de nossos dias. Vou com você para sua...

— Não! Não! Não! — berrou Milla, retalhando a Pastora de Tempestades. Mas seus golpes furiosos só serviram para deixá-la exausta. Odris agüentava aquilo sem pestanejar. Adras se limitava a olhar para Tal, agachado a seu lado como uma imensa estátua esculpida na neblina.

Finalmente, Milla recuou e respirou lentamente, repetidas vezes. Estava fazendo o exercício Rovkir para não voltar a perder as estribeiras.

— Você vai se acostumar — disse Odris.

— Não vou, não — disse Milla. — Vou me lançar ao Gelo.

— Não existe muito gelo em Aenir — disse Odris.

— Acho que não há gelo algum. De um modo geral, é um lugar quente...

— Vou voltar para o Mundo Escuro — declarou Milla, friamente. — Vou encontrar o Território dos Escolhidos e obrigar um deles a me ensinar como voltar. E, então, vou me lançar ao Gelo.

— Por quê? — perguntou Odris.

Milla permaneceu fitando o vazio por um momento, e, então, sussurrou:

— Não posso pertencer aos Homens-do-Gelo sem ter minha própria sombra. Não posso me tornar uma Donzela Guerreira sem minha sombra. Não sou ninguém sem ela.

— Mas eu serei sua sombra quando nós... — começou a dizer Odris. Antes que pudesse continuar, Milla virou as costas e saiu correndo pela escuridão pontilhada de estrelas.

Odris suspirou, e foi um suspiro enorme que ergueu uma nuvem de poeira de carvão na direção de Adras. Ele rosnou e se espanou várias vezes para tirar o pó.

— Tenho que ir atrás dela — disse Odris. Ela parecia um tanto surpresa. — É muito esquisito estar ligada a uma pessoa, e não a algum lugar.

— É mesmo, não é? — concordou Adras. — Espero que o meu acorde logo.

— Vou tentar trazer a minha de volta — disse Odris. — Faça o favor de dizer ao vento onde você está, Adras, para que eu possa encontrá-lo. E não faça a passagem para o Mundo Escuro sem mim.

— Faça, sim... quer dizer, não faça, não — respondeu Adras. — Quer dizer, vou dizer ao vento, e não vou fazer a passagem.

Lentamente, os dois Pastores foram desenrolando os braços para se darem as mãos. Odris saltou, então, para o céu. Atraiu o vento para si e foi atrás de Milla.

Adras voltou a se sentar e continuou olhando para Tal. De algum modo, podia sentir que o menino estava bem. Estava só adormecido.

Era estranho mesmo estar ligado a uma pessoa, pensou Adras. Ele estava respirando virado para Tal e sentiu que seus olhos repletos de relâmpagos começavam a se fechar. Pastores de

Tempestades raramente dormem, mas ele agora estava com vontade de dormir.

Quando seus olhos se fecharam, seu corpo foi perdendo a forma que tinha, seus braços e pernas foram se alargando até se encostarem uns nos outros. A nuvem escura e ameaçadora que havia nele foi se transformando em suave brancura.

Em poucos minutos, Adras era uma nuvem baixa, arredondada, que ficou pairando sobre Tal adormecido.

Na escuridão, três criaturas espiavam o menino que dormia, imaginando se ele seria bom de se comer. Línguas entravam e saíam, experimentando o ar. Havia também um sabor amargo, algo a ver com a nuvem. Alguma coisa que indicava perigo.

As criaturas hesitaram. Talvez o menino dos Escolhidos não fosse a presa fácil que estavam procurando. Encostaram as línguas, umas nas outras, trocando informações. Juntos, decidiriam se deviam atacar... ou não.

## Capítulo 5

Milla estava correndo, na escuridão. Mas não era a escuridão que conhecia. Havia minúsculas luzes no céu, estrelas, como Tal as chamava. Havia cheiros desconhecidos no ar. E estranhos sons, vozes de criaturas que ela não conhecia.

Nem sabia para onde estava indo. E esta era uma sensação esquisita. Nunca tinha ficado perdida no Gelo, nem mesmo por um instante. Havia sempre um cheiro, um som, uma textura do gelo, a direção do vento ou a migração dos Selskís.

Sempre havia alguma coisa. Agora, não havia nada para lhe dizer onde estava.

Estava perdida numa terra desconhecida. Um outro mundo.

Tinha perdido sua sombra e, com ela, o seu futuro.

Sempre quis se tornar uma Donzela Guerreira, dedicando a vida a todos os clãs e à proteção dos Homens-do-Gelo. Sombras dotadas de vontade própria eram uma das coisas contra as quais as Donzelas Guerreiras juravam proteger seu povo.

De volta ao Mundo Escuro, Odris seria exatamente uma dessas sombras. Milla jamais poderia retornar para seu povo com Odris.

Mas quem sabe, pensou ela, se pudesse regressar ao Mundo Escuro e ao Navio em ruínas sem levar Odris consigo, a Matriarca Mãe fosse capaz de conseguir sua sombra natural de volta.

Seu semblante ficou carregado. Lá estava ela, num mundo estranho, distraído-se com sonhos que não poderiam se realizar.

Sabia muito bem o seu dever. Voltar ao Mundo Escuro, entregar o anel de Pedra-do-Sol ao clã, relatar à Matriarca Mãe tudo o que tinha acontecido... e, então, ir para o Gelo.

Ouviu-se um farfalhar um pouco à frente, e Milla gelou. Não tinha a menor idéia do que poderia ser. Aparentemente, não havia nada ali, mas estava certa de ter ouvido algo. A claridade das estrelas era suficiente para que ela percebesse ao menos uma silhueta — a não ser que o que quer que houvesse feito aquele ruído estivesse deitado no chão.

Milla ergueu a espada e avançou bem devagar. O brilho do chifre de Merwin iluminava o chão sob seus pés, mas apenas isso. A cada dois ou três passos, parava para escutar, e olhava cautelosamente o caminho à sua frente.

Mas não se via nada. O relvado queimado acabara uns vinte ou trinta trechos atrás. Daqui para frente, só havia uma relva rasteira, verde e amarela. Rasteira demais para esconder qualquer criatura que fosse um pouco maior que o seu pé.

Milla deu mais alguns passos. Tinha algo errado, mas não sabia ao certo o que seria. Havia um cheiro indistinto, que não era nem o do relvado queimado, nem o de grama comum.

Farejou, tentando identificá-lo. O cheiro vinha de perto. E era um cheiro de carne estragada, meio encoberto pelo aroma de relva recém-cortada.

Ela parecia estar bem perto do lugar de onde vinha esse cheiro. Olhou para o anel de Pedra-do-Sol em sua mão. Não sabia exatamente como usá-lo, mas achava que seria capaz de fazer com que emitisse algum tipo de luz. Tal e Ebbitt lhe haviam ensinado como se concentrar na pedra.

A relva ondulou ligeiramente sob seus pés. Milla franziu a testa. Continuava a não ver nada de

especial à luz das estrelas, e não sabia que cheiro era aquele que estava sentindo.

Era hora de correr o risco de acender uma luz.

Ergueu a mão para poder olhar diretamente para a Pedra-do-Sol. Ela refletia a luz das estrelas, mas também havia um levíssimo vestígio de luz amarela em seu centro. Milla ficou fitando aquele ponto, desejando que ele brilhasse mais forte.

E ele realmente começou a ficar mais brilhante. Milla sorriu. Podia senti-lo, no meio da testa, e podia pensá-lo mais brilhante ainda. Foi o que fez.

A pedra ficou ainda mais brilhante, até que Milla nem podia ver sua mão de tanto que ela brilhava. Era uma luz forte, muito diferente da suave luminosidade das lâmpadas-mariposas dos Homens-do-Gelo.

Milla ergueu a mão acima da cabeça e olhou à sua volta. Ainda assim, não via nada de ameaçador. A única coisa meio estranha era que ela estava num grande quadrado, irregular, mais verde que toda a relva em redor.

Assim que percebeu isso, Milla entendeu que aquilo não era apenas estranho. Pulou para a frente, bem no momento em que o Musgabração começou a se contorcer, erguendo-se do chão, enrolando seu corpo plano e musgoso em suas pernas e em sua cintura, como se fosse um lençol.

Milla caiu no chão. Se não tivesse pulado, teria sido totalmente sufocada pelo Musgabração. Mas, mesmo tendo os braços e a cabeça livres, a criatura a estava segurando com tanta força que não era possível escapar. Milla esperneou e desfechou vários golpes com sua espada, mas o musgo simplesmente absorvia os golpes e apertava cada vez mais.

Desesperada, Milla arremeteu contra o Musgabração e o mordeu. Mas seus dentes não conseguiram rasgar o musgo.

A criatura estava apertando cada vez mais forte e Milla sentia que seus músculos estavam sendo esmagados enquanto ela tentava resistir. O aperto já estava chegando à altura do estômago e, em breve, atingiria seus pulmões.

Precisava fazer alguma coisa.

Provavelmente, o fogo seria a única maneira de feri-lo. Foi então que compreendeu que alguém tinha tentado queimar aquele monstro lá onde estavam Tal e os Pastores de Tempestades. Era por isso que havia uma trilha de relva queimada.

Milla enfiou a Pedra-do-Sol no musgo e concentrou-se nela, assumindo instintivamente o ritmo correto da respiração Rovkir para não sentir a dor de estar sendo esmagada.

Desta vez, queria tanto calor quanto luz. Queria que a Pedra-do-Sol ficasse tão quente quanto o próprio sol. Mesmo que perdesse o dedo onde estava o anel, escaparia desta terrível armadilha viva.

A Pedra-do-Sol foi ficando cada vez mais brilhante, tão brilhante que Milla teve de semicerrar os olhos e desviar o rosto.

Mas não esquentou nada, e o Musgabração foi apertando e apertando até que Milla começou a sentir suas articulações estalarem e o ar sendo lentamente expulso de seus pulmões...

## Capítulo 6

Uma súbita rajada de ar frio passou sobre Milla. Uma nuvem encobriu as estrelas e, então, o clarão de um relâmpago rasgou o céu. Atingiu as costas musgosas do Musgabraço e Milla sentiu um estranho choque percorrer seu corpo. A criatura se empinou para trás, soltou um longo assobio e largou sua presa imediatamente. Caíram mais raios e retumbaram trovões. Rapidamente, Milla se afastou dali, rastejando. Suas pernas e suas costelas estavam doendo, mas, até onde podia perceber, não tinha quebrado nada. Estava apenas machucada, e isso não era nada para uma Garota-do-Gelo.

Do alto, Odris ainda mandou mais uma dúzia de relâmpagos, afugentando o Musgabraço para bem longe dali. Embora ele tenha saído ondulando pelo chão numa rapidez impressionante, não parecia estar seriamente ferido. Estava era nitidamente apavorado com os relâmpagos, e cada um que caía deixava uma marca escura em seu dorso musgoso, mas apenas isso.

Milla ficou olhando enquanto ele se arrastava, e deu de ombros. Uma coisa assim, tão difícil de matar, era mesmo muito perigosa. Ao menos, agora sabia que cheiro ele tinha. Relva recém-cortada misturada com carne estragada.

Gostaria de ter uma tocha e uma garrafa de óleo de Selski da próxima vez que encontrasse uma criatura dessas.

Odris enviou um último relâmpago na direção do Musgabraço e, depois, veio rodando em círculos até descer junto de Milla, espichando duas pernas compridas para se firmar no chão.

— Muito obrigada — disse Milla, de má vontade.

— Não foi nada — respondeu Odris, toda modesta. — É claro que um Musgabraço não representa perigo para mim. Mas são caçadores perversos de qualquer coisa que seja feita de... carne.

— Um Musgabraço — disse Milla, apalpando as pernas para se certificar que estavam só machucadas.

— É um nome bem dado.

— Posso ficar com você? — perguntou Odris. — Eu posso ajudá-la.

— Não posso impedi-la — disse Milla, amargamente. Tinha sido um erro vir para Aenir. Devia ter se esforçado mais para tentar sair do Castelo e levar a Pedra-do-Sol a seu povo. Agora, havia a possibilidade de não conseguir voltar de jeito nenhum, e, em pouco tempo, os Caçadores só teriam lâmpadas-mariposas e águas-vivas luminosas para iluminar seu caminho.

Teria mais chances de conseguir voltar se deixasse Odris ajudá-la. Não tinha pensado bem a respeito disso tudo antes. Tinha entrado em pânico — algo que nunca pensou que pudesse acontecer.

Milla franziu a testa e se obrigou a recapitular os acontecimentos e refletir sobre o problema, desde o início.

Sua missão era entregar uma Pedra-do-Sol ao Clã dos Caçadores. Tinha esquecido disso, para ficar sonhando com magníficos triunfos quando voltasse para o Navio trazendo informações que até mesmo as Matriarcas Mães ignoravam. Queria ser uma Donzela Guerreira célebre, aquela que foi a um outro mundo e descobriu novos perigos para os clãs.

Essa ambição a desviara de seu dever. Seu descuido com relação a seu verdadeiro propósito

destruía seu sonho de se tornar uma Donzela Guerreira. Tinha posto em jogo o seu futuro e perdido a sua sombra, tudo por orgulho e ambição. Demonstrara ao mundo — e a si mesma — que não tinha condições de ser uma Donzela Guerreira.

Sabia que precisava voltar o mais breve possível, entregar a Pedra-do-Sol e, então,... o Gelo iria julgá-la.

Portanto, devia deixar que Odris a ajudasse, ao menos por enquanto.

— Onde fica o Território dos Escolhidos? — perguntou Milla. — Você sabe?

— Ouvi viajantes falarem a respeito, e houve Escolhidos que vieram à nossa colina oferecendo a vida em troca de dons — disse Odris. — Acho que fica bem longe, rumo ao norte e ao leste.

— Longe, como?

— Muitos dias, para mim, mesmo com a ajuda do vento — disse Odris. — Posso carregar você um pouco, a cada dia, mas minha força não é suficiente para fazer mais que isso.

— Para onde fica o leste? — perguntou Milla, lentamente. Ela odiava não conhecer as direções.

— Por ali — Odris estendeu o braço para apontar. — Está vendo aquela estrela brilhante, sozinha, no meio do céu? Aquela que tem um brilho azulado? É Norrin, a estrela triste do leste, que chora por não ter companhia.

— O quê? Como ela pode chorar? Por que ela é azul?

— É apenas uma história! — disse Odris, rindo. — As estrelas são sóis distantes. Não sei por que essa aí é azul. Mas Norrin sempre indica a direção leste.

— Não entendo nada disso — disse Milla. — Não temos estrelas.

— Ah! Ouvi falar do Véu — disse Odris. — Deve ser estranho viver sempre na escuridão.

Milla ficou calada. Para ela, o Mundo Escuro não era estranho assim, mas, pela primeira vez, se perguntava por que ele seria desse jeito. O Véu não era uma coisa natural. Tinha sido feito e colocado no céu para impedir a passagem da luz. Quem teria feito isso? E por quê?

— Vou dormir, agora — disse Milla. — Você fica de guarda? Vou contar minhas respirações e acordar quando for minha vez.

— Durma o quanto quiser! — disse Odris, encorajando-a. — Pastores de Tempestades raramente dormem. Ficamos muito tempo cochilando acima da Velha Colina Hrigga, portanto estou descansada. Durma!

— O Musgabração já foi embora, não foi? — perguntou Milla. Fez com que sua Pedra-do-Sol ficasse mais brilhante e examinou cuidadosamente a relva a seu redor. Ela estava satisfatoriamente marrom e desigual, mas Milla ainda estava com um pouquinho de medo quando se deitou. Era esquisito dormir sem as peles pesadas, mas a noite não estava fria.

Verificou se a espada estava ao alcance de sua mão e começou, então, o processo de dizer a si mesma para acordar depois de mil e quatrocentas respirações.

Feito isto, adormeceu profundamente.

Odris bocejou, surpreendendo a si mesma. Para ficar acordada, lançou-se para o ar. Não esperava ficar com sono, mas dava para entender. Podia sentir a sombra de Milla dentro de si, e a conexão que havia entre essa sombra e a Garota-do-Gelo adormecida.



Odris também podia perceber parte dos sonhos de Milla. Era como ver alguma coisa com o rabo do olho. Captou imagens fugazes de uma grande extensão de gelo, e criaturas estranhas, homens e mulheres usando peles, e um navio...

Odris piscou novamente, interrompendo as imagens. Começou, então, a se mover, fazendo um grande círculo, e esforçando-se para ficar acordada. Não havia sinal do Musgabraço, mas existiam muitas criaturas que vagavam pela noite de Aenir. Odris ficou estalando alguns raios na mão direita e não tirava os olhos do chão.

Não podia pegar no sono. Sua companheira estava contando com ela.

## Capítulo 7

Tal acordou e viu Adras flutuando acima dele, encobrindo inteiramente o sol. A julgar pelo calor e pela altura do sol no céu, a manhã já devia ir adiantada. Olhou a seu redor, para a relva que balançava com a brisa leve, e suspirou.

Seu pescoço estava doendo. Não havia sinal de Milla ou da Pastora de Tempestades, Odris.

Talvez pudesse ter feito alguma outra coisa, pensou Tal, massageando o pescoço. Mas não conseguia pensar em nada, nem mesmo agora. Além disso, o que estava feito estava feito.

O importante era se mexer. Tinha de encontrar o Códex que o levaria até Gref.

Mas não conseguia deixar de pensar em Milla.

— Eu tinha que fazer isso — protestou, em voz alta, tranquilizando-se a si mesmo. — Eu tinha que fazer isso.

Quanto mais pensava a respeito, mais convencido ficava de ter agido certo, e que Milla não passava de uma selvagem, incapaz de entender.

Ela não tinha o direito de tentar estrangulá-lo. Depois de tudo que fizera por ela. Ela tinha uma Pedra-do-Sol. Agora, teria também um Espírito-Sombra. Praticamente já pertencia aos Escolhidos, e devia tudo isso a ele. Não valia a pena se chatear por causa de suas estúpidas superstições de Garota-do-Gelo.

Ela devia ser sua inimiga, agora. Se voltasse a vê-la, teria de partir para cima dela, antes que ela o atacasse.

Adoraria não ter pensado nisso. A raiva esmoreceu, e ele ficou se sentindo deprimido. E faminto.

Ainda esfregando o pescoço, Tal foi para o sol. O calor animou-o um pouco. Disse consigo mesmo que o que tinha a fazer agora era descobrir para onde ir e como agir.

Precisava esquecer Milla e ir em frente, à procura do Códex.

Um grande besouro voador, todo azul e dourado, veio zumbindo e Tal o espantou de seu rosto. Quando fez isso, viu que parte da sombra do Pastor de Tempestades se moveu. Havia nela uma área mais escura, com os contornos de um menino. Tal se moveu novamente e a sombra mais escura também.

Não haviam ensinado isso a ele no Lectorium. Afastou-se alguns passos e mexeu os braços para cima e para baixo. O menino-sombra mais escuro que ficava no meio do Pastor de Tempestades mexeu os braços para cima e para baixo.

Tal se afastou ainda mais, mas o menino-sombra ficou exatamente no meio da sombra de Adras. Ele imitava seus movimentos, mas não o acompanhava, como faria uma sombra de verdade.

Tal abanou a cabeça. Havia tanta coisa que precisava entender. Havia apenas alguns meses, achava que soubesse praticamente tudo o que precisava saber. Supunha que estava no bom caminho para se tornar um Mestre-das-Sombras.

Agora, só sabia quanta coisa não sabia.

— Ei, Adras! — gritou ele. — Quero falar com você!

A nuvem estremeceu e começou, então, a retomar contornos humanos. Foi ficando mais

escura e relâmpagos voltaram a faiscar em forma de olhos. Alguns minutos mais tarde, o Pastor de Tempestades recuperou sua forma e se postou a uns poucos trechos de Tal.

— Você estava dormindo? — perguntou Tal.

— Não! — exclamou Adras, mas estragou tudo ao esticar os braços acima da cabeça e dar um bocejo que lançou uma rajada de ar frio sobre Tal. — Estava de guarda.

— É claro — disse Tal. — O que aconteceu com Milla e Odris?

— Foram embora — disse Adras.

— Isso eu estou vendo — disse Tal. — Para onde foram?

Adras deu de ombros e bocejou novamente.

— Brilhante — resmungou Tal. — Não acredito que você saiba alguma coisa sobre o Códex dos Escolhidos.

— O quê? — Adras deu um tapa no besouro que tinha voltado. Sua mão imensa por pouco não atingiu Tal, que deu um passo atrás, desequilibrado pela súbita rajada de ar.

— Ei! Cuidado — gritou Tal. Recuou uns poucos trechos e começou: — O Códex dos Escolhidos. É uma espécie de livro. Ele pode responder a todo tipo de perguntas. Você já ouviu falar dele, ou de onde ele possa estar?

Adras cocou a cabeça, fazendo faiscarem pequenos relâmpagos em seu crânio. O besouro ficou voando em torno da cabeça de Tal, quase como se estivesse escutando a conversa.

— Não — disse Adras afinal. — Você devia perguntar a Odris. Ela sabe muita coisa.

— Mas não sabemos para onde ela foi — disse Tal, controlando a irritação. — Haverá alguém mais, por aqui, capaz de responder às minhas perguntas? Há alguém que possa me ajudar a encontrar o Códex?

Adras ergueu uma das mãos e apoiou o rosto nela, refletindo profundamente. O besouro começou a voar em torno da cabeça de Tal, em sentido contrário, e, então, fez uma série de estranhos movimentos para cima e para baixo que Tal ignorou.

— Acho que poderíamos... — disse Adras, mas parou.

— Acha o quê? — perguntou Tal.

— Ir atrás de Odris? — sugeriu Adras, esperançoso.

— Mas não sabemos para onde ela foi — Tal estava ficando muito mal-humorado.

— Não sei para onde ela foi, mas posso encontrá-la — disse Adras, prontamente. — Ela vai sussurrar para o vento, e ele vai me contar.

— E você acha que Odris pode saber alguma coisa a respeito do Códex? — Tal estava um tanto distraído acompanhando o besouro azul e dourado que voava de um modo tão esquisito. Agora, eram dois besouros e, depois, surgiu um terceiro seguido de um quarto. Voavam em formação, bem diante de seu rosto.

— Deve saber — disse Adras. — Odris sempre conversou mais com os visitantes do que eu.

Tal não estava mais prestando atenção. A quantidade de besouros aumentava cada vez mais e, agora, eles estavam pousando na relva queimada, a seus pés, e se movendo com a nítida intenção de formar um desenho.

Tal olhou para aquilo, perplexo. Cinquenta ou sessenta besouros haviam traçado uma seta

apontando para o sudeste, e pelo menos outros tantos estavam desenhando alguma espécie de símbolo junto da seta.

Já haviam feito cerca de três quartos do desenho quando Tal compreendeu o que era aquilo. A letra do alfabeto dos Escolhidos usada para designar a Magia da Luz. A letra C.

— C! — disse Tal. — C de Códex?

— O quê? — perguntou Adras. Ele se inclinou para olhar os besouros. Infelizmente, com sua respiração, soprou metade deles para longe, exatamente quando eles estavam formando uma outra letra, sem dúvida respondendo à pergunta de Tal. Parecia um S, mas os besouros foram soprados antes de terminar o desenho.

Tal respirou profundamente.

— O quê? — repetiu Adras, desconcertado. Agora, os besouros não estavam fazendo nada organizado. Foram se afastando, sem rumo definido, ou saíram voando em todas as direções.

— Era uma mensagem — disse Tal. Apontou na direção indicada pela seta construída pelos besouros.

— Vamos por aqui.

— Mas Odris está nessa direção — disse Adras, apontando mais para norte que para leste.

Tal hesitou. Não tinha como saber quem havia mandado os besouros ou como aquilo tinha sido feito. Mas encontrar o Códex era só o que importava. Com ele, poderia descobrir quem estava mantendo seu irmão, Gref, em cativeiro, e muitas outras coisas além disso.

Olhou as cicatrizes em seu pulso, as marcas do juramento que tinha feito com Milla. Então, baixou deliberadamente as mangas e saiu andando.

## Capítulo 8

Milla acordou, exatamente como havia programado, na exalação da milésima quadrigentésima respiração.

A noite estava acabando, e o sol começava a surgir. Milla o fitou, fascinada. Era realmente como uma gigantesca Pedra-do-Sol erguendo-se acima das colinas.

— Graças aos céus, você acordou — disse Odris. — Eu estava com tanto sono...

Milla olhou a Pastora de Tempestades de alto a baixo. Não parecia tão ruim agora mas, cada vez que olhava para ela, ficava imaginando que tipo de sombra essa criatura seria.

— Você precisa descansar — disse Milla secamente. — Fico de guarda.

— Oh! Não estou cansada, agora — disse Odris. — É só que, com a ligação entre nós...

— Não há nenhuma ligação! — disse Milla, furiosa. — Ou, se houver, ela é falsa.

Odris não respondeu. Apenas voou, afastando-se um pouco para que Milla tivesse mais espaço para si.

Milla deu alguns passos, ignorando a dor de seus machucados. À luz do dia, viu que tinha as pernas cobertas de hematomas e arranhões. As articulações também estavam inchadas. Não ia ser nada fácil caminhar.

Mas não precisava fazê-lo, já que tinha decidido usar a Pastora de Tempestades para ajudá-la.

— Odris! — chamou. A Pastora chegou mais perto. — Pegue-me no colo — ordenou Milla, levantando os braços. — Vamos voar até a água mais próxima. Preciso beber e me lavar.

Odris se abaixou e segurou os braços de Milla com seus dedos fofos. Depois, se ergueu com uma série de sacudidelas, carregando Milla a uns poucos trechos do chão.

Dirigiram-se para leste, mas Odris não podia erguer Milla muito alto. De vez em quando, chegava a cair um pouco, a ponto de os pés de Milla baterem no chão. E doía, já que estavam voando bem rápido. Milla notou que Odris parecia ser capaz de alterar a direção do vento, fazendo com que ele soprasse sempre atrás dela e a levasse para onde ela quisesse ir.

O relvado continuou por muito tempo. Odris começou a descer com mais frequência e os pés de Milla já doíam bastante quando, finalmente, elas avistaram um pequeno lago mais à frente. Ele reluzia ao sol da manhã. Era uma superfície irregular, de um azul brilhante, quase do tamanho de um Selski adulto e com um formato também bastante semelhante.

— Ponha-me no chão — pediu Milla.

Mais uma vez, Odris obedeceu sem dizer nada. Depositou Milla no chão com todo cuidado, bem na borda do lago e, então, alçou-se rapidamente, ficando uns cinquenta trechos, ou mais, acima da Garota-do-Gelo.

Milla observou a água cautelosamente. Em seu mundo, água assim, a céu aberto, era coisa rara e muito perigosa. Exceto por algumas poucas áreas próximas a fontes quentes, isso só acontecia quando o Mar Vivo dos Selskis encontrava os Slepénishs que subiam através do gelo. O resultado de tal encontro era sempre uma vasta faixa de gelo quebrado e mares revoltos.

Esta água era muito clara. Dava até para enxergar o fundo arenoso. Não se via qualquer sinal de peixes, mas havia pequenos tufo de capim.

Mesmo assim, Milla foi prudente. Sacou a espada de chifre de Merwin. Mantendo-a na mão direita, ajoelhou-se para mergulhar a mão esquerda no lago e tomar um gole de água.

Tão logo seus dedos tocaram a superfície da água, surgiu uma espuma e uma corrente começou a se agitar violentamente junto às margens. Milla tirou a mão e recuou, espada em punho.

A água continuou redemoinhando. Apareceu, então, uma imensa forma no meio do lago. Por um instante, Milla pensou que fosse algo como um Merwin vindo à tona. Depois, viu que, na verdade, era mais água, só que uma água que se levantava com uma forma definida.

Um segundo mais tarde, Milla percebeu que era um nariz. E havia dois buracos escuros e profundos, que eram os olhos, e o traçado das sobranceiras feito de uma água mais escura, esverdeada.

A água do lago havia formado o rosto de um gigante.

A boca estava apenas a alguns trechos do lugar em que Milla tinha se ajoelhado. Ela se abriu. A água se levantou um pouco, formando lábios, e, ao mesmo tempo, escoou para criar uma garganta.

Os lábios se moveram e ouviu-se um ruído como um gargarejo, acompanhado de um fino borrfio que atingiu Milla. Ela se encolheu e recuou. A garota levou algum tempo para perceber que, na verdade, aquele gargarejo era uma fala, e que podia entendê-la.

— Quem veio tomar meu sangue?

Milla não respondeu. Começou a se afastar. Tudo aquilo era muito parecido com a Colina Hrigga e o Desafio dos Pastores de Tempestades.

Enquanto recuava, sua mão esquerda deu um puxão inesperado para a frente, sem que Milla pudesse controlá-la. A menina fez uma careta, pois o solavanco lhe chegou até o ombro. Era como se a sua mão estivesse presa por uma corda invisível, mas tudo o que podia ver eram umas poucas gotas de água na parte que havia mergulhado no lago.

— Quem veio, quem veio beber meu sangue? — perguntou o Rosto na água. — Está tentando ir embora? Tão cedo?

Milla puxou a mão, mas ela não se movia. Aquilo era magia, magia atuando através da água que sua mão tinha tocado.

Por um momento, Milla considerou a hipótese de cortar a mão fora. Mas, com isso, reduziria suas chances de viver o suficiente para voltar ao Navio em ruínas e entregar a Pedra-do-Sol. Talvez tivesse que fazer isso, mas, antes, tentaria qualquer outra coisa.

Milla olhou para cima, mas Odris não se aproximou. Ou estava esperando o momento certo para vir ajudá-la, ou estava emburrada por causa da sua atitude.

— Meu nome é Milla. — Não se deu o trabalho de anunciar a linhagem a que pertencia. Isto não significaria nada para aquele estranho espírito da água. — O que você quer de mim?

— Ah! ela fala — disse o Rosto, e o lago todo se inclinou para que ele pudesse olhar para Milla. — Não quero nada, a não ser conversar um pouquinho para passar o tempo. É muito solitário, aqui, e estou proibido de ir chapinhando para lugares mais interessantes.

— Não gosto de conversar — disse Milla. — Deixe-me ir.

O rosto sorriu, com seus lábios aquáticos se curvando para trás.

— Não, não — disse ele. — Não é tão simples assim. Estou preso aqui, e tenho que desempenhar meu papel. Você veio até aqui, e tem que desempenhar o seu.

— Que papel? — perguntou Milla. — Não sou cantora para imitar outras vozes.

— Você está usando uma Pedra-do-Sol — disse o rosto. — E vejo que tem um Pastor de Tempestades. Ele está destinado a ser seu novo Espírito-Sombra, suponho eu, e você, que pertence aos Escolhidos, acabou de conquistá-lo. Parabéns.

— Não pertença aos Escolhidos — disse Milla, mas suas palavras foram encobertas pelo estrondo de um trovão vindo do alto, enquanto um relâmpago caía na água.

— Você é auxiliada por um Pastor de Tempestades bem zangado — disse o rosto, sorrindo outra vez. — Mas relâmpagos não podem fazer nada contra um lago. Entretanto, poderiam fazer muito contra os Escolhidos.

Um fio de água jorrou do ponto que seria o queixo daquele rosto e formou uma poça em torno do pé de Milla.

Ela tentou levantar o pé, mas a água era como cola. Mal conseguia erguer o calcanhar uns poucos dedos acima do chão e a água o puxava de novo para baixo.

A Garota-do-Gelo pensou em golpear a água, mas tinha quase certeza de que não ia funcionar e ela simplesmente faria papel de boba. Mais uma vez, lamentou não saber usar a Pedra-do-Sol. Um raio de luz adequado poderia fazer o lago ferver como gordura de Selski num caldeirão. Não acreditava que o rosto fosse gostar de virar vapor.

Mas não sabia como atingi-lo com luz. E não podia lutar contra ele. Era uma sensação muito estranha, aquela. No Mundo Escuro, não havia nada que ela não pudesse ao menos tentar enfrentar.

— O que você quer? — repetiu ela.

## Capítulo 9

— Um jogo — disse o rosto. — Vou propor uns enigmas. Se você acertar três, pode ir embora. Vou até mesmo lhe conceder um dom. Para cada enigma que errar, você fica comigo por cem dias, e vamos conversar. Como já disse, é muito solitário aqui. Muitos e muitos viajantes sabem como gosto de conversar.

Enigmas eram populares entre os Homens-do-Gelo, mas Milla nunca havia sido muito boa nisso, nem se interessava muito. Na verdade, os enigmas eram coisa para as Matriarcas, ou para Cantadores e Cavaleiros da Espada.

— E eu não tenho que lhe propor três enigmas? — indagou Milla. Ela não tinha a menor condição de ficar presa nesse lugar por um dia que fosse, o que dirá por cem...

— Não — respondeu o rosto, e seus imensos lábios aquáticos fizeram um trejeito de aborrecimento. — A brincadeira é minha, não sua.

— Posso pedir a Odris, a Pastora de Tempestades, para me ajudar a responder? — perguntou Milla.

— Só uma vez — disse o rosto, depois de um momento de reflexão. — Está pronta?

Milla assentiu.

— Lá vai o primeiro enigma — disse o Rosto.

*“Cabeça de donzela tão pálida fria e quieta, mas não doente*

*Suas longas tranças crescem para o céu*

*Cabelos que queimam em tempo de seca*

*Alimento do homem, abrigo de seres*

*Ela e seu cabelo são.”*

Milla ouviu aquilo com o rosto inexpressivo, tentando memorizar bem as palavras. Odris veio chegando mais perto.

— Eu sei — disse prontamente a Pastora de Tempestades. — É...

— Cale a boca — ordenou Milla. Não queria desperdiçar a ajuda da Pastora tão cedo. Se o rosto propusesse um enigma que dependesse de algum conhecimento sobre Aenir, ela teria que contar com Odris, por mais que odiasse ter de fazer isso.

— Mas eu sei! — exclamou Odris. — Por que você é tão difícil? Gostaria de ter ficado com o outro.

Milla ignorou-a. Estava passando em revista todos os enigmas que conhecia, para ver se lhe davam alguma pista. As respostas para a maioria dos enigmas dos Homens-do-Gelo podiam ser encontradas no seu dia-a-dia. Talvez fosse o caso, aqui também. Mas como seria o dia-a-dia desse estranho Rosto de água? Não havia nada ali, a não ser o lago, e o que quer que houvesse dentro dele...

Dentro dele. Milla riu quando olhou para a água. Estava na cara, desde o começo.

— É uma rocha — disse a Garota-do-Gelo. — Seu cabelo é o capim que cresce da rocha.



— Fácil demais, fácil demais — grunhiu o rosto. — Preciso encontrar alguma coisa mais difícil. Um enigma astucioso para um Escolhido esperto, não é?

— Não — disse Milla. — Não sou...

Mais uma vez o som do trovão encobriu suas palavras, mas o relâmpago atingiu a terra do outro lado do lago. Qualquer que fosse a sua intenção, Odris estava sendo cautelosa. Milla franziu a testa tendo que reconhecer que, agora, sabia muito mais sobre relâmpagos do que antes. Sabia, por exemplo, que, se um raio atingisse a água junto dela, sua força podia feri-la passando através da água. Ninguém tinha ensinado isso a ela. Apenas ficara sabendo.

Com certeza, era porque sua sombra tinha sido absorvida pela Pastora de Tempestades.

— Achei! — disse o Rosto. — Lá vai o segundo enigma.

“Um viajante começa sua viagem. Na primeira semana, é levado para o sul. Na segunda semana, leva outros. Na terceira semana, voa para o céu. Na quarta semana, desce de novo. Quem é o viajante?”

— É isso, o enigma? — indagou Odris, incrédula. — É o melhor que você consegue propor?

— Fique quieta — ordenou Milla mais uma vez.

Estava aborrecida porque a Pastora parecia já saber a resposta. Certamente, ela devia se sair melhor que uma mulher-nuvem.

— E um enigma muito difícil para alguém dos Escolhidos — disse o rosto, todo satisfeito. — Você não vai acertar nunca. Vamos ficar conversando, conversando, conversando...

— Para começo de conversa, o viajante é um iceberg — interrompeu Milla. — Primeiro, é só água, fluindo livremente. Depois, é vapor, como o que sai de uma chaleira ou dos lugares onde o metal ferve por baixo do gelo. Enfim, é chuva, ou neve.

— Não é isso! — gemeu Odris.

— É, sim — disse o rosto, furioso. — Você não é dos Escolhidos. Eles não sabem nada sobre icebergs. O que você é?

— Sou dos Homens-do-Gelo — disse Milla. — Sou Milla, do Clã dos Caçadores. Filha de Ylse, filha de Emor, filha de Rohen, filha de Cloy, da linhagem de Danir desde a Ruína do Navio.

— Danir? — disse o Rosto, e sua boca e sua testa se contraíram de raiva. — Danir? Você é descendente de Danir!

O rosto saiu inteiro da água. Surgiram longos dentes onde antes não havia nenhum, e uma língua enorme se lançou sobre Milla, para apanhá-la.

Mas, antes que conseguisse fazê-lo, o rosto congelou subitamente. Cristais de gelo formaram um grande anel a seu redor e começaram a se aprofundar em milhares de finas ramificações.

O Rosto gritou e gemeu, e voltou para o leito do lago. O gelo foi sumindo e, em pouco tempo, tinha desaparecido.

Milla continuou de pé, ainda sem poder sair dali, com o coração batendo forte. Não tinha como se defender e, por certo, teria sido engolida pelo rosto ou, talvez, afogada. Foi quando surgiu o gelo. Mas, de onde?

— Tanto você quanto Milla estão comprometidos com os enigmas, e o jogo tem de ser jogado até o fim — disse Odris, dirigindo-se ao Rosto. — Mas, diga-me. Quem foi essa Danir que você odeia tanto?

— Vou propor meu terceiro enigma — disse o rosto, carrancudo, e ignorando a pergunta de Odris.

— Danir é a fundadora da minha linhagem — respondeu Milla. — Eu também estou curiosa para saber por que ela teria um inimigo de um outro mundo, e num tempo tão distante.

— Aí vai o terceiro enigma — resmungou o rosto, ignorando-as. — Era uma vez um ser livre e orgulhoso que, não por sua culpa, joi envolvido numa guerra entre os governantes dos dois mundos. A guerra se prolongou por muitos e muitos anos, e havia muito ódio de parte a parte. Finalmente, a guerra acabou com uma grande obra de magia. Ergueu-se uma barreira secreta num dos mundos para manter a luz — e o inimigo — de fora. No outro mundo, um feitiço fez com que a maioria de seus habitantes esquecessem seus próprios poderes e boa parte de seu passado. Privados tanto de sua memória quanto de sua magia, esses seres, outrora orgulhosos, foram facilmente conquistados, cada um deles ficando irremediavelmente ligado a um local que lhe foi designado. Só um descendente do conquistador original pode libertá-los, seja deslocando o vínculo do lugar para eles próprios, seja simplesmente desfazendo as cadeias. Eu sou esse prisioneiro, e fiquei encantado aqui por obra de Danir, que, segundo você diz, é uma de suas primeiras ancestrais. Você vai me libertar?

— Isto não é um enigma — disse Odris, indignada. — É uma pergunta. Ou uma afirmação. Ou qualquer outra coisa.

Milla franziu a testa. Não era um enigma, mas o rosto parecia acreditar sinceramente que Milla podia libertá-lo.

— Não estou entendendo — disse ela. — Danir é a ancestral mais remota de meu clã, mas ela era dos Homens-do-Gelo. E os Homens-do-Gelo nunca vieram a este mundo, a Aenir. Vivemos no Gelo, no Mundo Escuro.

— Não me importa como seu povo se denomina atualmente — disse o Rosto. — E não me lembro como vocês se denominavam naquela época. Tudo o que sei é que, logo depois da criação do Véu e do Esquecimento, eu fiquei encantado aqui, por obra de uma feiticeira chamada Danir.

Milla abanou a cabeça. Esta era uma questão para as Matriarcas, não para uma guerreira. Estava louca para voltar para o mundo simples do Gelo e para os inimigos que podia enfrentar e matar. Não agüentava mais aqueles jogos de palavras e de magia.

— Mesmo que a Danir que o enfeitiçou seja minha ancestral, não tenho o conhecimento necessário para libertá-lo — disse Milla. — Não posso considerar essa resposta como a terceira do jogo. Você tem que me propor um enigma de verdade.

— Não, não — soluçou o rosto, enquanto lágrimas de água mais escura deslizavam por sua face. — Você tem que me libertar. Vieram tantos Escolhidos ao longo dos séculos, mas nenhum deles podia fazer isso, porque nenhum deles descendia de Danir. Posso servi-la, sendo seu Espírito-Sombra...

— Ela já tem a mim! — interrompeu Odris. — Para que ela ia querer uma grande poça de água?

— Por favor — implorou o Rosto. — Já fiquei aqui por tempo demais. Liberte-me.

— Não sei como fazer isso — sussurrou Milla.

Ela entendia perfeitamente que o rosto desejasse ser livre. A pior punição que um Homem-do-Gelo poderia imaginar era ficar enjaulado e impedido de se mover. Se não pudessem seguir a

migração dos Selskis, morreriam.

— Eu sei — disse Odris. — Quer que eu lhe diga como fazê-lo?

## Capítulo 10

Depois de caminhar algumas horas sem parar, Tal deixou para trás o relvado. Talvez eles também estivessem indo na outra direção, o tempo todo. Em Aenir, é difícil ter certeza de alguma coisa.

A orla daquele relvado se estendia, até onde os olhos alcançavam, rumo ao norte e ao sul. A oeste, o solo recoberto de relva, a leste, um estranho deserto de areia vermelha com cristais azuis pontiagudos, que se erguiam como colunas e, a uma certa distância, pareciam árvores.

A principal diferença era que os cristais tinham pontas muito aguçadas, e pareciam ser carnívoros. Pelo menos, de várias daquelas “plantas” pendiam lascas de carne e de pele, e todas elas estavam cercadas de ossos quebrados.

Tal passou ao largo daqueles cristais. Ao que tudo indicava, eles não podiam se mover, mas o menino não se fiou nisso. Eles podiam ser como as árvores da floresta que viram ao chegar, e começar a se mover quando lhes conviesse.

À medida que Tal foi se embrenhando no deserto, o calor foi aumentando. Os cristais brilhavam mais intensamente, com uma luminosidade hipnótica. Era assim que capturavam suas presas e, várias vezes, Tal precisou se impedir de ir direto até uma daquelas plantas. Teve saudades de sua velha sombra-guardiã. Ela teria protegido sua cabeça do sol e abrigado seus olhos. Mas a sombra-guardiã tinha ido embora, para continuar vivendo como um jovem Dattu.

Só então Tal se lembrou que tinha um companheiro capaz de sombrear o seu caminho. Parou e olhou para cima. Adras vinha se arrastando mais atrás, bem lá no alto. Agora, sequer podia ser visto. Mas não estava tão longe assim. Tal podia sentir sua presença, a ligação que havia entre ambos. Reconhecia essa sensação porque era parecida com a que existira entre ele e a sombra-guardiã.

— Adras! — gritou Tal. Sua voz estava rouca. Ele tinha bebido água de um pequeno riacho, pela manhã, mas há algumas horas vinha querendo beber um pouco mais. Esse deserto era muito mais quente que o normal.

Adras não respondeu ao seu chamado.

Tal chamou novamente e ficou escutando. Houve um levíssimo estrondo no céu, um trovejar bastante patético.

Tal suspirou e, muito a contragosto, foi-se dirigindo para o ponto de onde viera aquele som, zigue-zagueando por entre as colunas de cristal.

Uns cem trechos adiante, Tal deparou com um oásis no deserto de cristal azul — uma área coberta de terra mais comum, com uma pequena fonte borbulhante cercada por uma fileira de árvores altas e esguias com copas de um tom verde-púrpura.

Adras pairava sobre a fonte, sugando umidade. Uma fina coluna de vapor serpenteava desde a fonte até sua boca aberta.

Tal logo se abaixou para beber. Devia haver também algo para comer, pois as árvores tinham frutos em meio à folhagem.

Também havia frutos no chão. Tal bebeu um pouco de água e, depois, pegou um fruto para examiná-lo. A casca era dura, mas, por dentro, ele era macio e suculento. Já tinha visto esses frutos antes, embora apenas em cestos trazidos ao Território dos Escolhidos. Sua mãe o chamava

fruta-bolo e, depois de cortá-lo em fatias, assava no forno.

Tal não tinha como fazer isso, aqui, mas tostou o fruto com um raio de luz branca e quente de sua Pedra-do-Sol, até que a polpa escurecesse. Comer aquilo trouxe lembranças de tempos melhores, quando sua família estava reunida e a pior coisa com que tinha de se preocupar era a volta às aulas, no Lectorium.

Tal cuspiu o último pedaço da fruta. Não queria ficar se lembrando daquelas coisas. Ficava muito desanimado, pensando em sua família e nos problemas que vinham tendo. Tinha que se concentrar em seu objetivo imediato.

— Preciso encontrar o Códex — disse, em voz alta.

Acima de sua cabeça, Adras concordou, mas não parou de chupar vapor. Atravessar o deserto tinha sido uma dificuldade para o Pastor de Tempestades. Estava reduzido a três quartos de seu tamanho normal por causa do ar seco. Agora, tentava absorver o máximo de água possível, para agüentar até a noite, que era mais fresca.

— É melhor que Milla tenha ido embora — acrescentou Tal. Estava olhando para Adras mas, na realidade, falava sozinho. — Tudo fica mais... não sei... simples. Quer dizer, na verdade, ela não queria encontrar o Códex. Só queria aprender coisas sobre Aenir e ir contar para aquela velha estranha.

Adras parou de sorver vapor apenas o suficiente para arrotar. Depois, recomeçou, usando sua respiração possante para transformar água em vapor e levá-lo até a boca.

— Que ótimo! — disse Tal. — Você me ajuda muito.

Apesar do calor, que agora estava intensíssimo, Tal não queria esperar. Cada minuto no oásis era tem-po perdido. Alguma coisa podia estar acontecendo com Gref, ou com sua mãe, enquanto ele ficava ali, sentado, comendo fruta-bolo. Qualquer coisa.

— Venha — disse ele. Porém, mal tinha se afastado uns poucos trechos da sombra das árvores, o calor do chão atravessou a sola de seus sapatos e ele teve de voltar para a fonte, pulando e xingando.

— Quente demais para viajar — disse Adras, bocejando. — Devíamos esperar o tempo refrescar.

— Acho que sim — respondeu Tal, relutante.

Examinou suas botas. Não tinha notado antes, mas a caminhada matinal por aquele estranho deserto tinha aberto vários buracos no couro. Eram botas dos Homens-do-Gelo, feitas para as terras geladas e não para areias escaldantes.

— Vamos ter que compensar esse tempo à noite.

Adras concordou.

Tal se recostou numa das árvores, olhou para cima, para verificar se nenhuma fruta-bolo poderia cair em cima dele, e fechou os olhos. Prometeu a si mesmo que não dormiria. Apenas repassaria os acontecimentos. Encontrar o Códex era o primeiro passo, mas havia muito mais coisas em que pensar.

— Como vou encontrar o Códex? — murmurou consigo mesmo. Ia simplesmente continuar andando para o leste até topar com ele?

Tal sabia que não seria tão fácil. Era melhor descansar agora, e poupar suas forças. Depois, caminharia a noite inteira. Compensaria o tempo perdido. Tinha que fazer isso.

Mas o sol estava muito quente, mesmo à sombra das árvores de fruta-bolo, e os pensamentos de Tal foram virando sonhos.

Ele adormeceu, não acordando nem quando começou a soprar uma brisa, derrubando algumas frutas-bolo que caíram a seu redor.

E continuou dormindo, mesmo quando alguma coisa veio deslizando pelo tronco da árvore de fruta-bolo acima dele. Uma coisa comprida e escamosa, apesar de muito fina e achatada. Tinha milhares de patas fininhas e dotadas de garras. Elas ondulavam sob seu corpo, cada garra arrancando minúsculos fragmentos da casca da árvore à medida que a coisa vinha descendo, serpenteando em volta do tronco.

A criatura tinha duas cabeças na extremidade de seu corpo, que parecia uma fita. Duas cabeças de tamanho desigual. A menor tinha uma espécie de ramalhete formado por oito olhos multifacetados, e um par de antenas que sondavam tudo à sua frente. A outra era duas vezes maior. E era só uma boca que, no momento, estava fechada.

A coisa parecia não ter pressa alguma. Continuou descendo até ficar bem acima da cabeça de Tal, que dormia. As antenas da cabeça menor roçaram em seu cabelo e os olhos da criatura brilharam enquanto ela observava o menino.

A boca começou, então, a se abrir. A princípio, não parecia que aquilo pudesse abrir tanto a boca, a ponto de causar algum dano a Tal. Mas a parte inferior da cabeça maior continuou se abrindo, cada vez mais, e a boca foi crescendo, ultrapassando em muito a segunda cabeça, até ocupar todo o corpo da criatura.

Ela não tinha dentes. No entanto, uma horrível saliva verde começou a brotar do fundo de sua garganta.

A coisa se deslocou um pouco, para ficar numa posição melhor e, então, começou lentamente a baixar as mandíbulas em direção à cabeça de Tal, enquanto aquela baba verde se espalhava pelo cabelo do menino.

## Capítulo 11

O sol já estava bem baixo no céu quando Tal acordou com um ruído estranho. Ajeitou o corpo e cocou a cabeça. Sentiu alguma coisa pegajosa e baixou a mão para ver o que era aquilo.

— Arrghh! — gritou ele, e se pôs de pé. Enquanto dormia, alguma seiva nojenta ou coisa do gênero tinha caído em sua cabeça. Correu até a fonte para lavar as mãos. Depois, mergulhou a cabeça na água e lavou-a também.

O nível da fonte tinha descido bem um palmo. Era fácil saber para onde tinha ido aquela água, e de onde vinha o ruído estranho. Adras estava planando exatamente acima da cabeça de Tal, roncando. Tinha absorvido tanta água que se transformou numa nuvem balofa, toda branca e fofa, sem qualquer vestígio, por menor que fosse, de escuridão que anunciasse tempestade.

— E você se diz Pastor de Tempestades! — disse Tal, mas não falou tão alto assim. Quem era ele para acusar Adras de ter adormecido. Achava inadmissível que ele próprio tivesse dormido, embora provavelmente não pudessem ter seguido viagem mais cedo.

E olhe, pensou ele, que foi uma sorte não ter acontecido nada. Aenir não é um lugar onde valha a pena dormir desprotegido.

Estava justamente pensando assim quando viu a terrível criatura de duas cabeças. Ela estava no chão, a uns poucos trechos de distância, serpenteando em sua direção e deixando um rastro daquela horrível baba verde que saía de sua boca.

Tal ergueu a mão e se concentrou na Pedra-do-Sol. Ia lançar-lhe um Raio Vermelho da Destruição Abrasadora.

A Pedra-do-Sol emitiu um clarão vermelho e começou a brilhar. Mas, antes que o Raio Vermelho estivesse completamente formado, Tal piscou os olhos e baixou a mão.

O grotesco verme de duas cabeças, ou cobra, ou sabe-se lá o que era aquilo, tinha feito um desenho com sua saliva brilhante. Escrevera toda uma série de letras no chão, sob as árvores.

Tal observou o que estava escrito. A princípio, não conseguiu entender. Percebeu, então, que estava olhando de cabeça para baixo. Deu a volta, tomando o cuidado de deixar espaço bastante para a cobra de duas cabeças que continuava escrevendo. Mais uma vez, havia a letra C e uma seta apontando para o leste. Mas havia também o desenho de algo. Uma chave, pensou Tal. E, depois, várias letras que formavam a palavra R-U-D-B-R-U-T.

— Quem é você? — perguntou Tal, dirigindo-se à cobra. — Como consegue se comunicar através de outras criaturas?

A serpente teve uma contração e começou a gotejar uma outra letra no chão. Tal chegou um pouco mais perto, louco para descobrir que letra ia ser aquela. Parecia o começo de um C.

Estava a um trecho de distância quando se ouviu uma explosão fragorosa. Tal foi atirado para trás, e choveu terra misturada com pedaços da cobra de duas cabeças.

— Peguei! — trovejou Adras, dando um soco no ar com seu imenso punho-de-nuvem. — Salvei você!

Tal se conteve, e contou até dez. Adras era pior que Gref. Pelo menos, Gref sabia que estava chateando quando interferia em alguma coisa que Tal estivesse fazendo.

— Por que você fez isso? — perguntou Tal, bem devagar, quando conseguiu pronunciar as palavras sem gritar.

— Era um Glub de duas cabeças — respondeu Adras, como se isso explicasse tudo. — Por sorte, eu estava de olho.

Aquilo foi demais para Tal.

— Você estava dormindo a sono solto, seu idiota! — berrou Tal. — E ele estava transmitindo uma mensagem. Uma mensagem do Códex!

— Ué! Não era um Glub de duas cabeças? — perguntou Adras inocentemente.

— Era — concordou Tal. — Mas não... sei lá... não estava sendo, nesse exato minuto.

— O que você fez com seu cabelo? — perguntou Adras, inclinando um pouco a cabeça fofa, como quem não está entendendo nada.

— O quê? — perguntou Tal. — O quê?

— Seu cabelo — disse Adras. — Ele mudou de cor.

Tal nem lembrou de dizer ao Pastor de Tempestades como ele era imbecil e correu para a fonte. Mas ela estava borbulhando demais para servir de espelho.

— Verde — acrescentou Adras. — Listrado.

Tal passou a mão no cabelo outra vez. Parecia normal mas, quando arrancou alguns fios, viu que eram de um verde brilhante.

Verde como a baba do Glub de duas cabeças, compreendeu. Ele devia estar babando em sua cabeça bem no momento em que o Códex assumiu o controle sobre ele — ou seja lá o que tenha feito — e mandou que escrevesse a mensagem.

Olhou para a árvore junto à qual tinha estado adormecido e viu o traçado deixado pelas garras do Glub, além de algumas manchas verdes bem acima do lugar onde sua cabeça tinha estado apoiada.

— Estou enjoado — disse Tal repentinamente.

Adras, inteiramente desconcertado, viu o menino se dirigir a uma outra árvore e vomitar. Parecia um tanto exagerado reagir assim só porque seu cabelo tinha mudado de cor. Pastores de Tempestades ficavam trocando de cor o tempo todo...

Quando melhorou do enjôo, Tal voltou até Adras.

— Adras — disse ele —, acho que é hora de estabelecermos algumas regras. Antes de mais nada, você não deve dormir quando eu estiver dormindo. Deve ficar de guarda.

— Mas fico com sono quando você está com sono — respondeu Adras. — Porque estamos ligados um ao outro.

— Eu sou dos Escolhidos — afirmou Tal. — Você é meu Espírito-Sombra. Ou será. E deve obedecer.

— Por quê? — perguntou Adras. — Por que não podemos fazer as coisas juntos?

Tal ficou olhando para o céu. Não era assim que tinha imaginado lidar com seu próprio Espírito-Sombra. Se, pelo menos, Milla não o tivesse interrompido quando estavam na colina, ele teria conquistado essa criatura volumosa do jeito certo. Resultado: tinha perdido sua sombra, em vez de utilizá-la para garantir obediência absoluta.

Adras entendeu o silêncio de Tal como uma demonstração de que ele estaria emburrado.

— Bom — disse ele —, se é assim que você quer. Vou dormir quando você estiver acordado.



Vou dormir agora.

— Não! — exclamou Tal. — Temos de seguir viagem. O céu está claro, e vou poder enxergar o suficiente para achar um caminho através dos cristais.

— Mas, para onde? — perguntou Adras. — Para encontrar Odris?

— Não! — disse Tal. — Esse assunto está encerrado. O Códex, acho eu, pelo menos, me mandou outra mensagem.

Franziu a testa, pensando na seta, no desenho da chave e nas letras que formavam a palavra 'Rudbrut'.

— Vamos rumar para o leste, e há algum lugar chamado Rudbrut, onde devemos procurar uma chave — anunciou Tal com um ar confiante. Era fundamental assumir esse tom de comando diante de um criado voluntarioso. Tinha aprendido isso quando era criança, dando instruções ao Povo Inferior.

Mas não se sentia absolutamente confiante. E se tivesse entendido tudo errado?

— Rudbrut? — perguntou Adras. — Rude-bruto?

— É — respondeu Tal. — Você conhece?

— Já ouvi falar de uma criatura chamada Rudbrut — disse Adras. Seu peito ficou escuro, carregado, e relâmpagos começaram a brotar das pontas de seus dedos. — O bastante para saber que não queremos chegar nem perto dela.

## Capítulo 12

— Não — disse Milla, depois de refletir sobre o que Odris havia dito e o apelo do Rosto para que ela o libertasse. — Se Danir efetivamente o enfeitiçou, não cabe a mim libertá-lo.

Diante desta resposta, o rosto grunhiu. Só o feitiço que o imobilizava ali e o pacto dos enigmas evitaram que ele atacasse Milla.

— Mas vou relatar para as Matriarcas o que você me contou — acrescentou ela. — Não acredito que Danir desejasse prender um ser vivo por tanto tempo em algum lugar.

— Dizer às Matriarcas! — esbravejou o Rosto, lançando sobre Milla respingos de água gelada. — De que adianta isso?

— Pode adiantar, algum dia — disse Milla, com toda calma. — Agora, você precisa me soltar. Decifrei os três enigmas.

— O terceiro não foi um enigma — resmungou o rosto. — Vou propor outro. Lá vai o...

Interrompeu o que ia dizendo, pois sua língua congelou subitamente, não podendo mais se mover. Rolou os olhos e inflou as bochechas, tentando continuar falando, mas o frio o imobilizou bem depressa.

Milla baixou os olhos e viu que o fiozinho de água que prendia seus pés também tinha congelado. Experimentou, então, erguer a perna. O gelo rachou e se quebrou.

Tentou mover a mão. As gotinhas de água eram, agora, partículas de gelo e caíram todas.

Estava livre!

Contornou o lago, correndo, e se afastou. Odris circulava pelo ar acima de sua cabeça, ainda se dirigindo ao rosto.

— Ha! Ha! Viu? Foi trapeacear brincando de enigmas! — gritou a Pastora de Tempestades.

Milla e Odris estavam a cem trechos de distância quando a língua do rosto descongelou. Puderam ouvir seu grito, triste e queixoso:

— Não se esqueça! Fale com suas Matriarcas! Liberte-me!

Quase uma hora mais tarde, ainda ouviam o rosto gritar, e sua voz foi ficando mais fraca à medida que a distância entre eles ia aumentando lentamente.

O relvado deu lugar a uma floresta rala, de árvores cinzentas e com ar doentio. Depois de examiná-las cuidadosamente, para se assegurar de que não havia possibilidade de elas se moverem ou atacá-la, Milla cortou vários ramos e afiou suas pontas para fazer lanças improvisadas. Não era possível arremessá-las muito bem, mas dava para usar. Apanhou também diversas pedras lisas, sempre tomando o cuidado de verificar se não eram ovos ou coisa pior.

Odris ficou olhando aquilo sem dizer nada. Milla ficou tentada a perguntar à Pastora de Tempestades sobre as árvores e as pedras, mas achou melhor não. Não devia ficar muito dependente daquela criatura, disse consigo mesma.

Caminhou pela floresta por várias horas. Lá pelas tantas, o terreno começou a se elevar. Era uma inclinação suave mas, mesmo assim, significava um esforço extra para seus tornozelos e joelhos machucados. Pediu a Odris que a erguesse outra vez, para voarem por algum tempo.

— Também estou cansada — disse Odris. — Além disso, por que deveria carregá-la? Você não tem sido nada gentil comigo.

— Não lhe pedi para comer minha sombra — disse Milla. — Devolva-a para mim e continuarei sozinha.

— Eu não comi sua sombra. Estou compartilhando ela com você. E não posso devolvê-la.

— Diga-me. De que é que o rosto estava falando naquela hora? Que história é essa de guerra entre dois mundos?

— Se eu contar, você vai ser boazinha comigo?

— Donzelas Guerreiras não fazem barganhas — disse Milla, e recomeçou a andar.

— Ah! está bem, vou contar a história assim mesmo — disse Odris. — Foi uma guerra entre o mundo do qual você veio e Aenir. Na verdade, não sei muita coisa sobre isso porque só tenho dois mil anos e tudo aconteceu um pouco antes de eu ser criada. Praticamente todos os Aeniranos que viviam naquela época foram vítimas do Esquecimento e, assim, também não podiam me contar o que aconteceu. Eu apenas juntei um pedaço da história aqui, outro ali...

Dois mil anos, pensou Milla. Ela sabia que um ano era um circuito, ou quase isso. Mentalmente, foi calculando todas as gerações até chegar a Danir. Dava certo. Danir deve ter vivido há aproximadamente dois mil anos. Mas ela era uma das ancestrais do Homens-do-Gelo, e não dos Escolhidos.

— O rosto disse que o Vêu foi feito na época do Esquecimento — disse Milla. Parou de andar, absorta nas perguntas que fazia. — Quem fez o Vêu? E quem... como... como foi realizado o Esquecimento?

— Não sei ao certo — respondeu Odris. Seus olhos de relâmpagos estavam muito brilhantes, e ela estava nitidamente interessada no assunto. — As pessoas do seu mundo, aqueles que hoje se denominam Escolhidos, embora tivessem outro nome naquela época, fizeram o Vêu para manter as criaturas de Aenir fora desse seu mundo. Já que sempre nos tornamos sombras lá, bloquear o sol foi a proteção definitiva. Entretanto, o Vêu era apenas uma parte do plano que foi executado por dois tipos diferentes de Escolhidos. O primeiro deles criou o Vêu. O segundo, o Esquecimento e praticamente todos os Aeniranos ficaram presos aqui por encantamento, uma vez que todos nós estávamos enfraquecidos e sem poderes desde o Esquecimento. Esses Escolhidos enfeitiçaram todas as criaturas, não importando se seríamos ou não sombras em seu mundo. Tenho certeza de que Danir fazia parte desse segundo grupo de Escolhidos.

— Mas o que aconteceu com eles? — perguntou Milla. — Os que realizaram o Esquecimento e os encantamentos?

— Quando o trabalho estava terminado, eles deixaram Aenir e voltaram para seu mundo — disse Odris. — Depois disso, todas as criaturas de Aenir ficaram vinculados a lugares encantados. Você sabe, não é? Uma caverna, uma colina, um lago, ou qual quer outro lugar. Era muito chato. Foi então que os Escolhidos apareceram novamente e libertaram vários de nós para serem Espíritos-Sombra. Levavam também jovens Aeniranos para serem sombras-guardiãs, e houve ainda uns poucos de nós que foram libertados por acaso. Só que ninguém quis conquistar Adras e eu como Espíritos-Sombra até você e seu amigo Tal chegarem...

— Ele não é meu amigo! — disse Milla, recomeçando a caminhar. Tinha muito em que pensar. Sempre soube que existira uma época antes do Vêu, mas não que a barreira que bloqueava o sol fora criada para manter os Aeniranos de fora. No entanto, fazia sentido. Em seu mundo, eles se tornavam sombras e seriam imensamente enfraquecidos pela escuridão.

O Esquecimento e o encantamento dos Aeniranos também era muito interessante. Era

exatamente o tipo de coisa que as Matriarcas podiam fazer, o que sugeria que “o segundo tipo de Escolhidos” fosse mesmo os Homens-do-Gelo.

Tudo vinha confirmar a horrível certeza de que, há dois mil anos, Escolhidos e Homens-do-Gelo tinham se unido para combater a ameaça vinda de Aenir. Depois, cada grupo seguiu seu caminho. Mas, agora, os Escolhidos pareciam estar desfazendo a vitória obtida. Libertavam Aeniranos e levavam-nos consigo para o Mundo Escuro para se tornarem Espíritos-Sombra. E o uso excessivo de Pedras-do-Sol enfraquecia a defesa contra os Espíritos-Sombra que o Véu proporcionava.

Milla ficou se perguntando se as Matriarcas sabiam disso. Será que elas sabiam sobre Aenir, e a guerra, e a participação de seus ancestrais em tudo isso? Sabiam o que Escolhidos vinham fazendo com os Aeniranos e o que isso poderia significar para os Homens-do-Gelo?

Algo se moveu mais à frente, interrompendo os pensamentos de Milla. O que quer que fosse aquilo, vinha diretamente para onde ela estava. Sem pensar, Milla jogou a pedra que tinha na mão. Ela passou zunindo por entre as árvores e, pelo barulho, acertou em cheio seu alvo.

Milla sacou a espada e avançou, com toda cautela. Uma criaturinha estava caída no chão, a cabeça esmagada pela pedra. Milla a virou cuidadosamente com a espada. Tinha aquela estranha pelagem que recobria um corpo miúdo, como vira antes nos animais que cantavam pelas árvores. Pássaros, como dizia Tal. Mas este pássaro não tinha asas e estava correndo pelo chão. Era todo azul, à exceção de seu bico pontudo, que era de um vermelho brilhante.

— Como se chama essa criatura? — perguntou a Odris.

— É um Nanuch — disse Odris. — Eles são estúpidos e obstinados. Vêm em...

Antes que ela acabasse de falar, muitos outros pássaros vieram correndo em direção a Milla. O líder saltou em seu rosto e a atacou furiosamente com o bico pontudo. Milla se esquivou e revidou, mas ele já tinha ido embora, sem olhar para trás. Mal teve tempo de se virar e três outros pularam sobre ela. Milla acertou o primeiro com uma pedra e, rapidamente, golpeou os dois outros com a espada. Mas ainda havia outros atrás desses, todos correndo juntos, vindo direto para cima dela.

—...bandos — continuou Odris. — Vão ignorá-la se sair da frente. Tem outra coisa a respeito deles, mas não lembro o que é...

Milla chutou os pássaros mortos para um lado e saiu da frente. Ficou um tempão olhando, incrédula, enquanto uma fileira aparentemente interminável de estúpidos pássaros azuis passava correndo.

Se soubesse que só queria passar, teria deixado. Depois que o último deles passou, Milla recolheu os que tinham morrido. Pareciam ser bons de se comer, se pudesse cozinhá-los.

Tinha acabado de enfiar a cabeça do último no cinto, assegurando-se de que não cairia, quando Odris desceu e a agarrou pelas mãos.

— Hora de subir!

Milla ia perguntar por que quando viu se aproximar ruidosamente, em meio às árvores, uma versão infinitamente maior do mesmo pássaro azul de bico vermelho que acabava de pôr na cintura.

Um Nanuch gigante.

Atrás dele, vinham outros três, mas estes não corriam estupidamente em linha reta. Desviavam cautelosamente das árvores e seus olhos ferozes e espertos observavam tudo a seu redor.

O que vinha na frente viu Milla e os corpos que pendiam de seu cinto.

Bateu o bico, produzindo um som agudo e premente, mais forte que um grito. Responderam, em eco, todos os outros pássaros que Milla podia ver — e outros tantos, que estavam em algum lugar, mais atrás.

Milla não esperou para contar quantos seriam. Aqueles pássaros eram do seu tamanho, com bicos tão longos quanto sua espada, e ela podia ouvir o ruído que faziam por todos os lados.

Ergueu os braços, num gesto rápido, e Odris os agarrou.

— Ufa! — grunhiu a Pastora de Tempestades, arrancando do chão com Milla. A menina ergueu as pernas o mais que pôde, exatamente no momento em que o pássaro líder saltava sobre

ela. Seu bico pontudo acertou o ar um palmo abaixo de seus pés.

Odris grunhiu de novo e parou de subir.

— Mais alto! Mais alto! — gritou Milla. Adoraria ter deixado uma mão livre para poder lutar também.

Mas era tarde demais. Odris a estava segurando com tanta força que não dava para se soltar.

— Estou tentando! — gritou a Pastora.

O pássaro saltou novamente sobre Milla e, desta vez, seu bico atingiu a sola de sua bota. Não chegou a atravessá-la, mas Milla se ressentiu do golpe. O bico era muito afiado.

— Você é pesada demais! — disse Odris, embora tivesse conseguido se erguer um pouco mais.

— Solte meu braço esquerdo — ordenou Milla.

Agora, havia três pássaros abaixo dela, todos os três pulando para atacá-la. Um deles, um pouco mais esperto, estava voltando para a colina para tomar impulso e saltar.

Odris soltou seu braço esquerdo e Milla tirou rapidamente um dos pássaros mortos de seu cinto. Girou e girou o braço, e atirou o pássaro bem longe.

Como imaginara, dois dos grandes pássaros foram atrás, incluindo o que tinha voltado para a colina.

Fez a mesma coisa com todos os pássaros mortos e os grandes saíram atrás deles. Mas tantos outros vinham se aproximando que isso não ia adiantar muito.

Aquilo também reduziu um pouco o peso e, com isso, Odris pôde subir mais. Começou também a planar, e os pássaros acompanhavam mais abaixo. O ruído de seus bicos era tão alto que parecia uma tempestade de granizo.

Milla preferia que fosse isso. Sabia como sobreviver a uma tempestade de granizo.

— Não sei por quanto tempo vou conseguir manter você no alto! — disse Odris, bufando, depois de terem feito uma centena de trechos com os pássaros ainda em seu encaço.

— Continue! — disse Milla, encorajando a Pastora de Tempestades. Podia ver que alguns pássaros estavam voltando, evidentemente para ir atrás da fileira dos pássaros menores. Seus filhos, pensou Milla. Ou talvez seus pais. Quem poderia saber, nesse mundo tão estranho?

— Realmente, não agüento mais — disse Odris, ofegante. — Preciso de água.

— Só um pouco mais — insistiu Milla. O número de pássaros que as seguiam estava diminuindo. — Você não pode acertar alguns deles com seus relâmpagos?

— Não, a menos que você queira ser atingida também — respondeu Odris, arquejando. Ela caiu alguns trechos e vários pássaros atacaram, seus bicos reluzindo ao sol. Só não acertaram Milla porque ela balançou o corpo violentamente, batendo com os pés nas axilas de Odris.

— Ui! — exclamou a Pastora de Tempestades, e caiu vários trechos, por sorte, fora do alcance dos pássaros.

Milla não disse nada, embora tivesse percebido que Odris tinha muito mais força do que dizia ter. Isso era atitude de inimigo, não algo que se esperasse de um aliado.

— Ah! Olhe ali! — exclamou Odris. Ela balançou o braço para a frente, querendo apontar, mas esqueceu que Milla estava presa ali. Com isso, desceram em parafuso, voltando a ficar

perigosamente perto dos pássaros outra vez.

Por um momento, tudo o que Milla pôde ver foram bicos vermelhos e penas azuis. Odris conseguiu, porém, se reerguer e a menina viu o que ela estava mostrando antes.

Mais à frente, havia uma construção. Uma estranha construção.

Era uma torre escavada no cepo de uma árvore realmente gigantesca, um bloco maciço em tons de cinza e de verde cujos ramos haviam sido cortados rente ao tronco. O cepo era pelo menos tão grande quanto o mastro do navio do Clã dos Caçadores, e tinha uns quarenta trechos de diâmetro. Tinha várias janelas estreitas, mas não havia vestígio de porta ou de portão do lado que Milla podia ver.

O melhor, porém, era que havia um passadiço em redor do topo da torre. Se Odris conseguisse subir o suficiente, poderia deixá-la descer ali.

— Para o topo! — gritou Milla. — Leve-me para o topo!

— Não posso! — berrou Odris. — Estou caindo!

Abaixo delas, os Nanuches continuavam pulando, batendo o bico mais ruidosamente ainda, já que viam que o inimigo poderia escapar.

## Capítulo 14

Acabou que Adras não sabia nada sobre Rudbrut, a não ser que não era o nome de um lugar, e sim de uma criatura. Uma criatura muito malvada, terrível, mesmo.

Como acontecera antes com o relvado, o deserto de árvores de cristal azul terminou sem mais nem menos. Mais uma vez, era uma região fronteiriça. Do outro lado, havia areia amarela e macia, formando dunas que se estendiam até onde Tal podia ver.

Tal foi em frente, com os pés afundando na areia até quase os tornozelos. A areia ainda estava muito quente, embora o sol estivesse se pondo e as horas de calor mais intenso já houvessem passado há muito tempo.

Exausto, Tal se decidiu por uma duna que parecia estar a leste, a julgar pelo pôr-do-sol, e começou a subi-la, quase se arrastando.

Subiu e desceu duas dunas, e estava descansando no topo de uma terceira, pensando onde poderia tentar acampar essa noite, quando viu algo brilhar à distância, acima da areia.

A coisa brilhou novamente e Tal compreendeu que estava vindo em sua direção.

— Adras! — chamou. — Fique de olho!

— Estou de olho — trovejou Adras. Ele tinha perdido um pouco de toda a água absorvida, que evaporara enquanto cruzavam o deserto de cristal azul e, agora, as areias escaldantes. Mas ainda estava gordo, e um tanto lerdo.

Tal ergueu a Pedra-do-Sol. Desta vez, não seria apanhado desprevenido.

Quando a coisa chegou mais perto, Tal reconheceu a criatura. Era um animal esguio, mais ou menos do tamanho de seu braço, com as patas traseiras finas e compridas, e as dianteiras curtinhas. Tinha uma pequena cauda e um focinho longo e afilado. Sua característica mais marcante, porém, era o brilho prateado da pele. Ela era feita de várias escamas minúsculas, mas não como as de um réptil. Sob essa carapaça, estava um mamífero. As fêmeas tinham até bolsas para carregar os filhotes.

Era um Semidragão.

Tal o conhecia por causa do jogo de Criaferas. Mas não se lembrava se eram criaturas agressivas. Semidragões eram sempre usados para Pele, e não para índole ou coisa do gênero.

Tampouco sabia se havia algo com que se pudesse feri-los. Aquela pele prateada protegia do calor e também de armas, embora alguma coisa bem afiada, usada com bastante força pudesse trespassá-la.

Um machado de dois gumes nas mãos de um Borzog deveria servir. Infelizmente, tudo o que tinha era a sua Pedra-do-Sol. E Adras.

Ficou torcendo para que os Semidragões fossem criaturas amistosas.

Este parou a uns poucos passos de distância, apoiado nas patas traseiras. Ficou assim, erguido, voltado para Tal, agitando as patas dianteiras e fazendo uns ruídos rascantes:

— Tch-tch-tch.

Tal abanou a cabeça.

— Adras. Você sabe o que ele está dizendo?



— Tch-tch-tch — repetiu Adras. — Seja lá o que isso signifique.

— Obrigado — disse Tal. Quem mandou perguntar...

O Semidragão saiu pulando, varrendo a duna com a cauda. Virou-se então e, com uma garra prateada, começou a traçar uma linha na areia.

— O Códex! — exclamou Tal. — Será que é outra mensagem?

Tinha quase certeza de que o Códex estava usando esses animais, de uma forma ou de outra, e essa certeza se confirmou quando o Semidragão olhou para ele e desenhou a letra C. Depois, fez uma outra seta apontando para o leste. Em seguida, desenhou uma chave, mas, desta vez, fez também outra figura junto dela. Algo que parecia um cano ou um tubo, com diversos furos.

— O que é isso? — perguntou Tal.

O Semidragão não respondeu. Olhou a seu redor, assustado, como se, de repente, tivesse percebido o que o cercava. Seus músculos se retesaram preparando o salto. Mas, antes que pudesse fazer o que pretendia, seu pequeno corpo estremeceu. Seus olhos se turvaram e ele se acalmou. Logo depois, desenhou um outro símbolo.

Tal ficou olhando para aquele desenho grosseiro.

Era uma nota musical, escrita segundo o sistema usado pelos Escolhidos para se apresentar no Bosque de Cristal, lá no Castelo. Mas o que significava aquilo, uma nota solta? Era uma nota muito alta, alta demais para que Tal ou qualquer ser humano conseguisse atingi-la, cantando ou apenas murmurando. Ela só podia ser obtida usando-se luz na cor certa para atingir o cristal exato no Bosque.

O Semidragão começou a desenhar outra coisa, mas parou no meio e estremeceu de novo. Desta vez saiu pulando realmente, deixando inacabada sua última letra, ou seu último desenho.

Parecia o desenho inacabado de um crânio humano, pensou Tal, mas, provavelmente, era parte de uma letra. Adoraria que o Semidragão tivesse terminado de fazê-la. Estava claro que o Códex só podia utilizar os animais por algum tempo. Mesmo assim, tinha conseguido lhe dar mais informações.

Se ao menos soubesse o que aquilo significava.

Continuou pensando a respeito enquanto ia seguindo em frente, quase se arrastando, mas seus pensamentos estavam começando a se voltar para comida e abrigo para a noite. Não parecia que nem um nem outro pudessem ser encontrados naquele deserto de areia.

Entretanto, do alto da duna seguinte, quando os últimos vestígios de claridade desapareciam no céu, Tal viu alguma coisa que podia funcionar como uma espécie de abrigo. Na depressão do terreno, surgiram umas paredes em ruínas. Apenas quatro cantos, sem nada no meio e também sem teto. Mas seria melhor do que tentar dormir no topo de uma duna.

Começou a descer. Adras o seguia do alto, vindo mais atrás e resmungando qualquer coisa. Tal nem tentou escutar.

De perto, ficava claro que a construção não tinha sido uma casa comum. A seu redor, viam-se muitas e muitas pedras espalhadas pela areia. Devia ter sido algum tipo de fortificação, pensou Tal. Ou, então, havia diversas outras partes por ali, enterradas na areia.

Também havia alguma coisa pintada numa das paredes. Uma espécie de símbolo. Dois círculos, um dentro do outro. Na penumbra, ficava difícil ver com que material aquilo tinha sido pintado, mas Tal desconfiou seriamente que fosse sangue.

Nunca tinha visto aquele sinal antes, e não sabia o que significava.

Mas Adras sabia. O Pastor de Tempestades estancou abruptamente e tropeçou:

— Cuidado! É a casa de Rudbrut!

— O quê? — perguntou Tal. — Essas ruínas?

— É — respondeu uma voz macia, estranhamente infantil. Ela vinha do chão, aparentemente de vários pontos ao mesmo tempo.

Diante de Tal, a areia começou subitamente a se deslocar para os lados, como se estivesse sendo revolvida por uma gigantesca mão invisível. Em poucos segundos, tinha sido removida para revelar degraus de pedra que desciam. Uma descida bem profunda.

— Entre — disse a voz. Ela soava estranhamente familiar a Tal, embora não de uma forma tranquilizadora. Como se fosse a voz de alguém que ele conhecesse, mas alterada de um modo inquietante.

Ficou fitando aqueles degraus recém-surgidos. A areia estava sendo mantida afastada por paredes de luz, bem parecidas com as que Ebbitt tinha usado para segurar a água, lá no Castelo, quando ajudou Tal a escapar do Fosso.

Observou as paredes de luz com todo cuidado, notando as nuances de cor, em sua maioria amarelas, havendo também, às vezes, tons de azul. Quem quer que estivesse fazendo surgir essas paredes tinha uma poderosa Pedra-do-Sol e era muito bom nisso.

Melhor que Ebbitt, porque não passava nenhuma areia através delas.

Rudbrut devia ser dos Escolhidos.

Se as paredes desabassem enquanto Tal estivesse lá em baixo, não haveria como escapar. A menos que ele próprio pudesse remover a areia.

Tal considerou essa possibilidade. Pensou que poderia construir um túnel de luz através da areia. Se fosse preciso.

Deu um passo à frente, encaminhando-se para os degraus.

— Não vá! — suplicou Adras. O Pastor esfregava as mãos, uma na outra, fazendo cair uns bons baldes de chuva que por pouco não acertaram Tal. — Rudbrut vai comer você. E aí, eu também vou ser comido.

— Não seja ridículo — disse Tal, embora não estivesse confiante como parecia. Mostrou as paredes de luz que ladeavam os degraus. — Com certeza Rudbrut é dos Escolhidos. E não comemos gente. Além disso, não tenho escolha. Preciso encontrar o Códex.

Começou a descer os degraus. Olhou para trás, e disse:

— Fique aí até eu voltar.

Quando estava no meio da descida, olhou novamente para trás e viu que as paredes de luz se fechavam à sua passagem. A areia estava voltando para seu lugar.

De fora, não se via nenhum vestígio da escada ou de Tal. Só havia a areia, as ruínas e uma nuvem que ficava rodando em círculos e chorando.

— Eu disse para você não ir! — dizia ela.

## Capítulo 15

Odris estava caindo. Pelo menos até Milla dar um impulso com o corpo e ficar mexendo com a mão em sua axila.

— Ai! — fez a Pastora de Tempestades. E, de repente, subiu ainda mais alto que a torre de tronco, ali adiante. — Pare! Ai! Está fazendo cócegas!

Milla não parou. Odris estremeceu, sacudindo-se de um lado para o outro, mas também subindo ainda mais. Os Nanuches tinham ficado lá para baixo, pulando e batendo com os bicos, desapontados.

— Pare! Pare! — disse Odris, entre risinhos. — Não estou agüentando mais!

— Só paro quando você me puser no alto da torre — disse Milla, rispidamente. Estava decepcionada com a Pastora. Era evidente que Odris tinha muito mais força do que demonstrava, já que simples cócegas podiam provocar tamanho aumento de energia.

Rindo e se sacudindo, Odris obedeceu. Depositou Milla no passadiço e, então, desabou, transformando-se numa fina camada de neblina enrolada numa flecha.

Milla estava achando que ia encontrar ali algum guarda, ou vigia, escondido por trás da flecha central. Mas não havia ninguém. Deu a volta e viu uma porta aberta, com uma escada em caracol. No entanto, tudo estava quieto e não havia sinal de que alguém estivesse subindo.

De perto, era difícil imaginar como a torre teria sido feita. Havia sido efetivamente escavada num gigantesco cepo. Mas não se viam sinais de uso de ferramentas na madeira. Não havia marcas de formão ou qualquer outra evidência de que alguém tivesse feito aquilo.

Milla não podia sequer imaginar o tamanho da árvore original. No mínimo, dez ou doze vezes o Navio em ruínas. Tão alta quanto uma pequena montanha.

Outra coisa estranha era o leve cheiro de queimado, como se tivesse havido ali um incêndio recente. Mas não havia sinal de fogo na madeira. Tudo o que podia ver eram os veios naturais e milhares e milhares de anéis nodosos que se enroscavam pelo tronco sob seus pés.

— Você não devia ter me feito cócegas — disse Odris, em tom de reprovação.

— Você não devia ter mentido para mim sobre sua força — rebateu Milla. — Venha. Vou descer.

— Preciso descansar — disse Odris. — Espero você aqui.

— Como queira — disse Milla. Passou pela porta e desapareceu.

Um momento depois, Odris suspirou e flutuou para a porta. Passou a cabeça pela abertura e fôrou seus ombros para adentro, enquanto seu corpo-de-nuvem ficava para trás como um balão. Aos poucos, seu corpo foi adquirindo outra forma até estar mais comprido e fino e, assim, ela toda entrou pela porta atrás da cabeça e dos braços.

Uma hora mais tarde, Odris veio se retorcendo de volta, seguida por Milla. Tinham visitado todos os andares da estranha torre, mas não encontraram nada interessante. Todos os aposentos estavam vazios. E, o que era ainda mais esquisito, havia uma porta na parte de baixo. Uma porta aberta pela qual os Nanuches nem tentaram entrar. Ainda havia uns vinte ou trinta deles por ali, mas ficaram simplesmente observando Milla enquanto ela ficou parada olhando pela porta.

Milla achou aquilo muito estranho. Tinha de haver uma razão para os pássaros gigantes terem

medo de entrar na torre. Talvez ela fosse a toca de alguma criatura terrível que logo, logo estaria de volta. Ou talvez fosse o cheiro de madeira queimada. Ele estava mais forte nos andares inferiores, mas aí também não havia sinal de estragos feitos por um incêndio.

O telhado era o lugar mais seguro, decidiu Milla, e foi por isso que voltaram para lá. Se alguma criatura retornasse para a torre, elas a ouviriam subir as escadas. E, ali, ficavam fora do alcance dos Nanuches que estavam à espreita. Parecia que uns vinte pássaros dedicados estavam dispostos a esperar que ela saísse. Podia vê-los reunidos em volta da torre.

Mesmo assim, Milla estava preocupada. A torre era um abrigo bom demais para estar tão deserto. Em seu mundo, haveria todo tipo de animais e insetos vivendo ali, protegendo-se das intempéries.

Mas a torre estava inteiramente sem vida. Não tinha visto sequer uma barata-da-caverna ou uma aranha.

— Vamos ficar aqui até amanhecer — disse ela afinal. — Aí, vamos ver se os Nanuches ainda estão esperando. Talvez você tenha de me carregar de novo.

— Não sei se vou conseguir — disse Odris. — Acho que perdi muito vapor de água. Preciso me refazer. Você também deve estar com sede.

Milla não respondeu. Estava mesmo com sede, e com fome. No entanto, tinha treinado a vida toda para controlar a fome e a sede. Que pena que tinha sido forçada a jogar fora todos os pequenos Nanuches. Poderia comer um deles cru, ou tentar mais uma vez produzir calor com a Pedra-do-Sol para assá-lo.

— Quem fica de guarda primeiro sou eu — anunciou Milla. — Você dorme.

Odris olhou para o sol. Ainda faltava um pouco para ele se pôr.

— Mas não estou com sono — disse a Pastora de Tempestades. — Em geral, não dormimos muito. Só comecei a ficar com sono depois de estar ligada a você.

— Então, não durma — disse Milla. — Mas fique quieta.

Odris fungou. Realmente, preferia ter ficado com o outro. Aquilo era típico de Adras. Não era esperto, mas tinha sorte.

Depois disso, ficaram caladas por um bom tempo, escutando os sons a seu redor. Os Nanuches também se aquietaram, a não ser por uma batida de bico ocasional. Havia outros sons, mais distantes: vozes de criaturas estranhas. Uma hora, alguma coisa passou voando tão depressa que não deu para ver o que era.

O sol se pôs e surgiram as estrelas. Milla se espreguiçou e deu alguns passos, as pernas ainda doloridas por causa do Musgabraço.

As horas se passaram, mas, quando foi a vez de Odris ficar de guarda, Milla não dormiu. Quanto mais caminhava no alto da torre, mais sentia que aquilo não era um refúgio, e sim uma armadilha.

Finalmente, resolveu que deveria tentar passar furtivamente pelos Nanuches antes do amanhecer. De imediato, sentiu-se melhor. Optar pela ação era a atitude das Donzelas Guerreiras. Agora, jamais viria a ser uma delas mas, pelo menos, podia agir como uma. E morrer como uma, se aquela aventura fosse acabar assim.

Desceu de novo as escadas. Foi pisando bem de leve, e o único som que Odris fez podia ser confundido com o vento passando pelas janelas da torre.

Chegando em baixo, Milla sacou seu punhal. A luminosidade natural de sua espada alertaria os Nanuches.

Infelizmente, não havia poeira ou sujeira que pudesse usar para escurecer suas peles ou seu peitoral de couro de Selski, mas, pelo menos, sua armadura estava bem escura. Não pôs a máscara. Era feita de osso branco e reluziria muito sob a luz das estrelas. Estava achando estranho ir lutar sem ela.

Ficou agachada junto à porta, por um bom tempo, deixando seus olhos se acostumarem à floresta sob as estrelas. A claridade era suficiente para ela perceber a forma das árvores... e vários Nanuches. Eles estavam absolutamente quietos, sem fazer qualquer movimento. Milla desejou que fosse sinal de que estivessem dormindo.

Esgueirou-se pela porta.

Ou, pelo menos, pensou ter feito isso. Mas, sabe-se lá como, ela se viu de volta ao aposento térreo, olhando para fora.

Desconcertada, saiu novamente. Por um instante, estava na soleira da porta, com o pé quase tocando o chão de terra do lado de fora.

Então, pisou de novo no soalho de madeira. Ela tinha ultrapassado a porta, mas não chegou do lado de fora. Estava de volta ao interior.

Era magia. Uma magia terrível, pensou Milla. Pior do que qualquer coisa que pudesse esperar.

Agora tinha certeza de que aquilo era uma armadilha.

## Capítulo 16

Tal podia ouvir a areia que deslizava atrás dele, mas não se virou para olhar. De ambos os lados, as paredes de luz continuavam firmes e pareciam seguras. Os degraus continuavam descendo.

A escada terminava diante de um grande vão. Evidentemente, aquela passagem fora outrora fechada por uma enorme porta de pedra que jazia ali, meio atravessada, como se alguém a houvesse escancarado e deixado cair.

Aquilo o fez parar por um momento. Mas o Códex tinha mandado ele vir aqui, pensou.

Encontrar o Códex significava encontrar Gref.

Aquele que hesita vai direto para o Vermelho; aquele que aproveita as oportunidades eleva-se até o Violeta.

Ebbitt repetia aquilo de trás para a frente, e morria de rir, mas Tal levou o dito a sério.

Subiu na pedra caída e atravessou o vão da porta.

Viu-se num aposento com paredes de pedra e de luz, ambas sustentando a areia, a julgar pelos montinhos que tinham vazado pelas brechas existentes onde as barreiras mágicas se encontravam com a pedra.

No meio do aposento, estava um menino, sentado com as pernas cruzadas, olhando para Tal. Um menino não muito mais velho que ele, usando calças brancas e uma camisa branca com punhos azuis. Um menino dos Escolhidos.

Tal até sabia quem ele era: Lenan, da Ordem Azul. Ele tinha desaparecido no ano anterior. A cada ano, no Dia da Ascensão, todos os meninos que tinham atingido a idade determinada partiam para conquistar um Espírito-Sombra. Nem todos voltavam.

Mas o que Lenan estaria fazendo aqui? E onde estava Rudbrut?

— Saudações, membro dos Escolhidos — disse Lenan. Sua voz soava um tanto estranha. Num tom alto demais.

Tal tinha começado a se adiantar para cumprimentar Lenan de maneira adequada, mas parou ao ouvir aquela voz.

E a voz não era a única coisa estranha ali. Lenan estava usando diversas Pedras-do-Sol em volta do pescoço. Uma delas brilhava, obviamente para manter as paredes no lugar. Mas o menino tinha ainda outras duas, ambas brilhantes, embora não ativadas no momento.

Também havia algo esquisito com relação à luz do aposento. As paredes sofriam várias alterações de cores, o que era de se esperar, já que isso as fortalecia. Mas, agora, olhando para elas, Tal percebeu que o aposento tinha uma coloração cinzenta doentia. Ninguém dos Escolhidos usava aquela cor.

Tal ergueu a mão e sua pedra emitiu um brilho branco que inundou cada canto do aposento.

Nessa luz crua, Tal viu que Lenan não era realmente Lenan. O menino era apenas uma imagem construída de luz que escondia algo muito maior. Uma coisa apenas aproximadamente humana, feita de carne decomposta e ossos descartados, que se ergueu e lançou fora seu disfarce.

Era daquilo que Adras tinha medo.

Rudbrut.

As três Pedras-do-Sol que Lenan estava usando não eram uma ilusão. Rudbrut pegou uma delas na mão, que era mais uma garra que qualquer outra coisa. A pedra começou a emitir luz e foi crescendo em intensidade.

Tal não esperou para ver o que ele ia fazer. Ao primeiro clarão de luz branca, tinha visto o que procurava. Pendurado no pescoço de Rudbrut, junto com as Pedras-do-Sol, havia um tubo fino. Um tubo com três furos.

Tal o reconheceu de imediato. Um apito, feito do mesmo material que as árvores do Bosque de Cristal.

Foi isso, sem dúvida, que o Códex mandou que ele pegasse.

Também tinha visto as pilhas de ossos em torno dos pés de Rudbrut, e os crânios partidos. Eram humanos e, em sua maioria, pareciam menores que ossadas de adultos. Lenan deve ter sido apenas um dos últimos Escolhidos a encontrar seu fim aqui, no covil de Rudbrut. Certamente, o Semidragão estava desenhando um crânio, como um alerta do Códex!

Tal mudou a luz de sua Pedra-do-Sol, do branco para o vermelho, e atirou um Raio Vermelho da Destruição Abrasadora direto na cabeça de Rudbrut.

Ele respondeu com um Escudo Violeta da Descontinuidade, e o Raio Vermelho desapareceu numa espécie de outra realidade, desconhecida. Mas o Escudo só lhe cobria a cabeça. Lançando um outro raio aos joelhos de seu inimigo, Tal se jogou ao chão.

Foi o que salvou a sua vida. Rudbrut contra-atacou imediatamente, e um grande raio de luz anil brilhou por cima da cabeça de Tal. Tal nem sabia que encantamento era aquele, mas era imensamente destrutivo.

Seu Raio Vermelho atingiu Rudbrut, mas várias Pedras-do-Sol, que estavam ocultas, brilharam em torno de suas pernas, absorvendo o impacto. Outras pedras começaram a reluzir ao longo de seus braços e de suas coxas.

Tal chegou a perder o fôlego quando se formou uma aura de luz, envolvendo a criatura toda.

Rudbrut estava literalmente coberto de Pedras-do-Sol. Centenas e centenas delas.

Com tantas Pedras-do-Sol para protegê-lo, os ataques de Tal eram inúteis.

Rudbrut era invulnerável.

Tal rolou para o lado quando um outro Raio Anil atingiu o chão, exatamente onde ele estava um segundo antes. Continuou rolando, o medo fazendo sua mente funcionar mais depressa do que nunca.

Não podia correr. Precisava de tempo para criar paredes e sustentar a areia.

Não podia enfrentar Rudbrut com luz.

A criatura estava rindo. A voz ainda era a de Lenan, embora muito mais alta e muito mais estridente.

— Mais um dos Escolhidos vem brincar, mais um dos Escolhidos vem pagar!

Só havia uma coisa a fazer, pensou Tal. Algo que jamais passaria pela cabeça de um garoto dos Escolhidos.

Mas, agora, Tal não era apenas um garoto dos Escolhidos. Querendo ou não, tinha assimilado alguma coisa dos Homens-do-Gelo.

Ergueu-se de onde estava, se esquivou de um outro raio e pulou com os dois pés sobre Rudbrut.

O riso da criatura desapareceu quando as botas de Tal atingiram seu estômago e ela foi arremessada para trás. Um raio de luz violeta foi disparado de sua Pedra-do-Sol e furou a parede.

Mas não acertou Tal. Ele agarrou o braço de Rudbrut e o torceu para trás. Esperava que a criatura tivesse uma força descomunal, mas Rudbrut urrou de dor e não reagiu.

Na verdade, começou a gritar:

— Arval! Rowthr! Govror!

A essas palavras, uma das paredes de luz estremeceu e se abriu, revelando mais degraus que desciam. Rugidos animais ecoaram pela abertura, vindos de algum lugar bem abaixo.

Evidentemente, criados ou guardas de Rudbrut — ou sabe-se lá o quê — estavam a caminho.

— Você vai pagar por isso! — dardejou Rudbrut, enquanto Tal o arrastava até as escadas. — Você me paga!

Tal não respondeu. Conseguiu alcançar a corrente com as Pedras-do-Sol e o apito, e arrancou-a do pescoço de Rudbrut. A criatura gritou, lamentando-se.

— Meu pescoço! Você machucou o meu pescoço!

Foi só então que Tal se deu conta que Rudbrut não tinha sombra.

Ele não era uma criatura de Aenir.

Era apenas um homem muito, muito velho. Um ancião. E, sem dúvida, um dia fora um homem dos Escolhidos. Mas tinha deixado isso para trás ao vir para cá. A julgar pelos ossos e pelas Pedras-do-Sol, ele tinha atraído dezenas, se não centenas de jovens dos Escolhidos para a morte.

Tal sentiu a repulsa crescer dentro de si. Como alguém podia fazer o que esse homem tinha feito? Como podia trair seu próprio povo?

— Você me paga — choramingava Rudbrut. — Vou lhe mostrar como a luz pode ferir...

Tal não ouviu mais o que ele estava dizendo.

Apenas o largou.

O velho, parado na beira da escada, começou a arquejar e parou com as ameaças. Ficou balançando por um momento, batendo os braços.

Tal viu uns olhos vermelhos brilhantes que vinham lá de baixo. Olhos ferozes, grandes como suas mãos. Olhos de Vingagera.

Rudbrut oscilou para a frente, gritando. Antes que pudesse voltar para trás, Tal lhe deu um empurrão.



## Capítulo 17

Lilla tentou passar pela porta sete vezes e Odris, dezoito. E, todas as vezes, viram-se de volta ao lugar de onde tinham saído.

Milla também experimentou cortar a madeira, mas nem sua faca de osso, nem sua espada de chifre de Merwin conseguiam sequer arranhá-la.

— Temos que sair voando pelo telhado — disse Milla afinal.

Mas, quando subiram, perceberam que não podiam sair por ali, como não podiam fazê-lo pela porta. Sempre que Odris açava vôo por um lado da torre, viam-se pousando do lado oposto.

Podiam ver o lado de fora, mas não conseguiam chegar lá.

— Estou me perguntando o que vai acontecer agora — disse Milla. Instintivamente, sabia que aquilo era uma armadilha com um objetivo qualquer.

Logo, logo alguma coisa ia acontecer.

Alguma coisa mortal, suspeitava ela. Algo que tinha a ver com o cheiro de queimado que estava ficando cada vez mais forte à medida que a noite ia chegando ao fim.

Deu várias voltas no passadiço, pensativa. Então, disse:

— Venha — dirigindo-se a Odris, e desceu novamente a escada.

Chegando lá embaixo, ficou parada diante da porta e ergueu sua Pedra-do-Sol. Concentrando-se nela, desejou que emitisse luz plena. Uma luz branca e brilhante inundou o andar térreo e se espalhou pela noite.

— Estou aqui! — gritou Milla para os Nanuches que estavam esperando. — Aqui!

— O que você está fazendo? — perguntou Odris, aflita.

— Tentando fazer um deles entrar — explicou Milla. — Talvez eu possa pular para fora enquanto ele pula para dentro.

— Ah! — disse Odris. — Mas, e eu?

— Jogo um deles aqui dentro, para você sair — disse Milla.

O plano era bom. Mas não funcionou porque os Nanuches nem se aproximaram.

Entretanto, alguma outra coisa, sim. Um pequeno lagarto cinzento chegou perto da porta. Andava erguido sobre as patas traseiras e usava um arnês feito de capim, de onde pendia uma espada não maior que o dedo indicador de Milla. Nas costas, carregava uma aljava com setas minúsculas e um arco apenas ligeiramente menor que ele próprio.

— Um Kurshken — disse Odris. — O que será que ele quer?

O Kurshken chegou a uns poucos trechos da porta e se inclinou. Falou, então, com uma voz surpreendentemente profunda para uma criatura tão pequena.

— Minhas saudações, Milla e Odris. Eu sou Quorr Quorr Quorr Ahhtorn Sezicka. Mas podem me chamar de Zicka.

— Saudações — disse Milla, inclinando-se também. — Como sabe nossos nomes?

— O Códex dos Escolhidos falou em minha cabeça — disse Zicka. — Disse-me que viesse aqui. Logo estará falando por minha boca.

— Você sabe como podemos sair daqui? — perguntou Milla. — Ou o Códex sabe?

Zicka começou a falar e, então, estancou. Seus olhos ficaram enevoados. Quase como os de uma Matriarca Mãe, observou Milla. Depois, voltou a falar e sua voz soou diferente, as palavras vindo com menos fluência.

— Eu sou o Códex. Preciso de sua ajuda. Tal, sozinho, não pode me libertar. Vocês devem ir a seu encontro. Zicka vai lhes mostrar onde.

— E se não quisermos ajudá-lo? — perguntou Milla. — Não vejo motivo para ajudar alguém dos Escolhidos, e muito menos Tal. Ele traiu...

— Tenho pouco tempo para falar nessas condições — interrompeu o Códex. — Tal fez o que tinha de fazer. Se você concordar em ajudar, Zicka vai libertá-la da Casa da Aurora. Caso contrário, você morrerá.

— A Casa da Aurora? — perguntou Milla. — O que é...

Antes que pudesse terminar a frase, os olhos de Zicka clarearam.

— E então? — disse ele. Sua voz tinha voltado ao normal. — Como é que nós ficamos?

— Uma Donzela Guerreira não faz barganhas — disse Milla, furiosa. — Liberte-nos desta prisão. Aí, então, eu decido.

— Não é essa a instrução do Códex — disse Zicka. Olhou para o céu e acrescentou: — É melhor pensar depressa. A aurora não tarda.

— O que acontece na aurora? — perguntou Odris. — Aliás, quero dizer que fico feliz em ajudar alguém que me ajudará.

— Com o nascer do sol, a Casa da Aurora pega fogo — disse Zicka.

— Por quê? — perguntou Milla. E abanou a cabeça. Em Aenir, nada fazia sentido para ela.

— Nem sempre foi assim — respondeu Zicka. — É uma maldição, acho eu. Algo que ficou da época da guerra. Talvez alguma coisa tenha se escondido aqui, para morrer queimada, e o feitiço se mantenha. O fogo só destrói o que estiver dentro da Casa da Aurora. A própria torre nunca é danificada.

Milla olhou para a Pedra-do-Sol em seu dedo. Tinha de levá-la para o clã. E havia também muita informação a ser transmitida.

Será que isso era mais importante que as regras das Donzelas Guerreiras?

Uma Donzela Guerreira não faz barganhas. Mas esta era apenas a sétima regra. Não era a mais importante.

Além disso, talvez fosse do interesse dos Homens-do-Gelo que Milla ajudasse Tal a levar o Códex de volta para o Castelo.

Mesmo que, para ela, ele fosse um traidor e tivesse arruinado o seu futuro, tinha de ignorar tudo isso e pensar no que seria mais importante para os clãs.

As palavras do Códex também tinham se instalado em sua mente, ficando, como hóspedes indesejáveis, no convés de um navio do gelo. Tal fez o que tinha de fazer...

— A primeira luminosidade vermelha está surgindo no horizonte — disse Zicka, com toda calma. — Logo a casa vai começar a pegar fogo.

Milla estava andando de um lado para o outro, lutando para tomar uma decisão. Sentia como

se isso fosse uma rendição, e ela nunca poderia se render. Mas seria isso mesmo?

Pequenos anéis de fumaça começaram a subir em redor de seus pés enquanto caminhava. Odris estava pairando junto à porta e pigarreou várias vezes. Mas não disse nada. A Pastora de Tempestades podia sentir a agitação de Milla, sua dificuldade em tomar aquela decisão.

Além disso, Odris achava que provavelmente sobreviveria a um incêndio. Ia doer e, sem dúvida, ela se espalharia por todos os aposentos, mas decerto poderia recobrar sua forma. Embora fosse precisar de água imediatamente. E isso seria difícil se ainda estivesse aprisionada...

— Milla! — disse Odris, ansiosa. — Estamos pegando fogo!

Minúsculas labaredas começavam a lamber as paredes e os anéis de fumaça estavam virando pequenas nuvens.

Milla ignorou a fumaça, as chamas e Odris. Dirigiu-se para a porta.

— Como é que nós ficamos? — perguntou Zicka, apressado.

## Capítulo 18

Rudbrut rolou escada abaixo, gritando sem parar. Mais ou menos no meio da queda, foi lançado bem no caminho das suas três Vingageras. Os quatro se emaranharam e caíram mais uns trinta degraus.

Tal não ficou esperando para ver. Voltou correndo para o lugar de onde tinha vindo. Uma parede de luz bloqueava os degraus que levavam à superfície e que estavam afundados na areia. Tal ainda tinha que descobrir como resolver aquilo.

Podia fazer uma Mão de Luz, e usá-la para ser transportado até a superfície.

Só havia um pequeno problema com seu plano. Ele tinha visto uma Mão de Luz apenas uma vez, feita por três guardas muito mais experientes que ele em termos de imagens de luz. Mas achava que o fato de ter construído a Escada de Luz, no Fosso, tinha aberto sua mente para todo tipo de sortilégios de Magia da Luz que nunca tivesse feito antes, ou sequer conhecesse de ouvir falar. Tal tinha certeza de que sabia fazer uma Mão.

Na verdade, havia dois problemas. O outro era que precisava fazer a Mão nos poucos minutos de que dispunha, antes que Rudbrut e as Vingageras chegassem ao fim da escada e voltassem a subir, furiosos, atrás dele.

Tal pôs todos esses pensamentos bem no fundo de sua mente e concentrou-se na Pedra-do-Sol. Agora, tinha mais duas pedras, tiradas de Rudbrut, mas conhecia melhor a do seu anel.

E também conhecia melhor a luz Laranja. Foi com ela que decidiu, então, fabricar a Mão. Antes de mais nada, lançou um cilindro fino. Foi ampliando gradualmente aquele cilindro até que estivesse como uma tira de pano. Balançou-a para baixo e para cima para construir a Mão.

Como o tempo era curto, Tal fez, na verdade, mais uma meia-luva que uma mão: tinha o polegar, mas não os dedos. Ela ficou pairando a cerca de um trecho de distância; era do seu tamanho e quatro vezes mais larga que ele.

Tal se concentrou na Mão. Lentamente, ela veio vindo até ele. Por um instante, Tal pensou que ela estivesse excessivamente rala mas, quando a tocou, sentiu que era sólida.

A Mão se fechou com Tal em sua palma e se afastou da parede de luz que encobria a saída. Depois, partiu em disparada, como para dar um soco, enquanto Tal, ali dentro, ficou esperando pelo choque.

A Mão atingiu a parede de luz e entrou por ela adentro. Houve um jorro de luz laranja e começou a brotar areia no ângulo formado pelo polegar, onde havia uma pequena fenda.

Para cima!, pensou Tal, aflito, com a cabeça inclinada sobre a Pedra-do-Sol em concentração profunda. Para cima!

A Mão abriu caminho através da areia. A Pedra-do-Sol de Tal brilhou com tamanha intensidade que ele teve de fechar os olhos enquanto enviava mais poder para a Mão.

Atrás dele, a areia jorrava como uma onda gigantesca através da parede de luz de Rudbrut, que se rompera. Tal não tinha planejado as coisas assim mas a areia estava enterrando o refúgio dele. Como suas melhores Pedras-do-Sol tinham sido levadas, Rudbrut teria muita dificuldade em deter o fluxo da areia. Não poderia, pois, vir atrás de Tal imediatamente.

Tal continuou insistindo para que a Mão subisse. Mesmo quando ela já tinha irrompido na superfície, jogando areia e blocos de pedra para todo lado, ele ainda continuou a mantê-la em

movimento.

Estava a quase duzentos trechos do chão quando Adras o alcançou, dizendo:

— Tal! O que você está fazendo?

Aquilo o distraiu e ele perdeu a concentração. A Mão passou do Laranja ao Amarelo e, depois, percorreu o espectro inteiro.

— Com mil escuridões! — praguejou Tal.

Perdeu inteiramente o controle. Sua Pedra-do-Sol escureceu. A Mão se desmanchou e Tal começou a cair.

Não gritou até estar a meio caminho do chão porque estava achando que Adras ia segurá-lo.

Infelizmente, Adras só percebeu que Tal precisava dele quando já era quase tarde demais. Mergulhou, então, e agarrou as mãos do menino que já estava certo de que ia morrer.

Tal começou a gritar depois que Adras o tinha salvado mas, desta vez, era porque seus braços quase tinham sido destroncados.

Minutos depois, recuperou-se e parou com os gritos apavorados. Ainda estavam bem no alto e não havia sinal de movimento na areia lá embaixo.

— Voe para o leste! — disse Tal, com a voz rouca. Podia agüentar um pouco mais a dor nos ombros. — Vá o mais longe que puder.

— Claro — disse Adras. Baixou a cabeça para olhar seu companheiro. — Afinal de contas, parece que Rudbrut não era tão mau assim. Ele lhe deu uma... duas... Pedras-do-Sol. E o que é essa outra coisa?

— Acho que é uma chave — disse Tal. Agora, estava tremendo, com o efeito retardado do choque sofrido. — E Rudbrut não me deu isso, nem as Pedras-do-Sol. É por isso que temos de voar o mais depressa que pudermos.

— Por quê? — perguntou Adras. Então, acrescentou, num tom levemente diferente: — Ah, entendi. Rudbrut vai querer pegar isso tudo de volta.

E depois ainda, o Pastor de Tempestades indagou cautelosamente:

— Por falar nisso, ele é mesmo muito cruel e assustador?

— Muito. As duas coisas — disse Tal. Pior do que ele tinha imaginado porque, afinal, não era uma criatura de Aenir.

Como um homem dos Escolhidos podia ter ficado como Rudbrut? Por que vivia daquele jeito, atacando jovens dos Escolhidos?

Foi então que uma idéia ainda mais terrível passou pela cabeça de Tal.

Como os jovens dos Escolhidos vinham ao encontro de Rudbrut? Por que iriam para lá antes de mais nada? Não era porque seu covil fosse fácil de encontrar, ou ficasse em algum lugar conhecido para se achar e conquistar Espíritos-Sombra.

Será que todos tinham sido enviados pelo Códex, como ele? Sacrificados para tentar apanhar o apito translúcido que estava agora pendurado em seu pescoço?

Ou alguém os teria enviado ali, para morrerem?

Tal se lembrou que Lenan era um menino muito esperto. Foi o primeiro aluno do Lectorium na formatura do ano anterior. Talvez ele tivesse descoberto algumas das coisas que Tal estava

descobrimo agora.

Tal se fazia um monte de perguntas. Tomara que encontrasse logo o Códex, e ele respondesse a algumas delas.

Mas o menino tinha medo das respostas.

## Capítulo 19

— Vou ajudar Tal com o Códex — disse Milla, tossindo. A fumaça tinha se adensado tão rapidamente que ela já estava sufocando e nem podia ver Odris. Mesmo assim, tentava falar pausadamente, sem perder a pose. Não estava implorando para ser salva do incêndio.

— Ótimo! — disse Zicka. — Segure isso!

Tirou uma seta da aljava, prendeu nela uma corda de fio de teia de aranha quase invisível e, formando um arco elegante com o braço e as costas, lançou a seta perto da mão de Milla. Ela pegou a seta com facilidade. No Mundo Escuro, tinha apanhado setas bem maiores que, na verdade, visavam a atingi-la. Era uma habilidade rara, e mais um dos sinais de sua destreza como guerreira.

— Agora, você está ligada ao exterior — disse Zicka. — Agarre-se a Odris e venha andando bem devagar. Não vá romper a corda!

Começou a andar para trás, desenrolando mais o fio à medida que recuava.

Milla esticou a mão para trás e agarrou algo macio e meio úmido que, esperava ela, devia ser Odris. A Pastora de Tempestades parecia meio esquisita, mas os olhos de Milla estavam lacrimejando tanto, por causa da fumaça, que ela não conseguia enxergar nada.

Abaixando-se em busca de ar menos enfumaçado, ela passou pela porta.

O ar estava cheio de fumaça, mas ela continuou andando para se assegurar que Odris também tivesse saído.

— Muito bem! — exclamou Zicka. — Agora, temos de passar pelos Nanuches antes que eles acordem.

— Por onde? — perguntou Milla. Ela mal podia abrir um olho, banhado em lágrimas.

— Por aqui! — gritou Zicka, e foi andando. Milla foi atrás dele, cambaleando e sempre arrastando Odris. A Pastora de Tempestades estava calada.

A fumaça espalhada por todo lado ocultou sua fuga e, portanto, nenhum Nanuch percebeu que tinham ido embora. Mesmo assim, Zicka continuou guiando-as através da floresta cinzenta por um bom tempo. Milla estava arfando com o esforço quando a floresta terminou subitamente, todas as árvores estancando numa perfeita linha reta.

Além da orla da floresta, havia uma vasta extensão de cercas vivas e gramados aparados, entremeados de canteiros com flores bem coloridas.

Zicka parou logo que acabaram as árvores.

— Vamos descansar aqui — disse o Kurshken. — Depois, seguiremos pela orla da floresta rumo ao norte. É melhor não passar pelo Jardim.

— Por quê? — perguntou Milla. Precisou fazer algum esforço para tomar fôlego e conseguir falar.

— Não sei — respondeu Zicka. — Só sei que quem ultrapassa a primeira fileira de sebes não volta mais.

Milla ficou olhando aquele jardim tão perfeitamente ordenado. Ele se estendia até onde seus olhos alcançavam e parecia absolutamente inofensivo. Insetos voavam por entre as flores, e viam-se pássaros ao longe. Alguns deles, pequenos, precipitavam-se para as sebes e voavam de

volta.

— Tem certeza? — perguntou Odris. — Estou vendo um lago, não muito longe, e estou realmente precisando de água.

— Só sei que não é seguro. O Códex deve saber o segredo desse jardim — disse Zicka. — Ou o Oráculo Oco, ou o Velho Almacã. E, já que não podemos consultar nenhum deles, sugiro que simplesmente evitemos esse lugar.

— Mas estou mesmo precisando de um gole — gemeu Odris. — Será que não posso voar só até ali?

— Não! — ordenou Milla. Zicka provara ser confiável em relação aos perigos da Casa da Aurora. Deviam pressupor, então, que também tivesse razão quanto ao Jardim. — Também preciso de água, mas não vale a pena arriscarmos a vida por isso.

— Aposto que só as criaturas que andam têm de se preocupar — disse Odris, petulante. — Olhem esses pássaros. Eles estão perfeitamente bem.

— São iscas — disse Zicka, em tom sinistro. O lagarto começou a andar ao longo da orla da floresta, sem se preocupar em conferir se elas o estavam seguindo.

Milla o seguiu imediatamente. Odris hesitou, lançando um último olhar para o lago que estava logo depois das primeiras sebes. De fato, ele parecia perfeito demais, admitiu ela, suspirando, e foi atrás de Milla.

Andaram por muito tempo em direção ao norte. O sol estava quase acima de suas cabeças quando chegaram a um rio bem largo — mais de duzentos trechos de largura —, que marcava a fronteira norte entre a floresta cinzenta e o Jardim. Na outra margem, havia um terreno pedregoso, cheio de crateras e chapadas rochosas.

— É seguro beber aqui — disse Zicka. — Também tenho comida a bordo de meu navio. Não é muito para alguém do seu tamanho, Milla...

— Qualquer comida será bem-vinda — interrompeu Milla. — Mas, onde está o seu navio?

Zicka apontou a margem do rio. Por um momento, Milla não conseguiu perceber para onde o lagarto estava apontando. Depois, entendeu que devia ser para o tronco meio submerso que estava na parte mais rasa do rio.

— Isso é um navio? — perguntou Odris. Não precisava acrescentar que aquilo mais parecia entulho trazido pelas águas.

— Venham — disse Zicka, todo orgulhoso. — Vou mostrar-lhes como é. O nome dele é 'Roquollolol-lahahinanahbek' que, em nossa antiga língua significa 'O Fogo de Muitos Sóis no Primeiro Azul da Água Profunda', quando traduzido para a língua usual. É uma relíquia de nosso povo, um presente muito antigo.

— É um tronco — sussurrou Odris, dirigindo-se a Milla. — Um pedaço de pau. Esse Kurshken é maluco.

— Cale a boca! — ordenou Milla.

O lagarto saltou para o tronco e percorreu toda a sua extensão. Milla parou na borda do rio. Uma das extremidades do tronco estava enterrada na lama e na terra. Não havia a menor chance de empurrá-lo para o rio e fazer dele uma balsa, que fosse.

Então, Zicka se inclinou e mergulhou a cabeça na água. Apareceram bolhas na superfície, e Milla ouviu um ruído borbulhante.



O Kurshken estava conversando debaixo da água.

Por um momento, Milla achou que Odris tinha razão. O lagarto estava maluco.

Mas essa impressão logo se desfez, pois, quando Zicka tirou a cabeça da água, houve uma agitação no meio do rio. Inesperadamente, surgiram ondas onde, antes, a água era tranqüila.

Um mastro despontou na superfície, um mastro esguio que foi logo seguido pela proa entalhada, pela popa e, finalmente, o navio inteiro. Jorrava água por todos os lados à medida que ele ia subindo e a proa foi se virando para a margem onde Zicka estava esperando.

Milla ficou olhando para aquilo. A não ser pela falta dos deslizadores, o navio era uma réplica perfeita de uma pequena embarcação dos Homens-do-Gelo, do tipo chamado Orskír. Era um barco para três ou quatro pessoas e, geralmente, um Cavaleiro da Espada ou uma Donzela Guerreira mensageira possuíam um daqueles. Tinha até entalhes semelhantes na proa e na popa: curvas e espirais que imitavam as nuvens e o vento.

O casco não era feito de osso, nem de madeira, como seria de se esperar neste mundo. Era de metal, o mesmo metal de um dourado profundo de que era feito o Navio em ruínas. Mas havia também várias Pedras-do-Sol engastadas nele, centenas e centenas delas, que reluziam ao sol.

Milla se viu ajoelhada sobre o tronco. Conhecía esse navio pelas histórias contadas pelas Matriarcas, quando o clã estava todo reunido no porão e uma terrível tempestade de inverno se abatia sobre o navio firmemente ancorado.

Aquele era o navio de Asteyr. Asteyr, mãe de Danir, Susir e Grettir que, por sua vez, eram as ancestrais de todos os clãs. Mas, nas histórias que conhecia, o Orskír de Asteyr navegava sobre o gelo. O que ele estaria fazendo aqui, em Aenir, nas mãos de um lagarto?

— O navio de Asteyr — disse Milla, com a voz rouca. — Como... como ele chegou às mãos de seu povo?

— É isso mesmo — respondeu Zicka, enquanto sua língua cor de púrpura chicoteava no ar. — Era o navio de Asteyr, nos tempos remotos. Fizemos um favor para ela, mas o navio nos foi dado bem mais tarde, pelas mãos de sua filha Danir. Foi por isso que concordamos em fazer o que o Códex nos pediu — para ajudar uma filha de Danir.

— Que favor? — perguntou Milla, ainda fitando o navio em atitude respeitosa. — O que vocês fizeram?

— Não posso dizer, nem mesmo para uma filha de Danir — respondeu Zicka. — É um segredo de nosso povo. Não posso falar a respeito sem a permissão do Kurshken Supremo.

O fabuloso navio havia deslizado até o tronco. De um salto, Zicka segurou a amurada e pulou sobre ela. Milla subiu ao navio respeitosamente, ficando parada no convés.

O navio estava inteiramente seco e não havia sequer poças de água, nada que mostrasse que ele estivera submerso. Milla ficou junto da proa, sentindo um estranho medo de ir em frente, de andar por onde Asteyr e Danir outrora haviam andado. Sentia-se como se devesse limpar as botas, ou mudar de roupa, ou algo assim.

Odris veio deslizando acima dela e se instalou em torno do mastro, mais parecendo uma vela. Não havia velas, nem pontalete, ou qualquer espécie de cordames, coisas que Milla esperaria encontrar num navio do Gelo. Tampouco havia timão ou remos. No entanto, o navio flutuava no rio e estava começando a se mover.

— Para onde estamos indo? — perguntou Milla.

Mas Zicka tinha ido para a popa e não ouviu sua pergunta. Relutante, Milla foi atrás dele, pé ante pé, mantendo-se junto da amurada.

— Para onde estamos indo? — repetiu.

— Para o Encontro dos Quatro Rios — disse Zicka. — Perto da Montanha da Pedra Fria. O garoto dos Escolhidos Tal também deve estar lá, se tudo correr bem.

## Capítulo 20

A dor nas articulações de seus ombros era tanta que Tal quis pousar bem antes de Adras se cansar de carregá-lo. Já estavam, então, a uma boa distância das dunas do território de Rudbrut. Agora, o que se via abaixo era uma selva, um telhado verde interrompido, aqui e ali, por árvores mais altas que se destacavam.

À luz das estrelas, aquele telhado parecia mais negro que verde. Tal se lembrou do Vêu e das Sete Torres, o que era uma imagem reconfortante. Entretanto, não era fácil pousar ali. Várias vezes, pensou estar vendo uma clareira, mas era sempre uma ilusão provocada pela luz, apenas uma parte mais baixa naquela massa compacta.

Tal já estava achando que seus braços iam cair de verdade quando, finalmente, avistou uma ampla extensão que só podia ser uma clareira.

Adras o baixou suavemente mas, mesmo assim, Tal caiu no chão. Todos os seus músculos doíam, não apenas os ombros. Apesar disso, fez um esforço para se levantar daquele chão úmido, coberto de folhas mortas. Não havia tempo para descansar. Agora, que estava com o apito, sentia-se de algum modo mais perto do Códex. Isso, porém, só aumentava sua ansiedade. E se encontrasse o Códex e descobrisse quem estava mantendo Gref prisioneiro, mas fosse tarde demais?

Tal se levantou e olhou em volta, fazendo sua Pedra-do-Sol se iluminar.

Estava numa clareira e, no entanto, a camada de folhas do chão chegava à altura de seus joelhos. Havia arbustos e samambaias quase do seu tamanho, mas não havia nenhuma daquelas imensas árvores nodosas que cobriam a floresta propriamente dita.

— Gosto disso aqui — tropejou Adras subitamente, e Tal deu um pulo. — Um monte de umidade no ar. Ahhh!

Tal não gostava dali tanto assim. Milhares de coisas se moviam no escuro. Podia ouvir estalos, ruídos de passos e de coisas escorregando, embora não visse absolutamente nada quando fazia brilhar a Pedra-do-Sol.

Para piorar tudo, lembrou-se de repente da última partida de Criaferas que jogou, e de uma de suas cartas. O Malignofidio, a gigantesca cobra da floresta de Aenir, que estrangulava suas presas.

Eles estavam na floresta de Aenir. Exatamente o lugar onde se esperaria encontrar um Malignofidio de trinta trechos de comprimento e que, só de largura, tinha mais que o tamanho de Tal.

Quem sabe não era um deles que estava fazendo aqueles ruídos de algo deslizando logo ali!

Tal se virou, intensificando a luz de sua Pedra-do-Sol.

Dois imensos olhos amarelos refletiram aquela luz.

Olhos saltados, presos por hastes, sobre um corpo azul delgado que continuou brilhando mesmo depois que Tal sacudiu as mãos desviando o fecho de luz.

— Um Malignofidio! — gritou Tal, e virou-se para sair correndo.

Já tinha dado alguns passos quando sua cabeça, em pânico, processou corretamente o que seus olhos tinham visto.

Não era um Malignofídio. Eles não eram azuis e não brilhavam no escuro.

Era um Gorblag, uma espécie de sapo rastejante. Ou, na pior das hipóteses, seu primo próximo, o Klorbag, que cuspia bolas de limo, nojentas mas inofensivas.

— Um o quê? — perguntou Adras. — Quer que eu dê uns tapas nele?

— Não — disse Tal, depois de fazer uma inspiração profunda. — É... é só um Korblag. Eles não fazem mal a ninguém.

O animal azul brilhante não saiu do lugar. Apenas ficou sentado ali, com a longa cauda escamada deslizando de um lado para o outro. Começou, então, a inflar lentamente as bolsas carnudas sob seu estômago, e ficou duas vezes maior.

Tal saiu da linha de fogo, porque podia ser um Klorbag preparando-se para cuspir.

Mas não foi nada disso. Os olhos da criatura se enevoaram e sua boca se contraiu como jamais acontecera antes com um Korblag. Suas bolsas de ar começaram, então, a desinflar e saiu um assobio de sua boca.

Tal já tinha percebido que ele estava sob o domínio do Códex. Mesmo assim, ficou surpreso porque o assobio foi, na verdade, num tom altíssimo e esganiçado.

— O que é isso? — perguntou o menino. — O que você quer que eu faça?

— Tal. Mire um palmo à esquerda da estrela azul e voe. Milla no Encontro dos Quatro Rios, ao amanhecer. Siga Zicka até a Montanha da Pedra Fria. Mande um Pastor de Tempestades soprar o Apito. Você e Milla vão me buscar sob a Montanha. Nenhum Aenirano pode tocar em mim. Vá agora!

— O quê? — perguntou Tal. — Mas Milla vai me matar!

— Não — assobiou o Gorblag. — Vá! Encontro dos Quatro Rios. Zicka. Montanha da Pedra Fria. Soprar Apito. Apanhar Códex debaixo da Montanha.

— Milla vai me matar — protestou Tal. — E como vou conseguir apanhar você debaixo da Montanha?

Mas era tarde demais. O Códex tinha perdido contato. Os olhos do Gorblag se desanuviaram. Ele parou de contrair os lábios e escancarou a boca. Um instante depois, uma imensa cusparada de limo fedorento e pegajoso passou zunindo pelo rosto de Tal.

O Klorbag voltou a mergulhar na camada de folhas e foi se afundando ali antes que Tal ou Adras pudessem reagir. Tal ficou olhando sua barbatana dorsal ir serpenteando através da vegetação apodrecida, para ter certeza de que ele não voltaria para uma cusparada de despedida.

Levantou então os braços.

— Temos que seguir viagem — disse a Adras. — O Códex mandou que fôssemos para um lugar chamado Encontro dos Quatro Rios. E, de alguma maneira, consegui que Milla vá ajudar.

— Milla? — perguntou Adras todo animado. — A outra? Com Odris?

— É — disse Tal. — Temos que mirar um palmo à esquerda da estrela azul; portanto, assim que sairmos dessa floresta, acho que vou ter de me segurar com um braço só e tentar...

Parou de falar porque era evidente que Adras não estava escutando. Tinha se empinado e inclinado a cabeça de lado, como se estivesse ouvindo alguma coisa que Tal não conseguia ouvir.

— Encontrar Odris, encontrar Milla — declarou o Pastor de Tempestades. — É isso mesmo?

— É — suspirou Tal. — Se é que você sabe onde Odris está.

— Sei, sim. — Adras se curvou para a frente e agarrou os braços de Tal, sem se dar conta que o menino tinha estremecido de dor. — O vento vai me dizer.

— Ótimo — disse Tal, com a voz sumida. Parecia que tinham derramado metal derretido dentro de seus ombros, e a dor estava se alastrando pelo pescoço e pela cabeça. Mas o Códex tinha mandado eles seguirem em frente e, portanto, tinha de fazer isso.

Assim que Adras saiu voando da floresta, o pensamento de Tal se voltou para Milla. Esperava que o Códex tivesse dito a ela que não era para matá-lo. Sentiu também a leve pontada daquela culpa de antes ir crescendo dentro do peito.

Ainda achava que tinha feito a coisa certa. A única coisa que podia ter feito. Mas, agora, se perguntava se Milla algum dia poderia ver as coisas desse jeito. Talvez, fazer ela trocar sua sombra por um Espírito-Sombra fosse, para ela, o mesmo que não ter um Espírito-Sombra, para alguém dos Escolhidos.

Talvez... talvez ele a tivesse transformado numa espécie de Povo Inferior entre os Homens-do-Gelo.

Tinha consciência de ter efetivamente destruído o seu futuro enquanto ele próprio só tinha aberto mão de escolher um Espírito-Sombra.

Ela ia querer matá-lo, concluiu Tal. Mas não podia deixar que ela fizesse isso porque, neste exato momento, salvar Gref e sua família era mais importante que qualquer outra coisa.

A qualquer preço.

## Capítulo 21

Tal e Adras levaram a noite inteira para voar até o Encontro dos Quatro Rios. Precisaram fazer diversas paradas para Tal massagear os braços e fazer rotações com os ombros. Por vezes, Adras teve de carregá-lo literalmente, e os braços do Pastor de Tempestades envolviam inteiramente o garoto dos Escolhidos. Aquilo era um tanto humilhante, mas, há tempos, Tal tinha desistido de dar importância a essas coisas. Simplesmente, ficava feliz porque, daquele jeito, não sentia dor.

Pouco depois do alvorecer, avistaram o Encontro dos Quatro Rios. Ou, pelo menos, Tal presumiu que o lugar fosse aquele. Podia efetivamente ver quatro rios que afluíam para lá, vindos do norte, do sul, do leste e do oeste, e que se encontravam num estranho delta de quatro braços, coberto de lama negra, e atravessado por centenas de canais que não faziam o menor sentido para Tal.

Como era possível quatro rios desaguarem no mesmo emaranhado de canais? Os quatro deltas deveriam formar um lago, mas não formavam. Ao menos um daqueles rios deveria correr na outra direção, mas não corria.

Os rios apenas continuavam a fluir e a se dividir, seus vários dedos se estendendo pela vasta planície. Uma planície inteiramente plana, pensou Tal, inicialmente. Entretanto, quando o sol ficou mais alto, viu que havia algo exatamente no meio do delta.

Uma montanha, cercada de estreitos riachos e ilhotas de junco por todos os lados.

Não dava para entender. A água dos quatro rios tinha de ir para algum lugar. Mas a montanha estava instalada onde deveria haver um lago.

Tal desviou os olhos, piscou algumas vezes e, então, voltou a olhar para lá. Mas tudo continuava do mesmo jeito. Uma imensa massa de pedra cinzenta no meio de um vasto sistema de canais que não tinha a menor possibilidade de funcionar.

Isso é Aenir, disse Tal consigo mesmo. Magia de Aenir.

— Odris! — exclamou Adras. Ia apontar, mas lembrou que estava carregando Tal no colo, e parou.

Tal olhou para baixo. Um navio se movia bem rapidamente por um dos canais maiores. Ele brilhava ao sol da manhã e os olhos treinados de Tal perceberam a cintilação de Pedras-do-Sol. Muitas Pedras-do-Sol.

Podia ver um pontinho no convés. Era Milla, presumiu ele. E, evidentemente, Odris era a nuvem enroscada no mastro. Havia mais alguma coisa se movendo no convés, algo menor. Dali de cima, Tal não podia ver o que era.

Adras começou a descer. Tal fechou os olhos e tentou imaginar o que diria a Milla. Ajudaria se pedisse desculpas? Será que os Homens-do-Gelo pediam desculpas? Ou aquilo o faria descer em seu conceito?

Será que deveria aturdi-la com um Tapa Azul, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa contra ele?

Tal não estava exatamente com medo. Estava se sentindo péssimo. Por mais que se esforçasse, não conseguia pensar em Milla simplesmente como alguém cuja vida não tivesse a menor importância.

Sentiu, então, uma pancada, como se tivessem batido em algo sólido, e abriu os olhos. Não haviam batido em nada, mas, de repente, Adras tinha voltado a subir muito depressa.

— Adras! — gritou Tal, entrando em pânico. — O que você está fazendo? Devíamos estar descendo!

— É uma corrente! — trovejou Adras. — Uma corrente de ar quente, forte demais para que eu possa voar contra ela. Sou apenas uma nuvem.

— O quê! — gritou Tal. Tentou desesperadamente pensar em algo que pudesse fazer. Estavam subindo tão depressa que ele começava a sentir vertigens. Já deviam estar a milhares de trechos de altura, quase como as Sete Torres lá no Mundo Escuro. Era alto demais para construir uma Escada de Luz.

— Como vamos descer? — gritou ele.

— Quando o ar se resfriar, vamos cair — rugiu Adras. — Tenha paciência!

— Mas não estou conseguindo respirar! — disse Tal, ofegante.

Adras ficou calado. Tal já tinha percebido que seu companheiro Pastor de Tempestades ficava todo atrapalhado quando tinha de alterar uma linha de pensamento, ou levar em conta como viviam outros seres.

Ar fresco, pensou Tal. Tinha de encontrar um meio de resfriar o ar. Mas como? Podia aquecê-lo com sua Pedra-do-Sol, mas não resfriá-lo.

Foi então que a idéia lhe ocorreu.

— Adras! — gritou. O grito exigiu quase todo o seu fôlego e as palavras seguintes saíram pouco mais altas que um sussurro. — Chuva! Chuva vai resfriar o ar!

— O quê?

— Chuva!

— Ah! Chuva! — mugiu Adras. Balançou os braços para a frente, tão depressa que Tal pensou que ia ser atirado no espaço. Mas Adras o estava apenas tirando do caminho. O resto de seu corpo-de-nuvem se enrolou e ondulou, espalhando-se até assumir uma forma arredondada e ficar ainda mais inflado.

A nuvem escureceu. Tal se virou de lado para poder ver. Já podia sentir o cheiro fresco da chuva e a temperatura cair vários graus.

Foi ficando ainda mais frio e, dentro do Pastor de Tempestades, havia um terrível ruído de algo sendo triturado. Tal viu manchas brancas aparecerem na escuridão da nuvem. Então, grandes pedaços de gelo começaram a cair.

Pedaços muito grandes. Na verdade, gigantescos blocos de granizo, do tamanho da cabeça de Tal. Alguns deles eram atirados num ângulo tão fechado que passavam raspando pelo garoto que se virava e se retorcia nos braços do Pastor.

Com o granizo, a temperatura baixou a ponto de gelar. O Pastor de Tempestades começou a cair. A princípio, lentamente.

— Eu disse chuva! — gritou Tal quando começaram a cair cada vez mais rápido. — Milla está lá embaixo, em algum lugar, seu idiota! Ela poderia ser morta por um bloco de granizo!

Enfim, o frio efetivamente fez efeito e a nuvem e o garoto caíram tão depressa quanto o granizo.

— Descuuuuuuuuulpppppeeeee! — trovejou Adras.

— Mais devagar! — berrou Tal. Mas sua voz se perdeu na precipitação da queda. Estava tremendo descontroladamente, já que o vento fazia a temperatura baixar ainda mais. Sentia frio, como já jamais havia sentido quando estava no Gelo.

Mas, agora, tinha uma Pedra-do-Sol, pensou Tal. Na verdade, várias. Ainda não tinha tido tempo para examinar as que tirara de Rudbrut e não era agora, quando estava despencando do céu como uma pedra, que ia tentar fazê-lo.

Estendeu a mão. Seus dedos já estavam arroxeados e quase não podia senti-los. Mas a Pedra-do-Sol estava ali, cintilando. Concentrou a atenção nela, desejando que aquecesse o ar em torno de seu corpo.

De início, achou que tinha falhado. Era uma das fórmulas mágicas mais simples que havia; tão simples que quase toda criança dos Escolhidos podia realizá-la com uma Pedra-do-Sol. Mas ele ainda estava congelando.

Entendeu, então, que apenas não estava sentindo o calor porque o frio era intenso demais. Precisava aumentar a quantidade de calor produzida pela Pedra-do-Sol.

Concentrou-se novamente e sentiu uma onda de calor que vinha da ponta da Pedra-do-Sol e envolvia todo o seu corpo. Parte desse calor também atingiu Adras.

Ainda estavam caindo direto. Tal arriscou uma olhada, mas seus olhos se encheram de lágrimas por causa do deslocamento de ar. Mesmo com os olhos lacrimejando, pôde ver que o rio estava bem perto.

Tal mandou a Pedra-do-Sol produzir ainda mais calor. Mas havia um limite para a quantidade que ela era capaz de irradiar sem queimar o anel e machucar seu dedo. Ondas de calor brotavam da pedra, mas não eram suficientes para combater o frio.

— Seeeeuuuuuuure-seeeeeee! — berrou Adras, empinando-se. A descida vertical transformou-se num planar. Ainda estavam caindo, mas, agora, parecia que teriam alguma chance de parar antes de colidir com um dos canais ou uma das ilhas lamacentas.

Mas não pararam.

Adras rugiu e Tal gritou enquanto a água vinha chegando cada vez mais perto. Tal só teve tempo de tomar fôlego, mas, um segundo mais tarde, aquele ar foi todo posto para fora, quando se chocaram com a água.

O Pastor de Tempestades e o garoto dos Escolhidos foram ao fundo, bem ao fundo da água e, na verdade, da lama que havia no leito do rio.

Tal se viu preso, não apenas pelos braços de Adras, mas também pela lama pegajosa que não deixava ele se soltar. Não estava conseguindo respirar, nem enxergar. Ficou batendo os braços e as pernas, tentando se libertar.

Entrou em pânico. Só queria conseguir respirar. Tinha de respirar. Tinha de pôr alguma coisa para dentro dos pulmões.

Mesmo que fosse água.



Milla e Odris viram Tal e Adras baterem no rio, cerca de duzentos trechos adiante, fazendo a água espirrar mais alto que o mastro do navio.

Milla correu para a amurada e subiu nela, para ter uma visão melhor. Estava esperando ver surgirem a cabeça de Tal e uma nuvem quando a água voltasse a se assentar. Mas só viu as ondulações formadas pelo impacto.

Ficou hesitante. Sentiu que devia mergulhar, mas não era muito boa nadadora. Os Homens-do-Gelo não nadavam, a menos que o Gelo se quebrasse e, mesmo nesses casos, tinham menos de dois minutos para sair da água.

— Odris! — chamou Milla. — Vá ajudá-los!

— Para quê? — perguntou Odris. — Em pouco tempo, Adras terá descoberto o que fazer. Que idiota! Não consegui acreditar quando vi o granizo. Ninguém diria que ele é o mais velho de nós dois, e com uma diferença de duzentos anos!

— Tal vai se afogar! — gritou Milla. — Vá ajudá-lo!

— Ele não pode sobreviver debaixo da água? — perguntou Odris, espantadíssima. Soltou-se do mastro e passou em disparada por sobre a cabeça de Milla.

Um momento mais tarde, uma quantidade menor de água espirrou quando a Pastora de Tempestades mergulhou no rio.

Milla ficou olhando, ansiosa. Por mais erros que tivesse cometido, Tal não merecia se afogar.

Surgiram umas poucas borbulhas na superfície da água e, então, emergiu um Pastor de Tempestades encharcado que, com muita dificuldade, conseguiu se manter uns poucos trechos acima do rio. Milla não identificou qual deles era, até que ele se esticou e içou o outro Pastor que segurava Tal em seus braços gotejantes.

O menino estava coberto de lama, mas estava vivo, a julgar pela tosse e pelos balbucios que Milla podia ouvir.

O navio de Asteyr aproximou-se dos Pastores de Tempestades encharcados, e do fardo humano que carregavam consigo. Adras ia pondo Tal na embarcação quando Milla gritou:

— Espere! Ele está enlameado demais! Limpem essa lama, antes!

Adras obedeceu de imediato, levando Tal de volta para o rio. O menino mal teve tempo de gritar “Não!” antes de ser afundado de novo na água.

Quando saiu de lá, estava cuspidando, tossindo, e furioso. Assim que foi posto no convés, tentou se levantar para gritar com Milla, mas foi tomado por um acesso de tosse. Fraco demais para se erguer, tentou se arrastar para longe de Milla. Mas tinha se afastado apenas meio trecho quando ela o alcançou.

Por um segundo, pensou que ela ia atirá-lo pela amurada. Compreendeu, então, que ela o estava ajudando a se erguer para poder vomitar a água que tinha engolido.

E também não estava berrando ameaças de morte. Apenas estava lhe pedindo que tomasse cuidado para não sujar o navio.

Mesmo quando já não parecia haver mais água para vomitar, Tal continuou agarrado à amurada. Sentia-se mole, um lixo, como um velho esfregão do Povo Inferior.

Mas, pelo menos, estava vivo. E Milla não tinha tentado matá-lo. Embora fosse muito estranha a sua extrema preocupação em não sujar aquele navio.

— Afinal — disse Tal, com voz rouca —, acabamos nos encontrando de novo.

— É — disse Milla, friamente. — Traidor. Não esqueci. No entanto, concordei em ajudar a encontrar o seu Códex e levá-lo de volta ao Mundo Escuro. E também vou voltar para o meu povo, para lhes dizer o que aprendi sobre Aenir e a loucura dos Escolhidos. Depois disso, vou embora para o Gelo.

— O quê? — perguntou Tal. — Que loucura dos Escolhidos?

— Não finja que não sabe — disse Milla, desdenhosa. — Fiquei sabendo que o Vêu foi construído para manter os Aeniranos longe do nosso mundo. Foram os Escolhidos que faltaram com a palavra da a nossos ancestrais, voltando a levar Espíritos-Sombra para o Castelo. Vocês deixaram os Aeniranos penetrarem novamente no nosso mundo.

— De que você está falando? — perguntou Tal. Estava tonto, e sua cabeça estava cheia de água. — Sempre tivemos Espíritos-Sombra; sempre viemos a Aenir para conquistá-los. O Vêu não tem nada a ver com isso.

— Isso não está certo — disse uma voz que Tal ainda não tinha ouvido. Soltou a amurada, com algum esforço, e virou-se para ver quem era. Não esperava que fosse um Kurshken. Sabia, por causa do jogo de Criaferas, que esses lagartos eram muito inteligentes, mas não sabia que podiam falar.

— Chamo-me Quorr Quorr Quorr Ahhtorn Sezicka. Mas pode me chamar de Zicka. Como tantos outros de minha espécie, sou historiador. E, como tal, posso lhe dizer que você está redondamente enganado. Os Escolhidos começaram a vir a Aenir para arranjar escravos, que vocês chamam Espíritos-Sombra, há menos de novecentos anos. Antes disso, houve um período de mais de mil anos em que não existiu qualquer comunicação entre o Mundo Escuro e Aenir. Isto se deveu à proibição de viagens entre os dois mundos, decretada por Asteyr e Ramellan depois da criação do Vêu encobrindo o seu mundo e da execução do Esquecimento, no nosso.

— O quê? — perguntou Tal outra vez. Era como se aquelas fossem as únicas palavras que pudesse dizer. Depois, ficou enfurecido. Por que estava dando ouvidos a um lagarto e a uma selvagem? Eles não sabiam nada a respeito dos Escolhidos, do Castelo e de sua história.

— Não sei onde você ouviu essas histórias — disse Tal. — Mas sei que sempre tivemos Espíritos-Sombra. Sempre viemos a Aenir para conseguí-los. É para isso que servem os Aeniranos!

— Sempre? — indagou Zicka. — Esta não é uma medida de tempo precisa. E você acha que todo esse mundo existe com o único propósito de fornecer Espíritos-Sombra aos Escolhidos?

Tal não disse nada. Não sabia responder àquela pergunta. Não se sentia forte o bastante para debater essa questão. Nunca admitiria isso para Milla e para esse lagarto chamado Zicka, mas sabia que o seu conhecimento acerca dos Escolhidos, do Castelo, do Mundo Escuro e de Aenir era muito limitado.

— O Códex conhece a história verdadeira — disse ele, afinal. — Vocês vão ver quando tivermos apanhado o Códex.

Zicka sorriu. Ao menos, foi isso que Tal pensou que ele estivesse fazendo com a boca. Milla franziu a testa. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Tal voltou a falar.

— Zicka. O Códex mencionou você. Você deve nos levar até a Montanha da Pedra Fria.

Então, tenho que mandar um dos Pastores de Tempestades soprar este apito...

Tal meteu a mão no bolso para pegar a corrente com as duas Pedras-do-Sol e o apito translúcido que tinha tirado de Rudbrut. Mas, quando puxou a corrente, não havia nada ali.

— Não! — exclamou Tal. Deixou cair a corrente e começou a revirar os bolsos freneticamente. — Eu estava com o apito... e duas Pedras-do-Sol... Gref...

Tal tocou com a mão alguma coisa que tinha atravessado o forro do bolso. Pegou aquilo com um enorme suspiro de alívio. Era o apito. Mas não havia sinal das duas Pedras-do-Sol. Tinham sido levadas pela água e estavam, agora, em algum lugar no fundo do rio. Felizmente, o anel de Pedra-do-Sol estava firme em seu dedo.

— Perdi duas Pedras-do-Sol — disse Tal, desolado.

Mas, pelo menos, tinha o apito. Ele era a chave para conseguir o Códex e salvar Gref. Atualmente, era tudo em que podia pensar. Todo o resto, sobre o Vêu e Aenir, era um pouco demais.

Use o apito. Pegue o Códex. Volte para o Mundo Escuro. Encontre e salve Gref.

Era como um cântico que Tal ficava repetindo e repetindo mentalmente.

— O apito é indispensável — disse Zicka, indicando o instrumento. — É ele que vai fazer a Montanha se mover. Enquanto estiver soando, a Montanha arqueará as costas. Enquanto ela estiver assim, Tal, você e Milla devem entrar correndo debaixo de sua barriga e tirar o Códex de lá.

— Um Pastor de Tempestades seria mais rápido — disse Milla. Raciocinava como se estivesse indo a uma caçada ou uma batalha. — E mais forte. O Códex é muito pesado?

A língua de Zicka deu uma lambada no ar, o que, para um Kurshken, era uma negativa. Percebendo que aquilo não significava nada para os outros, apressou-se em dizer:

— Não. O Códex não pode ser tocado por qualquer criatura de Aenir. Faz parte de sua proteção. Quanto ao seu tamanho, creio que deve aumentá-lo e diminuí-lo a seu bel-prazer, dentro de certos limites. Mas seu peso continua sempre o mesmo.

— E qual é? — perguntou Milla.

— Bastante pesado — disse o Kurshken. — Não conheço suas medidas de peso. Mas talvez ele pese o mesmo que Tal.

Tal abanou a cabeça. Não estava em condições de caminhar cinquenta trechos, quanto mais de entrar correndo debaixo de uma montanha que se erguia e trazer de lá algo que pesava tanto quanto ele próprio.

— Que distância temos de percorrer? — perguntou Milla. — E por quanto tempo Odris... ou Adras... podem ficar soprando o apito?

— Creio que cinco vezes o tamanho do navio — disse Zicka, indicando com os braços a distância entre a proa e a popa. — E não sei por quanto tempo o apito pode ficar soando.

Odris se abaixou para examinar o apito.

— Alguns dias, acho eu — disse a Pastora. — A menos que seja mágico.

— Ele é mágico — disse Tal, exausto. — Caso contrário, não moveria uma montanha.

— Deixem-me experimentá-lo — disse Odris.

Pegou o apito e levou-o à boca. Mas não saiu som algum quando ela soprou. Suas bochechas foram ficando cada vez mais infladas, até que ela mais parecia um Gorblag. Mas nem assim o apito produziu algum som.

— Ele foi feito com um único objetivo, e só pode ser usado junto da Montanha — disse Tal, confiante. Aenir era um lugar cheio de elementos mágicos que só funcionavam em determinados lugares ou circunstâncias. — Espero que você possa soprá-lo lá. Talvez Adras devesse fazê-lo. Provavelmente, ele pode manter o fôlego por mais tempo.

— Não pode, não! — disse Odris.

— Posso, sim! — rosou Adras. — Vamos tirar a prova.

Começaram ambos a sugar o ar, obrigando Tal, Milla e Zicka a se deslocarem para a popa a fim de não serem tragados.

Tal ia se sentando, com as costas apoiadas no mastro, quando Milla o puxou de volta para cima.

— Não faça isso! Você vai molhar o convés!

Furioso, Tal sacudiu os ombros para que ela tirasse a mão dali. Milla recuou e Tal viu a conhecida contração de seus dedos, significando que ela estava prestes a sacar a espada.

— Estou cansado! — gritou ele. — Quase me afoguei ainda agora! Tudo o que quero é me sentar. Corte minha garganta, se quiser, mas vai sujar ainda mais seu precioso navio!

E sentou. Milla trincou os dentes e armou o punho como se tivesse levado a sério o que Tal lhe dissera, e fosse atacá-lo a socos, ao invés de usar uma arma, para que ele não sangrasse. Mas Zicka agarrou sua mão.

— Não briguem! — pediu o Kurshken. — O convés de Roquollollollahinanahbek já esteve molhado e enlameado, e até mesmo ensangüentado antes, e vai ficar assim outra vez. Ele é um navio para ser usado, e não uma relíquia do passado.

Milla amarrou a cara e saiu dali.

— Obrigado — disse Tal. — Mas, se o navio é seu, por que Milla ficou tão aborrecida?

— Este navio — corrigiu Zicka — pertenceu outrora à mais célebre das ancestrais de Milla, Asteyr, que, juntamente com Ramellan, pôs fim à guerra entre os dois mundos.

— Quem? — perguntou Tal. — Que guerra?

— Pergunte ao seu Códex — respondeu Zicka. — Já que você duvida de tudo o que eu digo.

— Vou fazer isso. — Tal hesitou e, em seguida, acrescentou: — De quem mesmo era esse navio?

— De Asteyr — disse Zicka.

— E qual foi o outro nome que você mencionou? Você disse que Asteyr e outra pessoa puseram fim à guerra.

— Ramellan. Reconhece esse nome?

Mais uma vez, Tal não respondeu. Reconhecia efetivamente aquele nome. Ramellan tinha sido um daqueles Escolhidos célebres, do passado remoto. Não conseguia lembrar exatamente por que ele era importante. Havia sido uma espécie de Imperador, antes que os Escolhidos tivessem Imperadores, pensou Tal. Um nome, mencionado de passagem numa aula de história, e nada mais.

Zicka ficou por ali, como se esperasse mais perguntas, mas Tal foi salvo por um grito inesperado de Milla.

— A Montanha! Bem aí na frente!

Com algum esforço, Tal se levantou e olhou para a frente. De fato, lá estava uma montanha cinzenta, erguendo-se no meio dos inúmeros canais e ilhas mais adiante. Ainda estava a alguma distância; no mínimo, umas poucas horas de viagem.

— Então, aí está ela — disse Tal. — Você sabe se a Montanha é guardada?

— Não — respondeu Zicka. — Só sei o que o Códex quis compartilhar com meu cérebro anterior.

— Seu o quê?

— Cérebro anterior — disse Zicka, batendo na protuberância que havia entre seus olhos um tanto esbugalhados. — Nós, os Kurshkens, temos dois cérebros. O cérebro anterior é a mente animal, mas temos também o “rorquialosschurr”, ou cérebro posterior. O Códex pode projetar seu pensamento em meu cérebro anterior, e posso me comunicar com ele através de meu cérebro posterior, ou deixar que ele use meu cérebro anterior para controlar minha voz.

Tal tentou conter um estremecimento. Não gostava nada da idéia de ter dois cérebros. O que aconteceria se um deles não concordasse com o outro?

— Pode haver guardas, então — disse Tal. — Embora eu ache que quem quer que tenha posto o Códex lá não esperava que alguém fosse tomar o apito de Rudbrut.

— Com ou sem guardas por lá, se a Montanha da Pedra Fria se mover, toda Aenir logo vai ficar sabendo — disse Zicka. — Você deve estar pronto para fugir assim que tiver apanhado o Códex.

— Vou levá-lo de volta para o Castelo — assentiu Tal. — Mas preciso encontrar um lugar que eu conheça para fazer a passagem em segurança. A que distância daqui fica o Território dos Escolhidos?

— Fica para o sul — disse Zicka. — A alguns dias de viagem, a pé. Você precisa ir até lá?

Tal abanou a cabeça.

— Não. Mas tenho de estar em algum lugar conhecido. Se o Território fica para o sul, a alguns dias de viagem, isso quer dizer que o Círculo das Pedras Enterradas fica perto daqui?

— Isso mesmo. Para o sudeste. Provavelmente, você consegue chegar até lá ao pôr-do-sol, se apressar o passo. Mas esse anel de pedras não é um bom lugar para se ir depois que escurece.

— É verdade — concordou Tal. — Mas já estive várias vezes no Círculo das Pedras Enterradas e, portanto, sei utilizá-lo como um ponto para a passagem.

Olhou para a popa, onde Milla estava de pé, protegendo os olhos com a mão para poder olhar o rio e a montanha mais à frente. Apesar do sol, ela não projetava nenhuma sombra.

— É melhor... é melhor eu fazer as pazes com Milla — disse Tal, olhando o sol que batia no convés. Sentia-se mal pelo que tinha feito a ela, mas jamais admitiria isso.

Aproximou-se dela, lentamente, de olho na espada de chifre de Merwin que estava a seu lado, e bem consciente de seus reflexos acurados. Quando estava a quatro ou cinco trechos dela e, possivelmente, fora do alcance de um súbito ataque, ele parou.

Um momento depois, Milla se virou para olhá-lo. Tal viu raiva em seus olhos e estremeceu.

— Milla — disse ele, sem perceber que estava estendendo as mãos para a Garota-do-Gelo, como se implorasse algo. — Gostaria... de dizer...

— Suas palavras não valem nada — disse Milla. — São a neblina que o navio atravessa, as lascas de gelo sob meus patins, o sangue que pinga da carne de Selski de véspera.

Tal engoliu em seco. Era ainda mais difícil do que tinha imaginado. Não podia acreditar que estivesse tentando se desculpar com alguém tão diferente dele. Sentia-se estranhamente inferior ficando ali, diante dela. Ela até parecia mais alta, com o anel de Pedra-do-Sol reluzente, e a espada de chifre de Merwin igualmente brilhante. Parecia mais um membro dos Escolhidos das lendas que qualquer outra coisa.

— Eu... sinto muito — disse Tal. Tremia, enquanto falava, e havia lágrimas brilhando em seus olhos, tanto de raiva e de culpa quanto de tristeza. — Eu não sabia... simplesmente tinha de fazer aquilo... Meu pai me pediu que cuidasse da família, que fizesse o que fosse preciso para mantê-los a salvo. O que fosse preciso, e foram necessárias minha sombra, e a sua também, e nem pensei no que isso ia representar para você. Foi minha culpa se Gref subiu atrás de mim, e foi apanhado, e tenho de encontrá-lo e levá-lo de volta. Ele só tem nove anos, e tem também Kusi, e minha mãe... Foi por isso que fiz aquilo, foi por isso... Será que você pode entender... será que você pode...

Sua voz se extinguiu.

Milla não respondeu, mas seus olhos já não estavam mais cheios de ódio. Olhou então para longe, para além da água, e disse:

— Algumas pessoas do meu povo acreditam que exista um grande Calculador da vida de todos os Homens-do-Gelo, um lugar onde cada caçada e cada batalha é jogada num imenso tabuleiro, onde cada nascimento e cada morte, cada vitória e cada derrota podem ser vistos. Em algum momento, deve ter havido ali uma pecinha, das menores, entalhada em osso de Selski ou costela de Merwin, que era Milla, do Clã dos Caçadores. Mas, agora, essa peça não está mais no tabuleiro, e está jogando um jogo de vida diferente. Não sei que mãos estão me movendo agora. Tudo o que sei é que não sou mais quem eu era.

Houve um outro silêncio, ainda maior, até que Tal disse:

— Nem eu.

— Quem sabe o que cada um de nós vai se tornar — disse Milla. Ela hesitou. — Entendo por que você vendeu minha sombra, Tal dos Escolhidos. Mas não esqueço. E não é da natureza dos Homens-do-Gelo perdoar.

Tal assentiu com a cabeça, bem devagar, embora não estivesse certo de compreender o que ela queria dizer.

— Não posso matá-lo — disse Milla. — Compartilhamos muito sangue e entendo perfeitamente que você tenha feito o que fez. Um dia, você também pode perder seu futuro nas mãos de alguém que considerava seu amigo.

Pararam o navio de Asteyr numa faixa de lama negra, à sombra da Montanha, e dirigiram-se para a borda do monolito de pedra.

Não era uma montanha particularmente alta, mas, para Tal, parecia maior do que de fato era, considerando-se que ele teria de correr para debaixo dela. Toda uma terrível imensidão de rocha que desabaria se Adras não conseguisse ficar tocando o apito.

Adras vencera a competição de fôlego, embora ambos os Pastores de Tempestades tivessem conseguido ficar soprando por horas. Para Tal, aquilo era muito animador. Achava que só teriam alguns minutos para tirar o Códex de lá.

— Este é o lugar — anunciou Zicka, apontando para um ponto em que um veiozinho de pedra negra atravessava a rocha cinzenta, mais parecendo um relâmpago escuro. — O Códex está bem aí dentro, a uma distância de mais ou menos cinco vezes o tamanho do navio.

— Cento e trinta trechos — disse Milla. Ela pegou a espada e a pôs no chão. Depois, tirou o peitoral de couro de Selski e também o lançou por terra.

Tal olhou para a montanha e, depois, voltou a olhar o rio e o navio. Tinha certeza de que quem quer que tivesse deixado o Códex ali teria também deixado guardas, ou vigias, ou alguma espécie de magia protetora. Mas não conseguia ver nada. Não havia movimento algum na montanha, no céu, nem no rio.

O que só servia para deixá-lo ainda mais desconfiado. Deveria haver pássaros, insetos, ou qualquer outra coisa. Mas só havia uma brisa leve, soprando através dos juncos por detrás deles.

— Estou pronta — declarou Milla. Esticou os braços acima da cabeça, e levantou as pernas, sacudindo-as. Tal percebeu que elas estavam cheias de hematomas, mas conhecia Milla o bastante para saber que não devia fazer perguntas.

— Só tem uma coisa que quero saber antes de irmos — disse Milla.

— O que é? — perguntou Tal.

— Por que o seu cabelo está verde?

— Uma criatura vomitou nele — respondeu Tal, desanimado.

Milla não riu; apenas sorriu. Teria rido, pensou Tal, antes de eu entregar a sombra dela.

Além do cabelo estar verde, os ombros de Tal continuavam doendo e ele ainda estava meio molhado. Felizmente, suas pernas estavam em plena forma, a não ser pelos pés ligeiramente queimados.

Não havia razão para se demorarem mais. Mas Tal ainda ficou hesitando, até que Milla parou de se esticar e olhou para ele.

Tal conhecia esse olhar. Ela estava achando que ele não era corajoso o bastante para ir em frente.

— Também estou pronto — disse ele. — Adras? Você sabe o que tem de fazer?

— Claro! — trovejou o Pastor de Tempestades. — Só tenho de soprar o apito. Assim.

Ergueu o apito e começou a soprar antes que alguém pudesse impedi-lo.

Uma única nota, cristalina, quase alta demais para ser ouvida, saiu do apito. Parecia estar



vindo de todas as direções, e não apenas do próprio apito. Fizeram-se ecos, multiplicando o som.

Ele foi ficando cada vez mais alto e, à medida que o som ia aumentando, a Montanha começou a se mover.

De início, houve um ruído surdo nas profundezas da terra, e uma vibração que sacudiu cada osso das pernas de Tal, antes de subir pelo seu corpo e chegar até os seus dentes. Caíram pedras e torrões de barro pelos flancos da Montanha, seguidos de arbustos e árvores cujas raízes se soltaram quando as covas de terra em que haviam crescido foram sacudidas das costas da Montanha.

Tal viu que Adras estava surpreso. O Pastor de Tempestades teve uma breve hesitação e a nota vacilou.

— Continue apitando! — gritou Tal.

O Pastor assentiu e continuou soprando. A nota se firmou e ficou ainda mais forte.

Houve um tremendo estrondo e ergueu-se uma cortina de poeira e terra que se espalhou por toda a extensão da Montanha. Tal e Milla protegeram os olhos com o braço e começaram a avançar com todo cuidado.

Quando a nuvem de poeira se assentou, viram que a Montanha estava erguida, fora da terra. Puderam ver a luz do dia do outro lado, a uma distância considerável, através de uma brecha de apenas um trecho de altura. Mas a Montanha continuou a arquear as costas, e a brecha foi aumentando.

— Vão! — gritou Zicka. — Vão!

Tal e Milla se precipitaram naquela direção, curvando o tronco, e correndo o mais que podiam, no meio da poeira que continuava caindo e naquele chão todo rachado.

Enquanto corria, Milla foi contando as passadas, gritando a cada dez que completava. Um passo seu era quase um trecho. Chegando aos 120, mais ou menos, deveriam ver o Códex.

Continuaram a correr pela escuridão cada vez maior, bem debaixo da barriga da Montanha. Ela estava tão perto que, se saltasse, Tal poderia tocar a rocha. Mas ele não estava preocupado com isso. Toda a sua atenção estava voltada para encontrar o Códex.

— Cem! — gritou Milla.

— Lá está ele! — A voz de Tal era de alívio.

Estava apontando para uma cavidade logo à frente. Havia, ali, um retângulo de luz prateada que brilhava na escuridão.

Correram naquela direção. Tal deu um pulo, mas não conseguiu pegá-lo e caiu no chão. Antes que pudesse pular de novo, Milla usou suas costas e seus ombros como plataforma. Pulou para lá, na maior facilidade, e esticou um braço para ajudar Tal a subir.

— É esse o Códex? — perguntou ela, ofegante, apontando o bloco luminoso.

O retângulo prateado brilhou e surgiram letras em sua superfície. Tal leu aquelas palavras sem se dar conta.

*Sim, Eu sou o Códex. Peguem-me e corram! Corram! Corram! Corram!*

Tal agarrou um dos lados do Códex enquanto Milla segurava o outro. Olharam para baixo e perceberam que a Montanha ainda continuava a se erguer. Agora, precisavam pular de uma altura de, no mínimo, seis trechos, ou, então, esperar que a Montanha começasse a se abaixar

novamente. Mas isso seria pedir para ser esmagado no caminho de volta!

Pegaram o Códex e pularam.

Naquele exato momento, a Montanha se ergueu ainda mais.

Tal e Milla bateram no chão, com os joelhos e as mãos, e deixaram cair o Códex.

O ombro esquerdo de Tal doeu muito, e ele gritou.

— Aaah! Meu ombro!

— Vamos trocar de lado! — gritou Milla, dando a volta para segurar o Códex. — Use a mão direita. Não é tão pesado assim. — Deu uma olhada e percebeu que o braço esquerdo de Tal pendia bem mais baixo que o normal. Era óbvio que estava deslocado, mas não havia tempo para trazê-lo de volta ao lugar.

Tal engoliu um soluço e, cambaleando, passou para o outro lado. Não podia mover o braço esquerdo de jeito nenhum. Devia estar quebrado em vários lugares, ou qualquer outra coisa igualmente terrível. Mas bastou uma olhada para a imensidão de rocha sobre sua cabeça, para ele passar a mão direita por debaixo do Códex e levantá-lo.

— Vamos! Vamos! — gritou Milla. Recomeçaram a correr, desajeitados, carregando o Códex que era do tamanho de uma porta.

Estavam a meio caminho da luz do dia e da segurança quando o apito cessou. No mesmo instante, a Montanha parou de se erguer.

— Mais depressa! — gritou Milla.

Tal também gritou algo, embora não soubesse o quê. Cada passada era uma agonia para seu ombro, e mal conseguia segurar o Códex com a mão que estava boa.

Com um estrondo ensurdecedor, a Montanha começou a baixar. Ia descendo aos solavancos, com uma rapidez assustadora. Não era um relaxar-se, calmo e sereno, de volta ao próprio leito.

Tal viu Zicka na faixa de claridade que ia se estreitando lá na frente. O lagarto estava aos pulos, gritando alguma coisa. Adras e Odris também estavam gritando. Milla também. Todos gritavam.

Ouviram, então, a parte superior do Códex arranhar a rocha. Um som terrível, embora só tenha durado o segundo que eles levaram para se agachar ainda mais enquanto corriam.

Trinta trechos... vinte trechos... a parte superior do Códex arranhou de novo a pedra, e ele já estava quase na horizontal, e os dois não podiam se erguer sem bater com a cabeça... dez trechos, e estavam rastejando e gritando com a pressão da rocha em suas costas... cinco trechos... quatro trechos... suas roupas estavam raspando na pedra... dois trechos e, então...

## Capítulo 25

De repente, puseram a cabeça do lado de fora e os Pastores de Tempestades começaram a arrastá-los, junto com o Códex. Por um terrível segundo, pareceu que a Montanha tinha desabado sobre seus pés. E, afinal, estavam livres.

— Meu ombro, meu ombro! — exclamava Tal, meio chorando, meio rindo, pelo alívio de ter conseguido sair e pela dor que sentia no braço.

Milla se aproximou, pôs uma das mãos no seu ombro e, com a outra, agarrou seu braço.

— Ai! Não! — berrou Tal. — Já pedi desculpas! Não me torture...

Milla fez alguma coisa com ambas as mãos e ouviu-se um grande estalo. O braço de Tal tinha se encaixado de novo na articulação do ombro. Quase instantaneamente, a dor diminuiu e o local ficou apenas dolorido.

— Puxa! — disse Tal, experimentando mexer o braço. — Obrigado.

— Estava destroncado — disse Milla. Virou-se para Adras e agarrou fortemente um punhado de nuvem onde deveria ser seu peito.

— O que é que deu em você? — perguntou, furiosa, torcendo a carne-de-nuvem. — Por que parou de apitar?

— Não parei! — protestou Adras. — Continuei apitando, mas não saía nenhum som. Simplesmente parou!

— É verdade — disse Zicka.

Milla largou o Pastor de Tempestades e apressou-se em vestir de novo sua armadura. Tal notou que ela nem parecia estar sem fôlego. Mas ele sentia uma estranha alegria no coração. Era bom estar de novo com Milla, quando tinham de enfrentar coisas como escapar, estando debaixo de uma montanha que voltava a se assentar no chão.

— Temos que sair daqui — instou Tal, abaixando-se para pegar o Códex. Milla acabou de prender a bainha da espada no cinto e abaixou-se para ajudá-lo.

— Há quanto tempo será que ele estava lá embaixo? — disse Milla, segurando uma das pontas do Códex. Ele parecia um pouco maior do que debaixo da Montanha. Tinha certeza de que, lá, ele era mais fino e menor, embora continuasse quase tão largo quanto uma porta do Castelo.

Quando Milla disse isso, foram se formando letras na superfície do Códex, letras negras sobre a luminosidade prateada.

*22 anos, 23 dias, 14 horas, 3 minutos e 42 segundos.*

— O que ele está dizendo? — perguntou Milla.

Eram letras do alfabeto dos Escolhidos.

Enquanto Tal estava repetindo a resposta, as letras se transformaram no alfabeto dos Homens-do-Gelo. Milla ficou olhando para elas. Não sabia ler lá muito bem, mas não tinha problemas com números.

— Quem o pôs aí? — perguntou Tal.

*Dois dos Escolhidos trouxeram-me para cá. Julper Yën-Baren, do Quinto Nível da Ordem Anil,*

Tal ia começar a descrever o Espírito-Sombra que capturara seu irmão, Gref, e perguntar quem dentre os Escolhidos o comandava, mas Zicka passou à sua frente.

— Eu o saúdo, Poderoso Códex — disse ele. — Se tivesse que nos dar algum conselho agora, qual seria ele?

*Fujam. Aqueles que me puseram aqui estão vigiando. Precisamos voltar para o Castelo. Não devo ser recapturado pelos lacaios de Skerrako.*

— Skerrako? — perguntou Tal. Mas não teve resposta. Milla já havia erguido o lado que lhe cabia e, portanto, tinha de fazer o mesmo. Quaisquer que tenham sido as palavras surgidas na superfície do Códex, só os Pastores de Tempestades as viram, e nenhum dos dois sabia ler a escrita dos Escolhidos.

— Depressa! — ordenou Zicka. — Para o navio. Vou deixá-los o mais perto possível do Círculo das Pedras Enterradas.

O Códex parecia bem mais pesado que debaixo da Montanha, pensou Tal, enquanto o erguiam por cima da amurada para depositá-lo no convés. Talvez fosse porque, lá, eles estavam absolutamente apavorados.

Estavam de volta ao meio do rio quando ouviram o primeiro guincho terrível vindo da montanha.

Todos olharam para trás. Ainda havia muita poeira em volta da Montanha da Pedra Fria, mas dava perfeitamente para ver o que fizera aquele horrível ruído assustador.

A criatura estava voando em círculos acima da Montanha. Era uma coisa comprida e sinuosa, como uma cobra, com asas finas e longuíssimas que batiam tão depressa que ficavam quase invisíveis. Seu corpo era de um laranja brilhante, com listras negras e tinha um ferrão na ponta.

Tal viu aquilo e sentiu a boca seca. Sabia o que era. Tinha visto aquela criatura no jogo de Criaferas. Ela era parte inseto, parte réptil e podia ser jogada em indole, Velocidade ou Especial. Era uma Vêsborá.

Tal pensava que as Vêsboras fossem do tamanho de um homem, ou menores.

Mas aquela era maior que o navio.

De algum modo, sabia que ela tinha vindo investigar a elevação da Montanha da Pedra Fria.

Estava à procura do Códex.

Tal saiu correndo pelo convés, cobrindo a cabeça com o casaco.

Milla teve a mesma idéia. Segundos mais tarde, o Códex estava escondido pelos casacos. Tal se surpreendeu com o fedor e a sujeira de seu casaco. Estava tão acostumado com ele que nem se lembrava do cheiro que tinha. Tomara que o Códex não se importasse com isso.

Voltou a olhar para a Vêsborá. Ela estava voando em direção ao ponto por onde eles tinham entrado para chegar até o Códex. Ficou imaginando se podia farejá-los, ou seguir suas pegadas.

— É melhor nos apressarmos — disse Milla, muito séria. — Seja lá o que for isso, está procurando por nós.

— É uma Vêsborá — disse Tal. Estava se sentindo mal. — Não são muito espertas, mas podem lançar ácido de seu ferrão. Também ficam enlouquecidas quando estão lutando, e são

rapidísimas. Essa aí é gigante. Que eu saiba, elas são menores.

— Como reagem a relâmpagos? — perguntou Milla.

— Relâmpagos? — repetiu Tal. Sentiu-se um pouco melhor. Tinha esquecido os Pastores de Tempestades. — Não sei. Elas são meio cobra, meio inseto. Acho que morreriam.

— Ótimo — disse Milla, e foi falar com Odris e Adras.

Tal continuou olhando para a Montanha. Ficou aliviado ao ver a Vêsborá voltar a subir e desaparecer do mesmo lado de onde tinha vindo, ao invés de se lançar atrás deles.

Mas sabia que, em pouco tempo, algo os encontraria. Tinham que chegar ao Círculo das Pedras Enterradas e voltar para o Castelo. O medo e a preocupação com Gref eram maiores, agora, porque estavam bem perto. Assim que tivesse condições de desembrulhar o Códex, poderia fazer as perguntas que ardiavam em sua cabeça. Assim que o Códex respondesse, ele saberia quem estava mantendo Gref prisioneiro... e, talvez, o que tinha acontecido com o resto da família.

Meia hora mais tarde, chegaram ao ponto mais extremo que o navio podia alcançar, a sudeste. Depois de desembarcar o Códex, Zicka indicou em que direção ficava o Círculo das Pedras Enterradas e se despediu deles do convés do navio. Milla bateu os punhos cerrados diante do lagarto, em sinal de reverência, e Tal fez brilhar sua Pedra-do-Sol, embora de forma um tanto encoberta porque alguém podia estar observando à distância.

— Se algum dia vocês voltarem a Aenir — disse Zicka —, poderão ao menos ter notícias minhas num lugar conhecido como Canto dos Kurshkens. É lá que vive a maior parte do meu povo. Roquollollollahinanhbek e eu desejamos felicidades a você, filha de Danir, e a você, filho de Ramellan. Gostaria de conversar com esse seu Códex, mas sei que não é hora para isso. Nem agora, e nem nunca, suponho eu, pois nós, os Kurshkens, fizemos o juramento de nunca passar para o seu mundo. Adeus!

Sem nenhum sinal ou palavra do pequeno lagarto verde, o navio virou de volta para o rio e partiu. Tal e Milla responderam com um aceno e, em seguida, pegaram o Códex e começaram a andar.

Adras e Odris, seguindo as instruções prévias de Milla, voavam acima deles, a altitudes diferentes, atentos a tudo.

Tal e Milla não falavam enquanto caminhavam. Era um esforço carregar o Códex, mas não era por isso que tinham dificuldade de conversar. Nenhum dos dois sabia como romper a barreira que tinha se formado entre eles. A seu modo, ambos queriam fazê-lo, mas se continham em função do que eram e das mudanças pelas quais tinham passado. Tal não era mais realmente um garoto dos Escolhidos, nem Milla era uma Garota-do-Gelo. Mas não sabiam como estabelecer um novo entendimento, ou perdoar-se pelo que tinha acontecido.

Portanto, iam caminhando em silêncio, esforçando-se para avançar o mais rápido possível através da lama negra, de juncos esmagados e de súbitos poços de um metal negro em ebulição, que Milla chamava de Ghalt.

Finalmente, Tal avistou o que procurava. Chegaram ao topo de uma colina e, ali, no vale logo abaixo, havia um círculo de pedras. Um estranho círculo, pois as pedras estavam enterradas, deixando apenas as pontas de fora, o que fazia com que, à distância, parecessem grandes cogumelos.

— As Pedras Enterradas! — exclamou Tal, embora quase não tivesse fôlego para isso. Tinha

estado naquele local várias vezes e, numa delas, sua família tinha feito, ali, a passagem de volta ao Mundo Escuro. Estavam a um passo de poder escapar dali!

Antes que começassem a descer a colina, Odris chamou lá do alto.

— Cuidado! Atrás de vocês!

Tal e Milla apoiaram o Códex no chão e se viraram para olhar.

Primeiro, viram a Vêsbora. Mas ela não estava só. Quatro outras, menores, voavam com ela. E, no solo, havia praticamente um exército de criaturas que corriam, saltavam, galopavam e pulavam descendo a outra colina. Havia Vingageras, Borzogs, Filjits, e todo tipo de criaturas perversas.

Também havia um homem que corria no meio daquilo tudo, um homem usando a Túnica Violeta dos Escolhidos de alto nível, com Pedras-do-Sol que cintilavam em seu pescoço e em suas mãos.

— Vão nos pegar! — disse Milla, comparando rapidamente a distância existente entre as Vêsboras e eles, e entre eles e o círculo de pedras.

— Não — disse Tal. — Vamos voar. Odris! Adras!

Ergueu uma das mãos, mantendo o Códex bem seguro com a outra.

Milla também ergueu a mão, mas disse:

— Eu achava que nenhum Aenirano podia pôr as mãos no Códex.

— E não vão pôr — disse Tal. Ele já estava trincando os dentes, na expectativa de que seu ombro fosse ser destroncado outra vez. — Seguramos o Códex e os Pastores de Tempestades... Uau!

Os Pastores de Tempestades precipitaram-se para baixo e pegaram a ambos. O braço de Tal não se deslocou do ombro, mas a dor foi praticamente a mesma.

— Para o círculo de pedras! — gritou Tal. — Bem no meio! Depressa!

## Capítulo 26

Os Pastores de Tempestades puseram Milla e Tal no meio do círculo de pedras e voltaram, então, rapidamente para o céu. Tinham de estar acima da linha de ataque das Vêsboras, para usar seus relâmpagos. Os meninos colocaram o Códex no chão. Milla já ia pegando a espada e correndo para a borda do círculo, mas Tal não deixou.

— Não — disse ele. — Deite-se no chão, perto do Códex, e ponha sua Pedra-do-Sol no peito! Vou recitar o Caminho para o Castelo. Você deve repetir as palavras mentalmente e se concentrar nas cores.

— Não! — disse Milla. — Não vou... nem que você... aqui sozinho... para lutar.

— Eu também vou embora! — disse Tal. — Mas você tem de ir na frente. Você não conhece o Caminho.

Começou a trovejar acima de suas cabeças, e relâmpagos iluminaram o céu. Tal e Milla olharam naquela direção e viram as Vêsboras desmancharem sua formação e recuar, momentaneamente, enquanto Adras e Odris lançavam raios sobre elas.

— O Códex precisa voltar! — gritou Tal, para se fazer ouvir apesar dos trovões. — É a única maneira de encontrar Gref. Ebbitt saberá o que fazer com ele.

— Não posso abandonar um companheiro numa batalha — berrou Milla.

— Isso não é uma batalha! — gritou Tal ainda mais alto. Depois de quebrar a cabeça, tentando encontrar alguma coisa que efetivamente a influenciasse, balbuciou: — Por favor, Milla. Você tem de ir na frente. Pense no seu clã. Eles precisam da Pedra-do-Sol. Gref... Ebbitt... meu povo precisa do Códex. Seja lá o que for que esteja acontecendo, vai ser pior também para os Homens-do-Gelo. Um de nós tem de voltar.

Por um motivo ou por outro, funcionou. Milla concordou, definitivamente, e deitou no chão junto do Códex. Pôs a mão esquerda espalmada sobre ele e segurou a Pedra-do-Sol sobre o peito.

Tal lançou um olhar furtivo ao inimigo que se aproximava e, em seguida, inclinou-se perto de Milla. Ergueu sua própria Pedra-do-Sol e começou a recitar o Caminho para o Castelo.

Milla concentrou-se em suas palavras, fechando os ouvidos para os trovões e os urros e gritos distantes de seus perseguidores. Viu cores se irradiando de sua Pedra-do-Sol e banhando seu rosto. Como acontecera na última passagem, as cores provocavam diferentes sensações em sua pele.

O rosto de Tal foi desaparecendo à medida que as cores se espalhavam, e o céu mudou de cor. Mas, antes que o céu se toldasse inteiramente, Milla ouviu Odris gritando, por detrás das palavras que Tal estava recitando.

— Adras! Estou indo!

A Pastora de Tempestades desceu mais depressa que uma pedra, esticando uma de suas mãos de nuvem. Milla sentiu que ela a tocava um pouquinho antes de as cores brilharem mais intensamente e formarem um arco-íris.

Milla pestanejou e foi embora.

Tal ficou parado ali. Milla e o Códex tinham desaparecido, mandados de volta para o Castelo, de volta ao Mundo Escuro. Odris tinha ido com eles.

Adras ainda estava ali, disparando freneticamente seus relâmpagos sobre as Vêsboras. Mas, enquanto o Pastor de Tempestades rechaçava as criaturas voadoras, as outras já estavam na metade da colina mais próxima.

Tal sentiu um desejo quase irresistível de sair correndo. Milhares de criaturas terríveis estavam vindo atacá-lo. Todas elas estariam no círculo de pedras em um minuto, ou menos. Se ele se deitasse e tentasse fazer a passagem para o Mundo Escuro, elas poderiam alcançá-lo antes que conseguisse completar a fórmula mágica.

Mas, se corresse, iam alcançá-lo, com certeza.

— Adras! — gritou Tal no exato momento em que se deitou no chão. — Desça o máximo que puder!

Descobriu que estava tremendo, e nem conseguia manter a mão parada sobre o peito. Fitou a Pedra-do-Sol em seu dedo, mas não tentou tirar o anel. Sabia que, se o fizesse, o anel cairia.

Começou imediatamente a recitar o Caminho para o Castelo. Sua Pedra-do-Sol emitiu luz vermelha enquanto ele dizia as palavras, e a luz foi correndo como água através de seu peito, descendo até suas pernas.

Os trovões pararam e, agora, Tal podia ouvir uivos, gritos e guinchos que faziam seu coração bater mais depressa do que ele pensava ser humanamente possível. Esqueceu todas as dores e incômodos. Cada partezinha de sua mente estava concentrada na Pedra-do-Sol e nas palavras do Caminho.

Começou a recitar cada vez mais rápido, acrescentando as outras cores. Nunca tinha recitado a fórmula mágica tão depressa assim. Tinha medo de distorcer as palavras e ir parar sabe-se lá onde. Mas tinha mais medo ainda daquelas criaturas que, provavelmente, já estavam quase subindo em seu corpo indefeso.

O arco-íris foi se formando. Através daquele véu de imprecisão, Tal pôde ver Adras mergulhando em sua direção com um dos braços estendidos. Não conseguiriam fazer a passagem até que o Pastor de Tempestades tocasse nele, pois Adras possuía a sombra de Tal. Ele era uma âncora que o mantinha em Aenir.

Quando viu a forma indistinta de Adras precipitando-se para baixo, percebeu que uma Vêsbora de tamanho normal vinha voando na mesma direção. O Pastor de Tempestades e o monstro se encontraram bem acima de seu corpo. Adras esticou-se para tocar Tal com uma das mãos e, com a outra, acertar a Vêsbora. Nesse instante, a Vêsbora lançou ácido de seu ferrão.

O arco-íris de luz brilhou. Tal e Adras desapareceram.



Tal chegou gritando ao Mundo Escuro. O ácido estava queimando suas pernas. Tentou sentar-se para ver como elas estavam e bateu com a cabeça na lápide do túmulo. Tinha esquecido que havia deixado seu corpo no Mausoléu dos Escolhidos. O lugar parecera ser o mais seguro naquele momento.

Com o ácido queimando suas pernas e a cabeça doendo pela pancada, achou que escolher uma sepultura tinha sido a maior estupidez. Esticou-se para tentar fazer deslizar a lápide. Como sempre acontecia quando voltava de Aenir, sentia seu corpo pesado e lerdo.

— Isso é muito esquisito — disse uma voz em algum lugar debaixo dele. Tal tomou o maior susto, até entender quem era.

Era Adras, que tinha se tornado uma sombra.

Um braço-de-sombra bem fofo contornou o corpo de Tal e veio ajudá-lo a abrir a tampa. Mas a sombra atravessou a pedra.

— Você... você tem de se concentrar — disse Tal.

Sua voz estava estranha a seus próprios ouvidos. Ela também estava diferente do que era em Aenir. Ainda por cima, estava falando com os dentes cerrados para conseguir agüentar a dor que sentia nas pernas. — Para tornar sua carne-de-sombra forte o bastante para interagir com pedra ou carne.

— Como? — perguntou Adras, desolado.

— Não sei — sussurrou Tal. — Pense que ela está... sei lá... mais resistente. Imagine.

Adras voltou a se esticar e, desta vez, sua mão-de-sombra não atravessou a pedra. A lápide começou a se deslocar.

Tal reduziu a luz da Pedra-do-Sol e Adras disse:

— O que aconteceu? Sinto-me fraco.

— Fique quieto — sussurrou Tal. Ele não queria que alguém dos Escolhidos que pudesse estar no Mausoléu os ouvisse. — Agora, você é um Espírito-Sombra. Precisa de luz para ficar forte.

— Ah! — disse Adras. Mas exatamente como quando era um Pastor de Tempestades, ele não sabia falar baixo.

Tal fechou os olhos e tentou respirar mais devagar. Daqui a pouco, dizia para si mesmo, Ebbitt vai estar olhando para mim e vai usar sua Pedra-do-Sol para acabar com essa dor. Daqui a pouco. Tudo o que tinha a fazer era se concentrar na respiração.

— Tal! O que aconteceu?

Não era Ebbitt. Era Milla.

Tal abriu os olhos. Milla estava olhando para sua perna de onde ainda saíam filetes de fumaça ácida. Odris se agigantava atrás dela, um imenso Espírito-Sombra. Ainda tinha a aparência de uma Pastora de Tempestades, mas era menor do que quando estava em Aenir. O curioso era que, de vez em quando, pequenas fagulhas de sombra mais escura eram disparadas de Odris. Tal nunca tinha visto aquilo antes, num Espírito-Sombra.

— É ácido — sussurrou Tal. — Vêsbora. Vá chamar Ebbitt.

— Ele não está aqui — disse Milla. — Deixou um bilhete para mim, mas não consigo lê-lo. Tem um para você também.

Tal ergueu um pouco a mão e gemeu. Junto de sua mão direita, havia um pergaminho enrolado. Mas, no estado em que estava, não conseguia sequer pegá-lo ou tentar lê-lo.

— Magia de Cura — disse ele, sempre sussurrando. — Use a Pedra-do-Sol.

— Não sei fazer isso — disse Milla. E olhou de novo para a perna dele. O ácido tinha atravessado as perneiras de pele e corroído a carne por baixo delas.

No Gelo, sua perna teria de ser cortada e o coto, cauterizado, a menos que houvesse um excelente curandeiro por perto.

— Pergunte ao Códex — murmurou Tal.

E desmaiou.

Milla ficou olhando aquela perna por algum tempo ainda, levantando a perneira de pele. Voltou, então, para o túmulo de onde acabara de sair. O Códex ainda estava lá dentro. Ele tinha alterado sua forma, para caber ali. Agora, estava mais estreito e mais comprido. Mas, como Milla supunha, continuava tão pesado quanto antes, e ela precisou usar toda a sua força para erguê-lo de lá e colocá-lo de pé perto da sepultura onde estava Tal.

Ainda por cima, era uma operação barulhenta. Quando conseguiu pôr o Códex de pé, Milla olhou em volta para ter certeza de que o ruído não tinha chamado a atenção de ninguém. Mas o amplo aposento estava em silêncio. As minúsculas Pedras-do-Sol acima deles continuavam cintilando como as estrelas de Aenir que elas imitavam. Nenhuma luz mais brilhante se acendeu subitamente. Tampouco havia qualquer movimento em meio às fileiras e mais fileiras de estátuas de Espíritos-Sombra que enfeitavam as sepulturas.

— Odris — disse Milla bem baixinho —, fique de olho naquela porta ali. Você, Adras, vigie o portão principal.

Odris se virou para a porta. Adras se esticou ao máximo, umas três vezes o tamanho de Milla, e disse:

— Por que faria isso?

— Porque Milla mandou — ordenou Odris, rispidamente. — E pronto!

Adras bufou. Um minúsculo relâmpago de sombra escura saiu de seu nariz, fazendo-o rir.

Milla ignorou-o e voltou-se para o Códex. Ficou olhando para ele um bom tempo. Achava que se lhe pedisse para ensinar o que fazer para curar ferimentos com sua Pedra-do-Sol, estaria se afastando ainda mais da possibilidade de se tornar uma Donzela Guerreira. Ou até mesmo uma Mulher-do-Gelo.

Por outro lado, havia toda a complexa teia de dívidas que ela tinha para com Tal, e vice-versa.

— Preciso usar minha Pedra-do-Sol para curar uma queimadura por ácido — disse ela. — Ensine-me como fazer isso.

A superfície prateada do Códex ondulou, mas nenhuma letra apareceu.

— Fale comigo — disse Milla. Deu umas batidinhas na superfície do Códex com os nós dos dedos.

Ela era fria, como o Gelo, mas não deixava marcas nem provocava qualquer efeito.

— Ordeno que me diga o que fazer!

O Códex tremeluziu, mas não apareceu palavra nenhuma.

— Por que você não responde? — disse Milla, e a frustração tornava sua voz dura.

Desta vez, surgiram runas dos Homens-do-Gelo, símbolos escuros que despontaram na superfície de prata como se viessem bem lá do fundo.

*Porque você não fez perguntas. Você precisa me fazer perguntas.*

— Como devo usar minha Pedra-do-Sol para curar uma queimadura por ácido? — perguntou Milla.

*Veja e aprenda.*

As runas desapareceram e começou a se formar uma imagem. Parecia tão real que, por um momento, Milla pensou que fosse mesmo. Mostrava uma Garota-do-Gelo segurando, no alto, um anel de Pedra-do-Sol. Ela levou mais um segundo para compreender que aquela, na imagem, era ela.

Apareceram mais runas sob a figura. Elas lhe diziam o que fazer e a imagem de Milla fez o que as runas mandaram. Então, Milla imitou a imagem. Quando alguma coisa saía errado, porque ela não tinha lido as runas corretamente, a imagem repetia o que devia ser feito até que ela conseguisse fazer tudo certo.

Demorou um pouco. Algumas vezes, Milla precisou parar o Códex para testar em Tal. Ele estava inconsciente, mas o ferimento não sangrava. O ácido parecia ter lacrado seus vasos sanguíneos, o que era uma pequena demonstração de misericórdia.

Finalmente, Milla estava pronta. Olhou para Tal e ergueu a Pedra-do-Sol. Lentamente, convocou um Raio Azul de Cura. Ele tinha que ter a tonalidade e a densidade exatas, mas ela havia memorizado direitinho. Parecia estar certo.

Franzindo as sobrancelhas e formando, na testa, sulcos tão profundos como nunca havia feito antes, Milla lançou o Raio Azul sobre o ferimento. Os pontos em que tocava iam assumindo uma aparência mais suave e, logo, saravam. A carne começou a se recompor.

Milla manteve a emissão do Raio Azul e começou a construir um segundo raio, o Raio Amarelo da Reposição. Esse era sem dúvida o mais difícil. Poria uma camada de luz sobre o Azul, criando, ali, ossos, músculos, nervos e vasos sanguíneos artificiais, que funcionariam como substitutos temporários, até que os verdadeiros se recompusessem.

O Raio Amarelo ia se movendo, para frente e para trás, repondo lentamente a carne destruída, camada a camada.

Afinal, terminou. Milla deixou que a luz voltasse para o interior da Pedra-do-Sol e soltou um profundo suspiro de alívio. Só então percebeu que Tal estava acordado, olhando para ela.

— Obrigado — disse ele. — Ótimo trabalho. Você tem jeito para curar.

— Sou uma guerreira — replicou Milla e, por um instante, Tal pensou que ela estivesse ofendida.

Mas ela prosseguiu, dizendo:

— Curar também é um atributo de um verdadeiro guerreiro. Embora isso seja mais comum entre Cavaleiros da Espada que entre Donzelas Guerreiras.

Tal se sentou e, com todo cuidado, examinou a perna. Estava doendo até os ossos, um pouco

como uma desagradável dor de dentes, profunda e constante. Mas podia usar a perna, se tomasse cuidado.

Adras veio ajudá-lo a sair dali. Era estranho sentir de novo uma carne-de-sombra amigável, pensou Tal. Não sabia bem por que, mas o contato de Adras não era desagradável e meio pegajoso, como acontecia com outros Espíritos-Sombra.

— Você não disse que Ebbitt tinha deixado um bilhete? — perguntou Tal. Milla estendeu o pergaminho que estava em seu túmulo e apanhou o outro dentro do túmulo de Tal. Logo perceberam que eram iguais. Tal leu em voz alta para que Milla e os Espíritos-Sombra soubessem o que continha.

*Caras crianças, alguém está achando que me tornei um perigo, pois certos Espíritos-Sombra tentaram me farejar. Para desviá-los de vocês e de mim mesmo, fui parar bem, bem, bem, bem, bem mais e mais abaixo de meu domicílio habitual. Venham me encontrar aqui, se puderem. Se tiverem o Códex, tragam-no com vocês. Não confiem em ninguém, mas em ninguém mesmo. Exceto em mim, é claro. Encontrei um corredor do Povo Inferior que sai do Mausoléu e leva a uma das escadarias principais. Por esse caminho, vocês devem ter poucos problemas. A menos que eu tenha sido apanhado passando por ele; neste caso, vocês terão muitos problemas. Mas, então, todos teremos problemas.*

*Afetuosamente, E.*

— Isso é típico de Ebbitt! — gemeu Tal.

— Para onde ele foi? — indagou Milla. — Não estou entendendo.

— Para o Sétimo Nível do Povo Inferior — disse Tal. — Acho que é isso que ele está querendo dizer.

Abanou a cabeça.

— Mas não vou descer até lá. Tenho que salvar Gref. Esta foi a principal razão para recuperar o Códex em primeiro lugar!

— Acho que devíamos levar o Códex para Ebbitt — disse Milla. — Ele não pode cair nas mãos de... nossos inimigos.

— Não! — exclamou Tal. — Preciso salvar Gref!

O esforço para falar o fez empalidecer ainda mais.

Apesar da Magia de Cura da Pedra-do-Sol, ele continuava fraco.

Milla não respondeu, mas estreitou os olhos ao olhar para ele.

— Aliás, o que você quer dizer com nossos inimigos? — perguntou Tal.

— Agora que sei muito mais coisas, acho que há Escolhidos maus... e estúpidos. Os estúpidos não têm a menor importância. Seus inimigos são os maus, e eles também são inimigos dos Homens-do-Gelo.

— Ah, sei — disse Tal, mas, para Milla, estava claro que ele não queria pensar em nada, a não ser em encontrar Gref.

Ele estava olhando para o Códex enquanto falava. Milla percebeu e disse:

— Você tem que lhe fazer perguntas. Senão, ele não diz nada.

Tal assentiu e, lentamente, foi se encaminhando para o estranho artefato prateado. Parecia um pouco um espelho, apoiado no túmulo. Mas sua superfície prateada não refletia nada.

Tal levou um momento para formular uma pergunta. Tudo aquilo parecia ter acontecido há tanto tempo. Gref escalando a Torre Vermelha, atrás dele; o Espírito-Sombra aparecendo para apanhá-lo e trazê-lo de volta para dentro...

— Quem dentre os Escolhidos é o Senhor de um Espírito-Sombra em forma de Borzog? — perguntou Tal.

Formaram-se palavras na superfície do Códex. Uma grande lista de nomes de Escolhidos foi passando, até que parou e um nome ficou cada vez maior.

*Nilhir Jerel-Orim, do Terceiro Grau da Ordem Vermelha.*

— Onde ficam os aposentos de Nilhir Jerel-Orim do Terceiro Grau da Ordem Vermelha? — perguntou Tal. Não sabia se o Códex podia responder a esse tipo de pergunta, mas valia a pena tentar.

O Códex respondeu de imediato, por meio de um mapa com legendas claras. Como era de se esperar, os aposentos de Nilhir ficavam nos Níveis Vermelhos. Mas, estranhamente, o Códex também mostrou que ele tinha um quarto na Ala Branca, que havia sido abandonada — bem perto da Câmara dos Pesadelos.

Era lá que deviam estar mantendo Gref, pensou Tal. Só podia ser. Olhou bem o mapa, para memorizar a localização daquele quarto.

## Capítulo 29

— Não é sensato tentar resgatar seu irmão agora — disse Milla, calmamente. — Você deve levar o Códex para Ebbitt. E, então, vou embora para o Navio em ruínas.

Ela não mencionou o Gelo. O não-dito ficou, ali, pairando entre eles.

— Não — teimou Tal. — Preciso resgatar Gref! É isso que importa! Preciso proteger minha família. Foi o que meu pai...

— Você não perguntou nada sobre ele — disse Milla, subitamente.

Seus olhos perceberam um movimento e ela se virou, levando a mão à espada. Mas eram apenas Adras e Odris, tentando se habituar com seus novos corpos de sombra. Já tinham aprendido a se tornar mais sólidos e, inversamente, a passar através da pedra. Agora, estavam praticando lançamento de relâmpagos-de-sombra. Por sorte, à diferença dos verdadeiros, estes não eram acompanhados por trovões. Milla fez um gesto vago, indicando as portas. Eles entenderam a mensagem e reassumiram suas funções de vigilância.

— É verdade — disse Tal, baixinho. — Não perguntei nada. Tenho... medo da resposta.

Milla assentiu, mas, na verdade, não entendia direito. Seus pais tinham morrido há muito tempo.

— Acho que deveria — acrescentou Tal. Mas não fez nenhum movimento neste sentido.

— Cometi erros demais — disse Milla. — E os erros são meus, já que não acredito que tudo seja comandado a partir de algum grande Calculador, e que eu seja apenas uma peça no tabuleiro. Devia ter voltado para o Navio em ruínas assim que consegui uma Pedra-do-Sol. Não devia ter feito a passagem para Aenir...

— Eu sei, eu sei — interrompeu Tal. — Sinto muito, mesmo...

— Você não está entendendo — prosseguiu Milla. — Decidi que um erro a mais ou a menos não fará diferença. Vou ajudá-lo a resgatar seu irmão. Mas temos que esconder o Códex aqui. E não podemos ficar andando pelo Castelo assim, desse jeito. E também preciso comer e beber.

— Podemos conseguir roupas, comida e tudo o mais numa loja do Povo Inferior — disse Tal. — Estamos no meio da noite. Portanto, se conseguirmos nos deslocar principalmente pelos corredores incolores do nível intermediário, poderemos chegar aonde acho que estão mantendo Gref prisioneiro. É... é perto da Câmara dos Pesadelos...

Milla deu de ombros. À diferença de Tal, ela não achava que a Câmara dos Pesadelos fosse um lugar particularmente assustador. Tinha provado ser imune às Máquinas de Pesadelos, chamando as Matriarcas para protegê-la.

— Espero que apanhemos Fashnek sozinho — disse ela, referindo-se ao terrível guardião da Câmara dos Pesadelos.

— Tanto faz — disse Tal, dando de ombros. — Acho que podemos enfrentar qualquer tipo de luta.

— Então, vamos — disse Milla. — Primeiro, vamos comer e, depois, lutamos... ou conseguimos passar despercebidos.

— Temos de esconder o Códex — disse Tal. Dirigiram-se até ele. Tal começou a levantá-lo, mas Milla não se mexeu.

— Você tem que perguntar — disse ela. — Senão, essa pergunta vai ficar assombrando os seus sonhos.

Tal concordou. Queria, desesperadamente, saber se seu pai estava vivo, mas também temia, desesperadamente, que o Códex lhe dissesse que ele estava morto.

— Pergunte — insistiu Milla.

Tal juntou as mãos, formando um arco, e esfregou o nariz. Depois, estalou as juntas da mão esquerda. Finalmente, formulou a pergunta, com voz rouca.

— Códex. Rerem Abitt-Erem ainda está vivo?

Tal perdeu o fôlego quando as letras vieram subindo à superfície. A princípio, não entendeu a resposta. Estava esperando um simples sim, ou não.

O que leu foi Nem vivo, nem morto.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Tal, ansiosíssimo.

Nem vivo, nem morto. Tal abanou a cabeça.

— O que ele disse? — perguntou Milla. Mais uma vez, antes que Tal pudesse responder, o Códex forneceu uma tradução nas runas dos Homens-do-Gelo.

— Códex. Onde está Rerem Abitt-Erem? — perguntou Tal.

*Na Torre Laranja. Acima do Vêu.*

Tal ficou estarelecido. Seu pai não podia estar lá! Não havia nada lá, a não ser as redes de Pedras-do-Sol.

— Como... como ele pode estar nem vivo, nem morto?

*Ele é o Guardião da Grande Pedra Laranja. A Grande Pedra foi violada e, portanto, seu Guardião não pode viver. Até que, ou a menos que a Grande Pedra Laranja volte a ser lacrada, ele não deve viver. Se a Grande Pedra for lacrada, seu Guardião voltara a viver.*

— Não estou entendendo — disse Tal. O que seria essa Grande Pedra Laranja?

Ja fazer outra pergunta quando Odris veio correndo, deslizando por entre os túmulos, gritando, num tom de voz que ela imaginava ser um sussurro.

— Pessoas e sombras! Muitas delas vêm vindo!

Tal e Mula não pensaram duas vezes. Pegaram o Códex e enfiaram-no dentro do túmulo. Ele ajustou seu formato quando os meninos o empurraram lá para dentro e puxaram a pesada lápide de pedra de volta para seu lugar.

O garoto dos Escolhidos e a Garota-do-Gelo correram, então, para a saída do Povo Inferior, onde trabalhavam os escultores-auxiliares. Segundo Ebbitt, havia uma outra forma de sair dali.

Tinham acabado de sair do Mausoléu quando apareceu uma multidão de Escolhidos. O velho aposento ficou repleto de luz e muitos Espíritos-Sombra de verdade vieram deslizando, misturando-se com as sombras projetadas pelas estátuas das sepulturas dos Escolhidos.



## Capítulo 30

Milla teve de tirar Tal de perto do Códex. Não por causa da perna ferida, que fazia com que andasse mais devagar. Mas por causa das notícias de seu pai. Como ele podia estar na Torre Laranja? O que significaria ser “Guardião da Grande Pedra Laranja”?

Como dissera Ebbitt em sua carta, Milla encontrou uma pequena porta nos fundos do ateliê usado pelos entalhadores do Povo Inferior. Dalí, por uma estreita passagem, chegava-se a um dos corredores comuns do Povo Inferior. Como todos os demais, ele era apenas fracamente iluminado por minúsculas Pedras-do-Sol de baixa potência.

A essa altura, Tal já tinha se recuperado o suficiente para ir na frente. Estava tão perturbado com as revelações do Códex que nem se importava de admitir, para Milla, que, na verdade, sabia muito pouco sobre os corredores e o comércio do Povo Inferior.

Entretanto, conseguiu achar o caminho para alguma coisa que realmente conhecia: a rampa da lavanderia que seus amigos e ele usavam como atalho para passar de um nível a outro. E, onde havia rampas de lavanderia, havia lavanderias. Roupas sujas, mas, para Tal, o que os Escolhidos consideravam sujo agora parecia limpo, depois de ter usado por tanto tempo aquelas peles nojentas.

Tal decidiu jogar todas aquelas roupas dos Homens-do-Gelo numa cesta, e vestiu o uniforme básico das crianças dos Escolhidos, composto de calça e camisa brancas, embora esta tivesse punhos e colarinho azuis, que não condiziam com seu nível.

Milla, porém, pôs um vestido de senhora sobre a armadura e as peles. Era um saco enorme, de um amarelo vivo, com minúsculos fragmentos de Pedra-do-Sol em volta da bainha. Depois, estragou o vestido, rasgando um bom pedaço de cada lado, para poder correr.

Seguindo instruções de Tal, Adras e Odris fizeram uma parede opaca entre os dois, enquanto eles se trocavam. Não que Milla se preocupasse com isso. Mas os Escolhidos desaprovavam a nudez e Tal não tinha assimilado inteiramente os costumes dos Homens-do-Gelo.

Convenientemente disfarçados, apressaram-se em tomar um dos corredores incolores e, depois, várias outras passagens do Povo Inferior. Por algum tempo, Tal ficou meio perdido, e eles acabaram encontrando diversas pessoas do Povo Inferior, todos empurrando carroças com comida, roupas ou outros produtos feitos em seus locais de trabalho, bem mais abaixo. Mas, sempre que alguém do Povo Inferior se aproximava, Tal mandava Adras e Odris se agigantarem, e os criados desviavam os olhos e apressavam o passo, assustados. Os Pastores de Tempestades eram, sem dúvida, os maiores Espíritos-Sombra que Tal já tinha visto, à exceção de Sharrakor, o Espírito-Sombra da Imperatriz. Também eram esquisitos, embora não particularmente assustadores, como era o caso de certos Espíritos-Sombra com garras e presas. Adras e Odris mais pareciam uns gigantes fofos, mas só seu tamanho já bastava para intimidar.

Foi então que Tal compreendeu, não sem amargura, que, afinal de contas, tinha conseguido um Espírito-Sombra poderoso, o que, provavelmente, lhe teria valido uma promoção automática para a Ordem Amarela ou, quem sabe até para a Azul. Só que não tinha conquistado Adras como teria feito um autêntico membro dos Escolhidos. Tinha infringido a lei e ido a Aenir. Tinha dado uma Pedra-do-Sol e um Espírito-Sombra a alguém que não era dos Escolhidos.

Estranhamente, porém, não estava preocupado com aquilo. Estava, isto sim, ficando cada vez mais ansioso a respeito de Gref. O que estariam fazendo com ele, lá longe, num aposento afastado onde nenhum membro dos Escolhidos ou do Povo Inferior ouviria um pedido de

socorro... ou um grito?

— E agora? — perguntou Milla, interrompendo seus pensamentos. Tinham chegado a um entroncamento. O corredor se bifurcava, para a direita e para a esquerda, mas também havia uma passagem para um dos níveis Laranja. Laranja 6, como Tal pôde ver pela disposição das Pedras-do-Sol no teto.

Bem perto de casa. Sua mãe não estava longe, em seu leito de doente. Perdida e sonhando. Também queria vê-la.

— Para onde vamos? — repetiu Milla.

Tal apontou o corredor à esquerda. Sua mão tremia tanto que não conseguia controlá-la.

Tinham que percorrer a corredor do Povo Inferior até alcançar o andar mais alto da Ordem Vermelha e, de lá, chegar à Ala Branca.

Levaram ainda algumas horas caminhando porque tinham de cruzar praticamente todo o Castelo, de um lado a outro. Quando começou a amanhecer, os corredores do Povo Inferior foram ficando mais movimentados, e Tal tinha certeza de que alguns olhavam para eles, mesmo quando baixavam a cabeça. Mas não estava preocupado com o Povo Inferior. Eles nunca falavam com os Escolhidos, a não ser quando estes lhes dirigiam a palavra. Provavelmente iriam comentar, depois, sobre aqueles estranhos Escolhidos e seus enormes Espíritos-Sombra.

Milla não era da mesma opinião. Alguns membros do Povo Inferior pareciam bem inteligentes e ela tinha certeza de que iriam contar para alguém. Contentava-se, porém, em lançar um olhar feroz a quem quer que ousasse pôr os olhos nela. Tinha esperanças de que isso fosse fazê-los pensar duas vezes antes de falar dela.

A Ala Branca era diferente do resto do Castelo. Abandonado há muito tempo, o lugar era mais frio, mais escuro e muito menos limpo. Levantou poeira do chão enquanto Tal estava passando por um corredor, embora houvesse saguões e outros corredores que parecessem mais frequentados.

Afinal, chegaram a um saguão, amplo e frio, em cujo teto abobadado não brilhava sequer uma Pedra-do-Sol. As partes mais altas estavam inteiramente no escuro e a única iluminação provinha de três corredores que desembocavam ali, nas faces sul, leste e oeste.

Tal olhou para todos os lados, desconfiado, mas não viu nada que justificasse a ausência de luz, a não ser os defeitos habituais da Ala Branca. Uma vez que nenhum dos Escolhidos vivia ali, ninguém se incomodava em trocar as Pedras-do-Sol ou mandar o Povo Inferior para a limpeza.

— O quarto fica do outro lado deste saguão — disse Tal, mostrando uma porta na face norte. Falou baixinho, mas sua voz ecoou no aposento. — Um ótimo lugar para uma prisão, acho eu. Ninguém viria aqui por acaso.

— Pode ser uma armadilha — disse Milla, desconfiada. Passou os olhos pelo saguão escuro, observando os outros dois corredores iluminados e as pegadas na poeira diante deles. Infelizmente, não entendia muito de pegadas na poeira ou na pedra.

Eram de gente... mas isso era tudo o que podia dizer.

— Talvez — disse Tal. — Mas Gref está ali e preciso libertá-lo.

— Deve haver guardas em algum lugar. — Milla sacou a espada de chifre de Merwin. Tal percebeu que seu brilho já não era o mesmo. Os chifres de Merwin iam se apagando, lenta mas inexoravelmente, depois de arrancados da cabeça do animal onde haviam crescido.

Tal fez sua Pedra-do-Sol emitir uma luz suave e avançou, mancando.

— Adras. Vá na frente.

Adras obedeceu sem fazer perguntas, e Tal ficou muito agradecido por isso. O Pastor de Tempestades não estava fadado a obedecer já que se havia ligado a Tal por livre e espontânea vontade.

Com isso, Tal ainda tinha infringido mais uma lei dos Escolhidos, ao trazer Adras consigo para o Castelo.

— Às vezes, algumas leis precisam ser infringidas para a proteção de outras, mais importantes — murmurou Tal. Ouvira aquilo em algum lugar, embora tivesse a desagradável sensação de que a frase fora dita por seu inimigo, o Mestre-das-Sombras Sushin.

Estavam, agora, no meio do aposento e a luz dos corredores foi ficando fraca e distante. Milla continuava olhando para todos os lados, na expectativa de que fossem surgir guerreiros, vindos de algum alçapão ou passagem secreta.

Mas nada disso aconteceu. Atravessaram o saguão e pararam diante da porta que, segundo o Códex, seria a entrada para a prisão de Gref.

A porta parecia bastante normal. Como a maioria das portas do Castelo, esta era feita de finas folhas de metal presas numa moldura por várias fileiras de tachas igualmente metálicas. Havia uma longa maçaneta, de bronze polido.

— Adras — disse Tal —, você consegue abrir esta porta?

Adras fez um muxoxo. Adiantou-se, e virou a maçaneta. Mas a porta não se moveu.

— Não — disse o Espírito-Sombra.

— Quero dizer, arrombá-la ou, então, passar através dela para abri-la por dentro.

— Deixem que eu faço isso — disse Odris. Ela se deitou, ficou mais translúcida e deslizou por debaixo da porta. Segundos mais tarde, estava de volta.

— Está trancada pelos dois lados — disse ela. — Não sei como. Não há nenhuma fechadura.

— Gref... um menino... está aí dentro? — perguntou Tal, na maior ansiedade.

— Tem alguma coisa num canto — disse Odris. Ela parecia desconcertada. — Não sei ao certo...

O que quer que ela fosse dizer foi interrompido, pois Adras tornou-se o mais sólido que pôde, e arremessou-se de encontro à porta. Ela se despedaçou em centenas de folhas de metal enquanto o Espírito-Sombra ia passando, arrastando consigo moldura quebrada, folhas e dobradiças.

— Nem fez tanto barulho assim — disse Tal, esperançoso.

Mal tinha acabado de dizer isso, uma sirene estrondosa começou a soar acima de suas cabeças, ecoando por todo o saguão. Estarrecidos, Tal e Milla olharam para um nicho oculto acima da porta. Ele continha uma Pedra-do-Sol que vibrava e um complexo sistema de tubos desembocando num tubo enorme que se abria como uma flor na extremidade.

— Um alarme! — exclamou Tal, praguejando. — Exatamente como no Lectorium.

— Eu sabia que era uma armadilha! — gritou Milla.

Mas Tal não a ouviu. Correu sala adentro, atrás de Adras, fazendo retinir as folhas de metal

sob suas botas.

O aposento não era grande. Não havia cama, nem qualquer móvel que fosse. Uma única Pedra-do-Sol, de médio porte, brilhava no teto.

Mas Gref estava lá. O menininho estava pendurado num estranho casulo de sombra, a um canto da peça. Tal podia ver seu rosto, relaxado como se estivesse dormindo. Mas todo o resto de seu corpo estava enrolado num invólucro de escuridão.

Quando Tal se adiantou para ver mais de perto, a sombra se moveu. Gref foi escorregando, até ficar esparramado no chão. A sombra se sacudiu e assumiu uma forma que tanto Tal quanto Milla reconheceram.

Era um Musgabração. Um Espírito-Sombra Musgabração. Uma sombra independente, já que não havia sinal de seu senhor.

Tal recuou, erguendo seu anel de Pedra-do-Sol.

Sabia que precisava atingi-lo com um raio antes que a criatura se enrolasse nele. Mas Gref estava exatamente atrás dela.

Adras não foi tão cauteloso. Lançou um rugido e avançou, agarrando o Musgabração por uma de suas pontas de sombra. Instantaneamente, ele se enrolou naquele braço possante e começou a apertar.

— Odris! — gritou Adras.

Tal e Milla se jogaram para os lados quando Odris irrompeu quarto adentro. A Pastora de Tempestades agarrou outra ponta do Musgabração.

E, então, começaram ambos a puxar.

Tal passou por baixo daquele cabo-de-guerra e foi rastejando até onde estava Gref. Seu irmão ainda não tinha despertado. Tal pôs a mão em seu rosto. Estava frio, frio demais para ser normal.

Pegou a mão de Gref.

Ela pendeu, mole e sem vida.

Pôs, então, o ouvido perto da boca do garotinho, esperando sentir um mínimo sinal de respiração.

Mas não sentiu nada.

Tal foi se levantando lentamente. Sentia-se como se tivesse milhões de anos, e estava tão cansado que gostaria de dormir ali mesmo, para só acordar quando tudo houvesse voltado ao normal.

Mas nada voltaria ao normal. Nunca mais.

Gref estava morto.

## Capítulo 31

O ruído dos Espíritos-Sombra lutando e o alarme disparado desvaneceram-se. A luz diminuiu. Tal ficou fitando o corpo inerte de seu irmãozinho com os olhos distantes, fixos, incapazes de piscar.

Atrás dele, os dois Pastores de Tempestades urraram quando o Musgabraço se rasgou ao meio com um guincho pavoroso. Adras e Odris pegaram, então, as duas partes e continuaram a rasgá-las, primeiro ao meio e, depois, em fragmentos de sombra cada vez menores. Os pedaços iam caindo e rolando pelo chão pois não podiam agarrar-se a algo ou fazer o que quer que fosse. Uns poucos tentaram se recompor, mas acabaram rasgados em pedacinhos ainda menores pelos furiosos Pastores de Tempestades, que osafiaram em rachaduras das paredes.

O alarme continuava a soar a intervalos regulares de poucos segundos. No silêncio entre eles, podiam-se ouvir gritos ali perto. Ordens transmitidas aos berros. Não era a reação de surpresa dos Escolhidos. Milla se ajoelhou ao lado de Gref.

— Ele está morto, Milla — disse Tal, lentamente. — Morto.

Bem depressa, Milla tocou a garganta de Gref com dois dedos, num ponto abaixo do maxilar. Ficou com os dedos ali enquanto dizia a Tal, em tom de urgência:

— Vêm vindo guardas pelos corredores sul e leste.

Tal não respondeu. Tinha fracassado, total e absolutamente. A vida de Gref era o preço de seu fracasso.

— Precisamos tentar o corredor oeste e lutar para escapar, se for preciso — declarou Milla. — Agora, antes que eles reúnam toda a sua força.

— Não posso... não posso deixar Gref aqui — disse Tal, atordoado. Não conseguia pensar no que deveria fazer, mas não podia simplesmente sair correndo. — Você...

De repente, Milla se aproximou ainda mais de Gref e pressionou aquele ponto com mais força.

— Ele não está morto!

Tal não podia acreditar no que acabara de ouvir.

— Ele não está morto — repetiu Milla. — Está doente... ou envenenado. Venha!

Tal se curvou e tentou levantar Gref, mas sua perna não agüentou. Milla já tinha se virado para sair, mas olhou para trás e gritou:

— Mande Adras carregá-lo, seu idiota! Prepare a Pedra-do-Sol para lutar!

— Tome cuidado com ele — disse Tal a Adras. — Muito cuidado.

Adras pegou o menino nos braços com toda delicadeza e se abaixou para passar pela porta. No momento em que se inclinou, todo o vão da porta se iluminou, bem como o pulso de Gref. O Pastor de Tempestades recuou, cambaleando, e olhou para Tal.

— Não posso passar — disse o Pastor. — Tem alguma coisa me impedindo.

Tal viu o que era. Era uma pulseira presa ao pulso de Gref. Uma pulseira com Pedras-do-Sol. Observou-a cuidadosamente. Todas as Pedras-do-Sol eram bem pequenas e tinham sido dispostas de modo a criar determinado efeito.

A prisão de Gref era obviamente mais segura do que Tal tinha imaginado. A menos que ele conseguisse tirar aquela pulseira — e era uma peça inteiriça — ou desativar o encantamento, Gref não poderia sair dali.

Milla olhou para trás, para ver o que os retinha ali.

— Venham! — disse ela. — Agora também já há guardas no corredor oeste! Vamos ter de atacar e abrir caminho à força!

— Não estou conseguindo tirar Gref daqui — gritou Tal.

— Então, deixe ele aí!

Tal olhou para as Pedras-do-Sol instaladas no vão da porta. Havia seis delas, todas bem enterradas na pedra. Teria que arrancar todas elas para anular o encantamento. Isso levaria muito tempo.

— Ponha ele no chão — disse Tal, embora tenha engasgado ao dizer aquilo. E indicou o lugar. — Com cuidado.

Adras pôs Gref de volta ao chão, no canto da peça.

— Vá! — disse Tal.

Mas ele próprio ainda ficou ali por um momento. Ergueu seu anel de Pedra-do-sol e ela emitiu um raio azul e quente que cortou a pedra. Com alguns movimentos precisos, Tal entalhou seu nome na parede, com letras de um trecho de altura.

Era uma mensagem para Gref, caso ele acordasse. Agora, Tal estava indo embora.

Mas voltaria.

Lá fora, no saguão, Milla já estava correndo para a entrada do corredor do lado oeste, e Odris ia logo atrás.

Adras desafiou os Espíritos-Sombra que vinham surgindo, aos montes, pelos corredores a leste e ao sul, tendo seus senhores bem atrás de si.

— Morram, sombrinhas! — trovejou Adras. Relâmpagos de sombra faiscavam, saindo de suas mãos, e ele se esticou até ficar com mais de quatorze trechos de altura. Por um momento, o próprio Tal ficou assustado, e entendeu por que os guardas estavam se aproximando tão lentamente. Nenhum deles — e tampouco seus Espíritos-Sombra — queria ser o primeiro a enfrentar o que quer que fosse aquilo.

Para reduzir ainda mais a disposição deles, Tal ergueu a Pedra-do-Sol e se concentrou nela. Uma luz vermelha se acendeu em sua parte mais profunda, e Tal a convidou a vir até a superfície. Lançou, então, um grito de guerra e esticou a mão.

A Pedra-do-Sol disparou um Triplo Raio Vermelho da Destruição que foi cortando a escuridão do aposento, de início, todos juntos, depois, separados, atingindo pedra, sombra e carne. Saltaram lascas de pedra, voaram pedaços de sombra, e guardas gritaram de dor.

Tal saiu correndo, pois foram disparados raios em resposta. Já estava olhando em outra direção quando brilhou um súbito clarão de luz branca e ele sentiu seu calor no rosto.

— Puxa! — trovejou Adras, que corria a seu lado. — Outra vez! Quero luz!

Mais à frente, a espada de Milla deixou um rastro de imagens residuais luminescentes ao golpear os dois guardas que impediam sua passagem. Odris estava às voltas com seus Espíritos-Sombra de cintura fina, segurando um deles com um pé erguido enquanto agarrava o outro e

torcia, torcia, como se estivesse dando corda num brinquedo.

Os quatro entraram, então, pelo corredor do lado oeste, e o caminho estava desimpedido. Gritos, urros e o estardalhaço do alarme foram ficando para trás à medida que eles corriam e corriam.

— Por onde vamos? — gritou Milla quando chegaram a um primeiro entroncamento. Surgiu uma guarda que foi instantaneamente derrubada por Adras, e seu Espírito-Sombra foi arrasado por um soco de Odris, com os dois punhos.

— Ai não! — gritou Tal quando viu mais guardas vindo pelo lado esquerdo. Virou-se e viu que um outro pelotão se aproximava pela direita.

A única saída possível era seguir em frente e lá se foram eles, correndo novamente, enquanto Tal tentava desesperadamente se lembrar do mapa mostrado pelo Códex. Não conhecia a Ala Branca e já estava meio perdido.

Além disso, para onde poderiam correr?

— Guardas à frente! — gritou Milla quando chegaram a um outro entroncamento, de onde partiam três corredores.

Tal parou para olhar. Havia guardas lá na frente... mas isto não era o pior. Protegido pela primeira fileira de guardas, estava o corpanzil do Mestre-das-Sombras Sushin, vestindo os trajes de Representante Lumenor da Ordem Laranja. A seu lado, seu novo Espírito-Sombra, um monstro horrível, dotado de presas.

Sushin também viu Tal. Apesar dos braços gordos, seus reflexos eram mais rápidos que o do menino. Sua mão brilhou e disparou uma bola de luz Laranja que atravessou zunindo os quarenta trechos que os separavam.

Adras tentou rebatê-la, mas a bola passou direto pela palma de sua mão parecendo não tocar a carne-de-sombra.

Tal foi atingido quando estava erguendo sua própria Pedra-do-Sol, convocando desesperadamente um Escudo Azul de suas profundezas faiscantes.

Tarde demais. O escudo se formou quando a bola explodiu diante de sua cabeça. Ele sentiu que o fogo lhe queimava os olhos. Gritou e caiu para trás, esfregando as mãos naquilo que imaginava serem órbitas enegrecidas.

— Cego! — gritou ele. — Estou cego!

Sushin começou a rir, e os guardas e seu próprio Espírito-Sombra partiram para o ataque.

De súbito, o riso cessou, pois Milla arremessou sua espada de chifre de Merwin. Ela traçou uma curva no ar, como um relâmpago dourado, e atravessou o ombro esquerdo de Sushin, a ponta saindo pelas suas costas. Ele ficou olhando aquilo boquiaberto.

Os guardas e seu Espírito-Sombra pararam e olharam para trás.

Sushin fechou a boca. Um sorriso começou a se formar em seu rosto balofo.

Então, ele começou a rir de novo.

Foi o riso que fez Milla decidir sair correndo. Ela sabia que não tinha acertado o coração, que não tinha sido um golpe mortal. Mas nenhum homem normal poderia se ferir daquele jeito, e ficar rindo.

Tal tinha lhe falado de Sushin, e pudera perceber o medo que ele sentia. Agora, ela também

sentia esse medo.

Não era um dos Escolhidos. Seu riso a fez gelar por dentro — mais do que lá no seu mundo.



## Capítulo 32

— Adras, pegue Tal! — gritou Milla. — E corra!

— Não estou enxergando! — exclamou Tal apalpando os olhos feridos.

Adras apanhou Tal, enfiou-o debaixo do braço e recomeçou a correr, desviando-se aleatoriamente sempre que via guardas.

Milla tinha a sensação de que, em breve, haveria guardas em todos os corredores. Tinham de bolar um plano. Ela precisava saber aonde estavam indo.

Num momento em que não havia ninguém à vista, ela parou. Os outros quase a atropelaram.

— Estou cego! — gritou Tal. — Ele me cegou!

Milla lhe deu um tapa, com toda força. Depois, segurou suas mãos e olhou para seus olhos.

— Seus olhos estão bem — disse ela, rispidamente. — É como a cegueira da neve. Você vai ficar bom.

— Vou? — sussurrou Tal. Fez uma inspiração profunda, e mais outra. Ficar cego era o que os Escolhidos mais temiam. Um cego entre os Escolhidos era automaticamente rebaixado à categoria de Povo Inferior porque não pode trabalhar com luz.

— Vai, sim — confirmou Milla, embora não tivesse tanta certeza. Na verdade, seus olhos pareciam normais. — Se conseguirmos escapar. Como podemos sair da Ala Branca?

— Onde estamos, agora? — perguntou Tal.

— Não sei! É um túnel!

Tal pensou um pouco, ignorando a dor em suas órbitas.

— A rampa da lavanderia — disse ele. — É o único caminho entre os níveis em que não haverá guardas. Encontre alguém do Povo Inferior e mande ele mostrar o caminho.

— E como faço isso? — perguntou Milla.

— Oeste. Continue indo para o oeste.

Milla não respondeu. Apenas, recomeçou a correr. Tal ouviu seus passos, mas não vieram pegá-lo.

— Adras! — gritou ele, em pânico, certo de que tinha sido deixado para trás. — Adras!

— Sim? — perguntou Adras.

— Carregue-me. E fique junto de Milla e de Odris!

— Para onde elas foram? — perguntou Adras, pegando o menino no colo. — Eu não estava olhando.

Tal baixou a cabeça enquanto a irritação lutava com o medo, dentro dele, para saber quem sairia ganhando. Estava a ponto de explodir quando a voz de Milla veio ecoando pelo corredor.

— Adras! Venha!

Enquanto Adras ia meio deslizando, meio correndo, com ele no colo, Tal apalpou os olhos de novo, com todo cuidado. Tinham sido queimados mesmo? Mas, agora, estava mais calmo e, pelo menos, seus dedos lhe asseguravam que seus olhos ainda estavam ali.

Achou, então, que a carne-de-sombra de Adras estava bastante fria e pressionou a fronte

contra o Pastor de Tempestades, para fazer compressas nos olhos.

— O que você está fazendo? — indagou Adras, e reduziu a velocidade para olhar.

— Fazendo compressas frias nos olhos — disse Tal. Ocorreu-lhe uma idéia e ele perguntou:

— Você ainda consegue fazer chover?

Adras deu de ombros, um movimento que quase o fez deixar cair o menino.

— Preciso ficar mais fofo. E, se ficar mais fofo, não posso ter pernas. Podemos voar.

— Não, não — disse Tal. Adras voando pelos es treitos corredores da Ala Branca seria um desastre.

Tal ouviu, então, duas vozes, ao mesmo tempo. Uma, obviamente de um guarda, e a outra, de Milla.

“Estão aqui!” e “Depressa! Depressa! Encontrei alguém do Povo Inferior!”

Tal não ouviu o que Milla disse ao homem do Povo Inferior porque Adras não as alcançou antes que comesçassem, a correr. Continuava com os olhos bem encostados na sombra fria, piscando com frequência.

Aos poucos, foi percebendo alguma luz entrando pelos cantos de seus olhos, e sentiu um alívio imenso.

Alívio que arrefeceu com os gritos atrás deles... e, logo depois, à sua frente.

Tal arriscou uma olhadinha. Podia ver, mas muito pouco. Tinha a vista turva, cheia de manchas e pontinhos.

Estavam numa passagem do Povo Inferior, esbarrando em fileiras de caixas e sacos que continham sabe-se lá o quê. Milla estava gritando. A princípio, Tal não conseguiu entender por quê. Viu, então, vários membros do Povo Inferior apavorados que se colavam às paredes tentando sair do caminho. Segundos mais tarde, tiveram de fazer a mesma coisa quando os guardas passaram por ali, espada em punho e acompanhados de Espíritos-Sombra.

Não havia sinal de Sushin, o que deixou Tal incrivelmente grato.

— Parem, em nome da Imperatriz! — gritou o Comandante do Pelotão, e reduziu a velocidade para lançar um fecho de luz violeta sobre Tal. Mas não avisou aos que o seguiam que ia parar e foi atropelado por eles exatamente quando estava atirando. Acertou uma pilha de sacos de roupas, fazendo-os explodir em mil pedaços.

Os tecidos pegaram fogo e a fumaça começou a subir, enquanto os guardas saltavam por cima de seus companheiros caídos e continuavam a correr. Os Espíritos-Sombra se espalharam pelas paredes externas e pelo teto, onde podiam correr mais livremente, acompanhando seus senhores por cima e pelos lados.

O Povo Inferior tentava ficar fora do caminho, sofrendo calado.

— Rampa! — disse uma voz que Tal não reconheceu. Escapou dos braços de Adras e viu um velho do Povo Inferior apontando para a tampa que cobria a abertura da rampa da lavanderia.

— Vá na frente! — disse Milla. — Você sabe o caminho!

Tal hesitou e, então, entrou. Antes que a tampa se fechasse, já tinha acendido sua Pedra-do-Sol. Estava escuro, e tinha medo do que pudesse estar esperando por eles ali dentro. E se Sushin tivesse descoberto seu plano?

Antes que pudesse pensar em qualquer outra coisa, Milla, Adras e Odris vieram atrás dele. Milla lhe deu um encontrão, pelas costas, o que bastou para empurrá-lo da borda em que estava e fazê-lo cair na rampa propriamente dita.

— Uau! — berrou Tal despencando pela rampa de pedra encerada. Estava a uma velocidade pelo menos duas vezes maior que a habitual!

Antes que pudesse se dar conta, passou voando ao nível seguinte, e a tênue linha de luz em redor da tampa foi como um clarão momentâneo. Depois, a rampa fazia um ziguezague acentuado. Tal caiu de lado e sentiu uma pontada de dor na perna queimada pelo ácido.

O nível seguinte pareceu passar num segundo e lá veio de novo o ziguezague. Desta vez, Tal quase virou de cabeça para baixo, e Milla vinha colada às suas costas, o que fazia com que parecessem uma grande trouxa de roupa descendo a toda.

— Devagar! Temos de ir mais devagar! — gritou Tal pressionando os pés contra as bordas da rampa.

— Adras!

— Não! — gritou Milla. — Mais depressa! Estamos sendo perseguidos!

Mesmo assim, Tal continuou com os pés nas bordas, até que as solas já tão gastas se acabaram e ele queimou os pés, mais ainda que nas areias do deserto de Aenir.

Só então percebeu que Milla estava rindo.

Tinha rido durante toda a descida, e ainda estava rindo quando os quatro chegaram ao fim da linha, quicando e esbarrando num amontoado de sacolas de roupa suja dos Escolhidos.

Nem bem pararam e ela já estava de pé, fechando a tampa e passando o ferrolho.

— Onde estamos, agora? — perguntou.

— Povo Inferior 7 — disse Tal, olhando à sua volta — A Lavanderia Principal.

— Foi divertido — disse Adras. Odris concordou, balançando a cabeça.

— Não foi, não — disse Tal, muito sério. Virou-se para Milla, e perguntou:

— E você, por que estava rindo?

Milla o fitou.

— Minha espada — disse ela. — Ficou lá em cima, no monstro... aquele que parece um dos Escolhidos. Mestre-das-Sombras Sushin.

— E daí? — indagou Tal. Milla ainda estava embaçada e ele não conseguia perceber a expressão de seu rosto. Que graça tinha isso?

— Eu a atirei para salvar você — disse ela. — O que significa que você tem de ir até lá e trazê-la de volta para mim.

O queixo de Tal caiu. Não podia acreditar no que ela estava dizendo. Já era tão ruim o fato de Gref continuar prisioneiro e, ainda por cima, doente. E o Códex ter ficado lá em cima, no Mausoléu, onde ninguém poderia recorrer a ele.

Agora, ela queria que ele fosse recuperar sua espada?

E das mãos de Sushin?

— Ha, ha! — Milla ria e batia os nós dos dedos de ambas as mãos. — Olhe a sua cara!

— Você... — começou a dizer Tal. Mas parou. Um leve sorriso, hesitante, foi se abrindo em seu rosto.

— Conseguimos escapar — disse ele. — Mas você quer que eu ache que tenho de voltar...

— É isso mesmo — ria Milla, enquanto continuavam a caminhar.

— Brincadeira dos Homens-do-Gelo! — Tal queria rir também... mas, lembrou-se de Gref e o riso ficou entalado em sua garganta, até sair como um soluço isolado.

Ouviu-se um barulho tremendo e uma campainha começou a soar no momento em que a tampa se abriu e voltou a cair.

O riso de Milla parou instantaneamente.

— Rápido! — disse ela. — Para que lado?

Tal semicerrou os olhos, com o coração aos pulos. Ainda não estava conseguindo ver direito. Era a terceira porta que dava para a Caverna Baixa do Povo Inferior? Ou era a segunda?

— Por aqui! — disse ele, e logo estava tropeçando em meio aos sacos de roupa, com os outros três colados em seus calcanhares.

Estavam justamente passando pela porta quando o Espírito-Sombra de um guarda se esgueirou pela tampa com toda cautela e se empinou para dar uma olhada no local. Como tudo parecia seguro, deu-se por satisfeito e destrancou a tampa.

Momentos depois, uma enxurrada de guardas e Espíritos-Sombra veio saindo da rampa — se esticando, resmungando e praguejando. A rampa não era exatamente o lugar adequado para Escolhidos adultos. Não paravam de chegar e, então, os dois últimos tiveram que voltar para ajudar um outro particularmente roliço e pesado.

Era Sushin. Ele estava segurando a espada de chifre de Merwin e havia um grande buraco em sua túnica laranja, na altura do ombro.

Mas não havia sangue.

**FIM.**